



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**  
**MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**IRATUÃ FREITAS SILVA**

**A ELITE CEARENSE SOB A ÓTICA**  
**DO COLUNISTA SOCIAL LÚCIO BRASILEIRO.**

**FORTALEZA - CE**

**2022**

IRATUÃ FREITAS SILVA

A ELITE CEARENSE SOB A ÓTICA  
DO COLUNISTA SOCIAL LÚCIO BRASILEIRO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Cidades, Movimentos Sociais e Práticas Culturais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Borges Leão.

FORTALEZA - CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S58e Silva, Iratua Freitas.  
A ELITE CEARENSE : SOB A ÓTICA DO COLUNISTA SOCIAL LÚCIO BRASILEIRO. / Iratua Freitas Silva. – 2022.  
160 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. Andrea Borges Leão..
1. Elite (Ceará). 2. crônica social. 3. colunista social. 4. jornalismo – aspectos sociais. 5. Lúcio Brasileiro. I. Título.

CDD 301

---

IRATUÃ FREITAS

A ELITE CEARENSE SOB A ÓTICA DO COLUNISTA SOCIAL LÚCIO BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Cidades, Movimentos Sociais e Práticas Culturais.

Aprovada em: 28/01/2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Borges leão (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Linda Maria de Pontes Gondim

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Salete de Souza Nery

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

A Deus.

Aos meus pais, Chico (*in memoriam*) e  
Carmelita.

Ao Giacomo Brayner.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das melhores coisas que existe na vida. Em todos os projetos que nos envolvemos, somos surpreendidos por apoios e auxílios, vindo de ‘anjos da guarda’, na forma de seres humanos. Inicialmente quero agradecer a Deus, e a todas as forças cósmicas superiores que comandam o universo, pela dádiva da vida.

Agradecer minha mãezinha linda e amada Carmelita Cristina, por quem eu sou grato por minha vida, e agradecer a todos da família das Cristinas, pelo carinho e cuidado de sempre. Agradecer aos meus vizinhos de Morada Nova, pelos quais eu tenho um carinho muito especial, uma família que a vida me deu: Vera, Robério, Clara, Edna, Weligton, Margarida, Assuerio, José Milton, Josa, Deca, Cristina, Dé, Rita, Fernanda, Patricia, Paula, Rafaela, Manu, Amanda, Gilvan, Nem e Vaninha.

Agradecer ao companheiro de todas as horas, Giácomo Brayner, pelo carinho e apoio. Por me escutar, compreender e dialogar, ajudando-me a enriquecer esse trabalho. Muito obrigado!!!

Agradecer a todos os meus amigos de Morada Nova, especialmente, às pessoas Luciana Feitosa, Pontes Neto, Sirley Freire, aproveitar para agradecer também o carinho e amizade de Jeová Tavares, Fabiana Pontes e das crianças Maria Rita, João Marcelo e Tomás.

Agradecer a família do meu pai, aos Nogueiras, ao Crisóstomos, por todo afeto dispensado ao longo da minha caminhada, na pessoa da querida prima Izaura.

Agradecer a toda família Brayner, nas pessoas do Seu Brayner – in memoriam-e da Dona Noélia, pelo carinho e pelas muitas conversas sobre a Fortaleza do passado. Aos queridos Roncalli, Sarto, Eugênio, Larissa, Giovanni, Nivian, Nádia, Celly, Martiniano Junior, Aquiles Brayner e um agradecimento especial, aliás mais que especial, ao querido Cristian Brayner, pelo exímio trabalho de revisão e pelas inúmeras dúvidas que foram sanadas ao longo dos últimos meses, muito obrigado.

Agradecer a todo grupo Reka, Andrea Campos Costa, Isadora Capelo, Karine Studart, Lea Campos e Renata Santos, e aos pimpolhos lindos Gabriel e João e Alice e Caio, eles simbolizam VIDA!

Agradecer ao casal Cláudio e Renata Vale, por todo carinho e afetividade, e a ela pela oportunidade em uma nova seara profissional para mim, obrigado por confiar no meu

trabalho.

Agradecer a querida Rita Amaral, Ritinha, que me ajuda, como diria o ditado; ‘no que pode e no que não pode’. Obrigado!

Agradecer ao querido Gutemberg Figueiredo pelo apoio nesse trabalho, além de facilitar meu acesso na hemeroteca da ACI – Associação Cearense de Imprensa, foi através dele, que consegui a entrevista com Lúcio Brasileiro.

Agradecer aos queridos Ednilo Soárez, José Augusto Bezerra, Lúcio Alcântara e General Julio Lima Verde, todos do Instituto Histórico e Antropológico do Ceará.

Agradecer aos funcionários das hemerotecas da ACI, Instituto do Ceará, BECE, e da Hemeroteca do curso de história da UFC.

Agradecer a todos os meus colegas de turma de mestrado do PPGS da UFC.

Agradecer à Universidade Federal do Ceará, instituição das mais representativas em educação superior no país, que merece todo o respeito de todos os governantes que passarem pelo comando desse Brasil. Agradecer especialmente a todos os professores, funcionários e alunos do Departamento de Ciências Sociais da UFC e da pós-graduação em sociologia da UFC.

Agradecer ao professor Luís Sérgio Santos por todo apoio nesse trabalho, através dele, consegui várias e ricas entrevistas, e sempre conversamos sobre essa pesquisa.

Agradecer as queridas professoras Alba Carvalho, Cristina Maria, Simone Simões, Geisa Mattos, por tudo que tenho aprendido nessa caminhada.

Não posso deixar de registrar e agradecer as professoras Linda Gondim e Salete Nery, que fizeram parte da banca de qualificação deste trabalho, momento em que recebi valiosas dicas de como fazer a condução final do trabalho. Obrigado.

Um agradecimento especial para a professora Andréa Borges Leão, por toda a orientação do trabalho, da pesquisa, nos momentos de dúvidas, sempre esteve disponível para me escutar e me ajudar nas mais variadas questões. Muito obrigado.

Por último agradecer especialmente ao Governador Camilo Santana, ao secretário de ciência e tecnologia Inácio Arruda, e ao presidente da FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Pesquisador – Tarcísio Pequeno, pela bolsa que me foi concedida, que possibilitou essa pesquisa. Só gratidão.

“É graça divina começar bem; é graça maior persistir na caminhada certa; mas a graça das graças é não desistir nunca.”

(Dom Hélder Câmara)

## RESUMO

Analisa as elites cearenses a partir do olhar do colunista social Lúcio Brasileiro na sua primeira década de atuação (1955–1965), época conhecida popularmente como os “anos dourados”. Para tanto foram analisados todos os periódicos onde o colunista atuou – Gazeta de Notícias, O Jornal, jornal O Povo, Correios do Ceará, O Unitário e O Estado, os livros escritos sobre ele, como também os por ele lançado: Até Agora (2005), Assim Falava Paco... (2007), Pela Sociedade (2008), Longe de Dizer Adeus (2009) e 500 de Contos de Réis – Jubileu de Esmeraldas (2011) – seus programas de rádio e TV, bem como entrevistas concedidas pelo cronista. Constatou-se que sua produção de narrativas está associada em função da manutenção dos interesses da elite. Concluiu-se que as crônicas sociais, longe de representarem apenas uma narrativa rasteira ou politicamente descompromissada, reverbera toda a estrutura de poder vigente, *mix* de capitais simbólicos e econômicos. Percebemos que a elite cearense é um grupo relativamente coeso, que compartilha dos mesmos valores, tendo se valido do discurso do cronista como elemento de legitimação.

**Palavras-chave:** Elite (Ceará); crônica social; colunista social; jornalismo – aspectos sociais; jornal (Ceará); Lúcio Brasileiro.

## ABSTRACT

This study analyzes the elites of Ceará from the perspective of the social columnist Lúcio Brasileiro in his first decade of activity (1955-1965), a time popularly known as the “golden years”. For this purpose, all the journals where the columnist worked were analyzed - – Gazeta de Notícias, O Jornal, jornal O Povo, Correios do Ceará, O Unitário e O Estado, os livros escritos sobre ele, como também os por ele lançado: Até Agora (2005), Assim Falava Paco... (2007), Pela Sociedade (2008), Longe de Dizer Adeus (2009) e 500 de Contos de Réis – Jubileu de Esmeraldas (2011) – its radio and TV programs, as well as interviews granted by the chronicler. It appears that their production of narratives is associated with the maintenance of elite interests. It is concluded that the social chronicles, far from representing only a low-level or politically uncompromised narrative, reverberates the entire current power structure, a mix of symbolic and economic capitals. We realize that Ceará's elite is a relatively cohesive group, which shares the same values, having used the chronicler's discourse as an element of legitimation.

**Keywords:** Elite (Ceará); social chronicle; social columnist; journalism – social aspects; newspaper (Ceará); Lúcio Brasileiro.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS.

FOTOGRAFIA 1 - Epígrafes do livro 500 Contos de Réis (2011) de Lúcio Brasileiro. p. 8.	22
FOTOGRAFIA 2 - Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, p.20. 25 abr. 2019.	23
FOTOGRAFIA 3 - Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, p.14. 11 abr. 2019.	24
FOTOGRAFIA 4 – Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, p.16. 13 set. 2018.	26
FOTOGRAFIA 5 – Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, p.16. 5 out. 2018.	26
FOTOGRAFIA 6 – Lúcio Brasileiro recebeu em 25 de março de 2012, das mãos do então governador Cid Gomes a Medalha da Abolição, mais alta comenda do Estado do Ceará.	31
FOTOGRAFIA 7 – Nota coluna Binóculo de Figueiredo Pimentel no jornal Gazeta de Notícias, p. 4. 14 jul. 1909.	35
FOTOGRAFIA 8 – Nota coluna Binóculo de Figueiredo Pimentel, no jornal Gazeta de Notícias, p. 3. 20 ago. 1909.	36
FOTOGRAFIA 9 – Coluna Binóculo de Figueiredo Pimentel, Gazeta de Notícias. 28 out. 1909.	55
FOTOGRAFIA 10 – Crítica literária ao livro café-society de José Mauro Gonçalves. Data: 2 dez. 1956. p. 9.	66
FOTOGRAFIA 11 – Coluna De Jacintho de Thormes, Diário Carioca, p.6. 21 jul. 1945.	70
FOTOGRAFIA 12 – Coluna de Jacintho de Thormes, Diário Carioca, p. 6. 15 maio 1945.	71
FOTOGRAFIAS 13 e 14 – Em seu livro 30 anos de Reportagem, p.157, Ibrahim publicou essas duas fotos da inauguração de Brasília que aconteceu no dia 21 de abril de 1960.	72
FOTOGRAFIA 15 - Coluna Reportagem Social de Ibrahim Sued, O Globo. 20 jan. 1955.	75
FOTOGRAFIAS- 16 e 17 – Elisinha Moreira Sales e Beki Klabin eram apontadas como possíveis Damas de Preto.	77
FOTOGRAFIA 18 – Coluna de Zózimo Barrozo do Amaral no JB, p3. 5 fev. 1969.	82
FOTOGRAFIA 19 – Nota da coluna de Zózimo Barrozo do Amaral no JB, p. 3. 2 jan. 1980.	83

FOTOGRAFIA 20 – Nota da coluna de Zózimo Barrozo do Amaral, O Globo, 1999.	84
FOTOGRAFIA 21 – Espaço de Tavares de Miranda aos domingos, no jornal Folha de São Paulo, apresentando apenas fotografias e pouco texto.	85
FOTOGRAFIA 22 – Humberto de Campos, Hebe Camargo e Tavares de Miranda na TV TUPI em 1956.	85
FOTOGRAFIA 23 – Fachada da Loja Torre Eiffel, localizada na Major Facundo, especializada em artigos finos e de luxo. Arquivo Nirez.	95
FOTOGRAFIA 24 – Moças fortalezenses aproveitam a Praia de Iracema, o mar era então descoberto. Fonte reprodução foto livro Ah Fortaleza. p. 78.	101
FOTOGRAFIA 25 – Cartão Postal da fachada do ‘majestoso’ Náutico Atlético Cearense, ano não identificado. Reprodução foto livro Ah Fortaleza. p.128.	110
FOTOGRAFIA 26 – Bela Emília Correia Lima, Miss Brasil 1955, eleita pelo Maguary. Reprodução foto livro Sessão das Quatro. p. 91.	111
FOTOGRAFIA 27 – Festa para a eleita Glamour Girl, Fernanda Parente, em 1955. Da esquerda para a direita: LB, Jacinto de Thormes, Judithy Sendy, Walbamo, Glamour Girl Fernanda Parente, Roberto de Sangerie (Geraldo Silveira), promotor do evento. Reprodução foto livro Sessão das Quatro. p. 62.	111
FOTOGRAFIA 28 – Cartaz do primeiro concurso de Miss Ceará, em 1930. Senhorina Magnólia Cavalcante, concorre a Miss Fortaleza, enquanto a senhorina Alba Ferreira, concorre a Miss Ceará.	112
FOTOGRAFIA 29– Primeira coluna de Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias, 13 ago. 1955.	121
FOTOGRAFIA 30 – Anúncio estreia do programa Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias. 1 abril 1962.	125
FOTOGRAFIA 31 – Coluna Lúcio Brasileiro informa, Gazeta de Notícias, 2 out. 1959.	129
FOTOGRAFIA 32– Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias, 2 ago. 1972.	130
FOTOGRAFIA 33 - Livros Sociedade cearense dos anos de 2014, 2016 e 2020.	136
FOTOGRAFIA 34 – Verbete governador Camilo Santana. Livro Sociedade Cearense. Lúcio Brasileiro. p. 3.	136
FOTOGRAFIA 35 – Reprodução do verbete de Beatriz Gentil Philomeno Gomes, falecida recentemente. Livro Sociedade Cearense, edição de 2020, p. 163.	137
FOTOGRAFIA 36 – Reprodução do verbete do casal Jorge Parente e Nadja Bezerra. Livro Sociedade Cearense, edição de 2020, p.159.	137

- FOTOGRAFIA 37 – Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias, 138  
1 ago. 1957.
- FOTOGRAFIA 38 – Coluna Pela Sociedade Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias. 30 139  
mar. 1957.
- FOTOGRAFIA 39 – No Miss elegante Bangu, que aconteceu nos anos dourados 140  
(1958) no Ideal Clube, Esther de Castro, Fernanda Parente, Lucile Nóbrega e  
Benvinda Saboya. Acervo Lucile Nóbrega.
- FOTOGRAFIA 40 – Coluna Pela Sociedade Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias. 5 140  
jan. 1957.
- FOTOGRAFIA 41 – Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias. 141  
Foto da grande anfitriã Chiquita Gurgel, Samia Pinheiro e da primeira dama do  
Estado Marieta Cals. 29 set. 1971.

## SUMÁRIO.

<b>1 - INTRODUÇÃO – O DESAFIO DE SE ANALISAR A ELITE CEARENSE A PARTIR DO COLUNISMO SOCIAL.</b>	16
<b>CAPÍTULO 2 – AS ELITES E AS CIÊNCIAS SOCIAIS: EXAMINANDO PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS.</b>	29
2.1 Refletindo sobre a construção do objeto.	29
2.2 – Aportes teóricos.	40
<b>CAPÍTULO 3 – DEFININDO AS COLUNAS SOCIAIS.</b>	48
3.1 Surgimento da mídia.	498
3.2 Origem das colunas sociais.	53
3.3 Influência norte-americana no colunismo social brasileiro.	57
3.4 José Mauro Gonçalves e o café society brasileiro.	62
3.5 Famosos cronistas sociais brasileiros: Jacintho de Thormes, Ibrahim Sued, Zózimo Barrozo do Amaral e Tavares de Miranda.	66
<b>CAPÍTULO 4 – REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA SOCIEDADE CEARENSE</b>	87
4.1 Ao redor do forte surge uma cidade	87
4.2 Formatando uma cidade.	90
4.3 Fortaleza Belle Époque.	92
4.4 Fortaleza do século XX.	97
4.5 A cidade cresce além do centro.	100
4.6 O cearense descobre o mar.	101
4.7 Aldeia Aldeota: a cidade cresce para o leste.	102
4.8 A movimentação cultural de Fortaleza nos “anos dourados” e a crônica social cearense.	107
<b>CAPÍTULO 5 – LÚCIO BRASILEIRO E A ELITE CEARENSE.</b>	118
5.1 Lúcio Brasileiro versus Newton Cavalcante: uma pequena biografia.	118
5.2 Lúcio Brasileiro e a elite cearense.	127

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b>	144
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.</b>	146



## 1 INTRODUÇÃO – O DESAFIO DE SE ANALISAR A ELITE CEARENSE A PARTIR DO COLUNISMO SOCIAL.

“Cinza, meu amigo, é toda teoria,  
mas a árvore da vida é sempre verde.”

(Goethe)

Compartilho, de antemão, que experienciei, desde as primeiras aulas na Universidade, certa tendência nas Ciências Sociais em privilegiar o estudo das populações que ocupam espaços sociais, econômicos e culturais situados nas margens dos domínios de poder. Desse modo, o interesse de análise recairia sobre certo estado de marginalidade, ou seja, em “um modo limitado e inconsistentemente estruturado de pertencimento e de participação na estrutura geral da sociedade.”<sup>1</sup> A existência de uma margem pressupõe um centro ocupado por elites que valendo-se de uma infinidade de prerrogativas sociais, tais como status, capital econômico e poder de decisão na esfera política, geram para si a sensação de perpetuidade a partir de um melindroso mecanismo de delineamento das fronteiras simbólicas. Constatei que em relação a estes privilegiados reinava uma lacuna bastante significativa, o que poderia justificar um estudo sistêmico a esse respeito. No jogo complexo que constitui as relações humanas, por que não analisar a partir dos que ocupam o topo da pirâmide social?

Sabendo que “cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos de dimensões e níveis variáveis, do mais local ao mais global”,<sup>2</sup> não havendo, portanto, lacunas inconciliáveis entre a história individual e a coletiva, apresento, inicialmente, alguns dados relativos à minha trajetória de vida, para que se perceba os motivos pelos quais decidi estudar a elite cearense a partir das narrativas produzidas pelo colunista social Lúcio Brasileiro.

Sou natural da cidade cearense de Morada Nova. Situada no Vale do Jaguaribe, ela foi território habitado pelos índios Paiacu até que sua população fosse aldeada pelo padre João da

<sup>1</sup> QUIJANO, Aníbal. Notas sobre o conceito de marginalidade social. In: PEREIRA, Luiz (Org.). **Populações “marginais”**. São Paulo: Duas Cidades, 1978. p. 43.

<sup>2</sup> REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1992. p. 28.

Costa, vindo daí o primeiro nome do município: Aldeia Nova. Em 1999, ao finalizar o ensino médio, prestei vestibular para o curso de bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará, no qual fui aprovado, iniciando a graduação no ano seguinte, e deixando em definitivo minha cidade natal.

Por sempre ter gostado de fotografia – tanto em apreciá-las como produzi-las –, me matriculei, em 2001, num curso de fotografia, juntamente com o de cinema e vídeo, que são semestralmente ofertados pela Casa Amarela Eusélio Oliveira.<sup>3</sup> Isso me ajudou a ser introduzido, gradativamente, no universo das elites. É que em 2004 comecei a fazer alguns trabalhos *freelancer*, fotografando eventos sociais para serem publicados no jornal O Estado.<sup>4</sup> Após um ano de intensa atividade na área, fui contratado pelo mesmo jornal, sempre realizando coberturas fotográficas de eventos sociais, como casamentos, coquetéis, vernissages, aniversários, bailes de debutantes, coquetéis, lançamentos de livros e posses nas Academias de Letras, tribunais e na Ordem dos Advogados do Brasil. Foram 15 anos produzindo material fotográfico para o Linha Azul<sup>5</sup> de O Estado, caderno que circulava todas as sextas-feiras e trazia em suas oito páginas coberturas fotográficas dos eventos mais importantes da cidade, com a presença cativa dos membros da elite fortalezense. Também foi um período de distanciamento dos estudos de graduação em Ciências Sociais.

Uma década depois, em 2015, pedi a reabertura de matrícula para cumprir a carga horária que restava. Ademais, necessitava elaborar a monografia como trabalho de conclusão de curso, o que exigia a escolha de um objeto de pesquisa. Foi um período particularmente complicado, pois apesar de me interessar por alguns assuntos explorados durante a graduação, exigiria de mim grande esforço, já que estava longe da academia por um longo período. Concluí, após muita reflexão, que esta escolha deveria partir daquilo que me afetava enquanto pessoa. Foi aí que entrou a fotografia, que culminou na decisão pelo estudo da elite cearense.

---

<sup>3</sup> A Casa Amarela Eusélio Oliveira é um dos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará, ligado a sua Secretaria de Cultura Artística.

<sup>4</sup> O Jornal O Estado do Ceará foi lançado em 1936 pelo advogado e político José Martins Rodrigues, filiado ao PSD – Partido Social Democrata. O periódico, como muitos outros, era um jornal de militância política, usado como porta-voz dos possedistas.

<sup>5</sup> O nome Linha Azul é uma referência clara à expressão “sangue azul”, que remete à nobreza. Segundo o portal da Revista Super Interessante, quem melhor explica a origem dessa expressão é Michael Quinion, no seu livro *World Wide Words*. Para este estudioso de etimologia a expressão surgiu no século VIII, quando os mouros conquistaram a península ibérica. Segundo ele, houve uma miscigenação com os espanhóis – povo de pele muito branca – trazendo indivíduos mais morenos, deixando óbvia a mistura das duas raças. Os que formavam a aristocracia na época regozijaram-se por não terem se misturado aos mouros. Eles permaneceram com a pele branca e com as veias aparentes, se orgulhando daquele sangue azul, venoso. A partir daí surgiu a ideia de que o sangue azul demonstrava uma ascendência nobre, definindo, assim, uma espécie de linhagem diferenciada, ou um patamar mais elevado do que as pessoas “comuns” com sangue vermelho.

Afinal, a fotografia descortinou um universo até então desconhecido, o tão “glamoroso” mundo das elites. Foi desenvolvendo meu trabalho que percebi a existência desse “mundo” para poucos. É inesquecível a primeira vez que cobri a entrega do Troféu Sereia de Ouro,<sup>6</sup> Insignia criada em 1971 pelo bem-sucedido empresário Edson Queiroz.<sup>7</sup> Ao adentrar o majestoso Ideal Clube, presenciei um cenário surpreendente: decoração com muitas flores, peças de cristal e de prata, móveis antigos, o desembarque dos convidados em veículos importados conduzidos por motoristas treinados para abrir portas. Lembro, ainda, da interpretação musical em piano e sax, e da orquestra que tocava clássicos do Frank Sinatra. E as longas mesas montadas para um jantar com serviço à francesa? Era de causar confusão tantas taças e talheres.

Parafraseando Belchior,<sup>8</sup> como “um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior” entenderia todo aquele requintado ritual? Porque de fato, aquele universo era profundamente marcado pelo simbolismo, onde os códigos de valores da elite estão representados em cultura material, rituais, formas de ser e de viver. Contudo, vale observar que embora tenha me tornado um exímio observador dos maneirismos das elites, jamais imaginei que esse olhar recomporia minha vida acadêmica. De todo modo, faço minhas as palavras de Ortiz<sup>9</sup>:

Um pouco como os antropólogos procurei decifrar os habitantes dessas ilhas de Trobriand, impregnando-me de seus hábitos excêntricos, para mim, até então, pouco familiares. Mas não tínhamos ilusões, não se trata da clássica observação participante, a entrada nesse universo à parte é protegida por barreiras intransponíveis, os intrusos são cuidadosamente mantidos à distância.

Ao mesmo tempo que observava o vai-e-vém da aristocracia local em seus folguedos e solenidades, também fui aprendendo gradativamente a me portar em função do papel a mim atribuído. Em certas ocasiões, as posturas me eram sutilmente lembradas a tal ponto que

---

<sup>6</sup> O Troféu Sereia de Ouro é concedido, anualmente, pelo Grupo Edson Queiroz, para quatro personalidades, de diferentes setores da sociedade que contribuem para o desenvolvimento do Ceará.

<sup>7</sup> O empresário Edson Queiroz nasceu em Cascavel (CE), em 1925. A família vem para Fortaleza, onde seu pai montou um armazém de estivas. O empresário foi sócio de vários empreendimentos, até que em 1951 monta uma empresa de distribuição de gás e, depois, uma fábrica de fogões a gás. Foram esses os dois principais negócios que alavancaram seu sucesso como empreendedor, fazendo com que atualmente o Grupo Edson Queiroz seja um dos maiores do país. Educação, comunicação, gás, água, indústrias, são alguns dos negócios do grupo, além de uma rica e incalculável coleção de arte.

<sup>8</sup> Apenas um Rapaz Latino-Americano é uma canção composta e gravada por Belchior para o álbum Alucinação, de 1976, sendo a música de maior sucesso do artista.

<sup>9</sup> ORTIZ, Renato. **O universo do luxo**. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2019. p. 10.

estivesse plenamente habilitado a exercer minhas tarefas sem que isso representasse qualquer ameaça a liturgia dos espaços e aos seus legítimos protagonistas. Assim, como fotógrafo, deveria observar uma conduta polida, menos invasiva. Afinal, enquanto para alguns – os convidados – aquele era um espaço do deleite, para outros era a geografia do trabalho, o que envolvia no meu caso, não apenas produzir fotos adequadas, mas se portar adequadamente.

Junto a mim, garçons, recepcionistas, balconistas, auxiliares de limpeza, fotógrafos, cinegrafistas, cerimonialistas, decoradores, músicos e uma gama de profissionais que trabalham no mercado de eventos para que as festas requintadas possam acontecer. Os que durante o evento tem trânsito livre entre os convidados, como garçons e fotógrafos, são os mais “monitorados”, ou treinados para agirem com a maior discrição possível. Afinal, como tão bem registrou Foucault<sup>10</sup>, “o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.” É evidente que todos esses elementos foram atraindo a minha atenção, mas não a ponto de se tornar objeto de análise.

Foi somente ao ler, meio ao acaso – se porventura isso existir – o livro *Colunistas e Colunáveis*, do jornalista José Augusto Lopes,<sup>11</sup> que tive o *insight* para a escolha do meu tema de pesquisa. Nesta obra o autor faz um mapeamento do colunismo social no Ceará em diversas décadas, e narra suas experiências como cronista. Lopes constrói um paralelo entre aquele ano e os conhecidos “anos dourados” da década de 1950. Em uma passagem da referida obra afirma<sup>12</sup>:

Está claro que 97 não é 55. De Judith Senty a Lêda Maria Souto um longo caminho foi percorrido. Mudanças radicais ocorreram no mundo e no país. Não somos mais filhos de Hollywood, nem se fazem musicais em technicolor com a Doris Day e o Gene Kelly. Também sobrevivemos à censura insana do regime passado. Mas não somos assim tão livres. O poder econômico também cerceia e coage. Só que de maneira disfarçada, revestido de veludo e sedas neoliberais. Embora possamos falar mais e irmos mais longe em certos enfoques, vez por outra reluz uma espada de Dâmocles no ar. Certo que subsiste um lado fútil, até mesmo na cíclica construção de falsos mitos e ídolos dos pés de barro. Mas quem se julga capaz de sentenciar a vaidade humana? Pessoas que dizem ter “ojeriza a sair em colunas” me parecem pouco naturais e sinceras. “Potins” existem desde os tambores e fumaça dos índios

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 29.

<sup>11</sup> LOPES, José Augusto. **Colunistas e colunáveis**: entrevistas sobre comportamento social. Fortaleza: ABC, 1997.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 119, grifo nosso.

mais primitivos até a obra de Honoré de Balzac e Moreira Campos. *Através deles, ainda que de modo leve e desprezioso, os colunistas sociais ajudam a contar a história das últimas décadas. Esboçando caráter, explorando situações, registrando costumes, todos contribuem para a análise do grande painel social. Quem melhor assinalaria, no cotidiano, a ascensão e queda dos seus personagens, quer sejam milionários, políticos ou artistas? Os sociólogos bem que poderiam, por essa ótica, desenvolver instigante tese de mestrado.*

É indubitável que as colunas sociais oferecem um profuso leque de elementos que além de indicar quem são, como vivem, como pensam e como agem as elites brasileiras, nos possibilita estabelecer relações dessas narrativas pretensamente comezinhas com o cenário regional e mesmo nacional. Com isso, as colunas sociais locais – que se popularizaram pelos jornais brasileiros na década de 1950 – são uma fonte por excelência para a compreensão do que pensam as elites locais e regionais em relação a si mesmas, mas também das pautas e sujeitos fora de seu círculo.

Assim, pelo impacto gerado com a leitura do trecho da referida obra, tive a ideia de me debruçar sobre as colunas sociais. Meu pensamento inicial era estudar a crônica social cearense em geral, tarefa deveras exigente, pois no Ceará já existiram inúmeros cronistas sociais no curso das décadas. Pela amplitude do espectro e sua natural inviabilidade de ser esquadrihada, foquei em estudar as narrativas dos Lúcio Brasileiro.<sup>13</sup> Mesmo restrito a este cronista, o desafio era considerável, já que sua atuação de décadas gerou uma produção textual muito significativa. Finalmente me limitei a analisar sua primeira década como colunista (1955-1965), momento em que o Brasil, inclusive o Ceará, passava pelos conhecidos “anos dourados”.

A escolha do objeto recaiu sobre LB por ser ele ser uma referência no campo da crônica social do Ceará. Considerado por muitos o papa do colunismo social, iniciou sua trajetória em 1955, escrevendo diariamente em sua coluna. Lúcio afirmou que foram pouquíssimas vezes que deixou de escrever, ou por algum motivo a coluna não circulou. Mas esse hiato, segundo ainda ele, não teria chegado a uma dezena de dias em seus já completados sessenta e seis anos como cronista. Um cálculo grosseiro nos leva a constatar que ele já publicou mais de 24 mil vezes em sua coluna. Essa monta de textos o elevaria à condição de

---

<sup>13</sup> Ao longo do texto refiro-me a Lúcio Brasileiro como LB, um dos codinomes por ele utilizado.

recordista a ser citado no Guinness Book.<sup>14</sup> Exageros à parte, o fato é que Lúcio se destaca dos outros cronistas Brasil afora por estar vivo e atuante, caso raro no jornalismo brasileiro. De fato, outros cronistas de grande relevo, tais como Jacintho de Thormes, Ibrahim Sued, Zózimo Barrozo do Amaral, Tavares de Miranda, já faleceram.

Outro fator que pode explicar seu sucesso e perpetuação na imprensa escrita cearense é o de ter se ocupado exclusivamente em dar voz ao *crème de la crème* de nossa sociedade. São palavras do próprio:

Quando eu escrevia em jornal menor (a gazeta tinha tiragem bem inferior ao Correio do Ceará, Unitário e, sobretudo O Povo), meu grande trunfo era a seleção das pessoas citadas, só saía quem tinha tradição ou posição, enquanto colegas facilitavam. Eles podiam ser mais lidos, mas a verdadeira sociedade estava comigo. Devo admitir que herdei os nomes da coluna do Roberto de Sangerie, que também era muito rigoroso.<sup>15</sup>

Vale, ainda, ressaltar, que além das razões elencadas, LB foi escolhido por conta de suas polêmicas opiniões que, em muitos casos, me afetaram, tanto enquanto ser humano, quanto pesquisador. É importante, desde já, salientar que esse construto intitulado “ciência” envolve um processo tenso entre variáveis em múltiplas instâncias, já que “o cientista social está mergulhado ‘até o pescoço’ no mundo em que ele quer estudar”.<sup>16</sup>

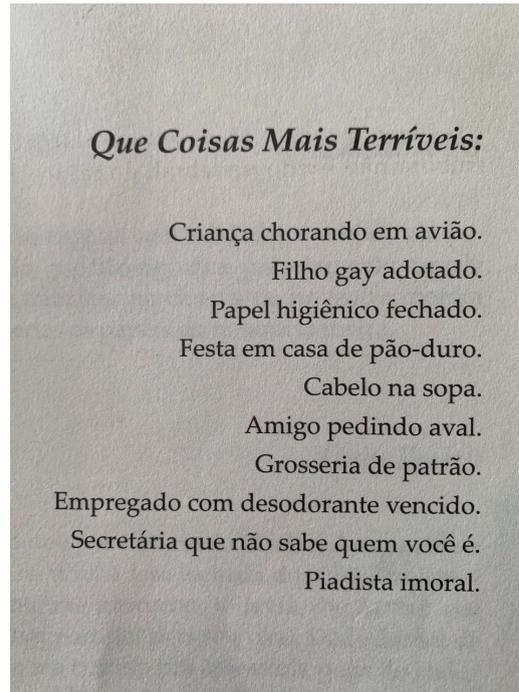
Minha afetação evocada no parágrafo anterior se deu não apenas pelo modo com que o cronista se comunica, numa linguagem crua e direta, mas também em relação aos valores compartilhados com os seus leitores. Foi nessa condição que me deparei com a epígrafe abaixo:

---

<sup>14</sup> VIANA, Karoline. Lúcio Brasileiro, 50 anos de jornalismo. **Portal Imprensa**, 30 maio 2005. Disponível em: [https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/4129/lucio+brasileiro+50+anos+de+jornalismo](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/4129/lucio+brasileiro+50+anos+de+jornalismo). Acesso em: 8 nov. 2021.

<sup>15</sup> BRASILEIRO, Lúcio. **Assim falava Paco**. Fortaleza: LCR, 2007. p.115.

<sup>16</sup> GONDIM, Linda. **Uma dama na belle époque de Fortaleza**: Maria de Lourdes Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana. Fortaleza: Editora Gráfica LCR, 2001. p. 40.



FOTOGRAFIA 1 – Epígrafe do livro 500 Contos de Réis (2011, p. 8), de Lúcio Brasileiro.

Ao incluir o “filho gay adotado” no rol das “coisas mais terríveis”, o texto me causou, além do choque inicial de quem vive nesta dupla condição “aterradora”, um interesse em compreender as motivações não apenas do texto em tela, mas da relação desse discurso – em que pessoas são fatalmente comparadas a objetos ou situações desconfortáveis – com a elite cearense, a quem o texto se destina.

É importante observar que a longa carreira de LB sinaliza que seu discurso reverbera favoravelmente entre seus leitores, garantindo-lhe, inclusive, uma condição bastante confortável de opinar em relação a múltiplas pautas, inclusive as mais espinhosas. Em sua coluna do dia 14 de dezembro de 2018, por exemplo, LB, não satisfeito com o resultado das urnas que garantiu vitória à extrema direita no Brasil, sugeriu a instalação do nacional-socialismo como medida redentora:

APANHADO POLÍTICO...Não será uma eleição nem várias eleições que poderão salvar o País, pois o buraco é mais embaixo e muito grande, tem de haver uma mudança de regime. Talvez implantação do nacional-socialismo, que livrou a

Alemanha do comunismo, nos anos 20 e 30, pois a queda da Rússia, a mira dos vermelhos era a Alemanha.<sup>17</sup>

Para o colunista, não bastava a vitória de Jair Bolsonaro para mudar o país, e sim, a implementação de um regime racista, totalitário, antidemocrático, como o implementado na Alemanha hitlerista. Além de ter sido recebida como uma tentativa de apaziguamento da tragédia que foi o nazismo, sua fala revelou ignorância em relação ao fato de a apologia ao nazismo ser proibida no Brasil, com previsão em nossa Constituição Federal. A nota repercutiu nacionalmente, tendo várias instituições se pronunciado em defesa da democracia.

18

O fato é que mesmo em relação a opiniões de forte teor polemista, presumo haver certa sintonia com o pensamento daqueles que figuram em sua coluna, e que são também seus leitores: a elite. Para parcela de nossa elite cearense, como também para Lúcio Brasileiro, não houve ditadura militar no Brasil, mas sim uma “Revolução”, como ele deixa explícito na coluna abaixo.



FOTOGRAFIA 2 – Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, Fortaleza, 25 abr. 2019, p.20.

<sup>17</sup> BRASILEIRO, Lúcio. Talvez implantação... **O Povo**, Fortaleza, 14 dez. 2018. Disponível em:

<https://mais.opovo.com.br/jornal/colunas/luciobrasileiro/2018/12/tendo-de-permanecer.html>. Acesso em: 15 mar. 2020.

<sup>18</sup> Para a FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas, o colunista teria violado o Código de Ética dos jornalistas. A ombudsman de O Povo à época, Daniela Nogueira, dedicou seu espaço semanal do dia 23 de dezembro de 2018, para tratar do assunto e responder a enxurrada de críticas dos leitores, quando muitos acusaram o Jornal de cumplicidade por ter publicado a nota.

A sintonia entre o colunista e a elite vai se consolidando por meio de um projeto contínuo de ressignificação do cenário político nacional. Porque sua coluna é, fundamentalmente, “um acontecimento entre sujeitos”,<sup>19</sup> que cria entre eles consenso. LB escreve a realidade a partir de um lugar valorativo, e jamais negou tal método. Sua capilaridade tem por fonte a habilidade em fazer ecoar por meio do signo linguístico o ponto de vista da aristocracia local.

Além de intérprete, Lúcio Brasileiro quer ser pedagogo. Ele se investe da missão de tornar palatável um conjunto de teses conservadoras, inclusive concernentes a movimentos políticos nacionais. É sabido que em 1964, a grande mídia considerava o presidente Jango “fraco, indeciso e de realizar um governo caótico e prestes a ser dominado pelos comunistas”;<sup>20</sup> LB ressuscita o deteriorado discurso. Na coluna a seguir, por exemplo, instrui seus leitores a refutar o verbete “revolução”, sugerindo a expressão “movimento militar” que teria botado “para correr” o “indeciso presidente Jango”.



FOTOGRAFIA 3 – Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, Fortaleza, 11 abr. 2019, p.14.

<sup>19</sup> MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 117.

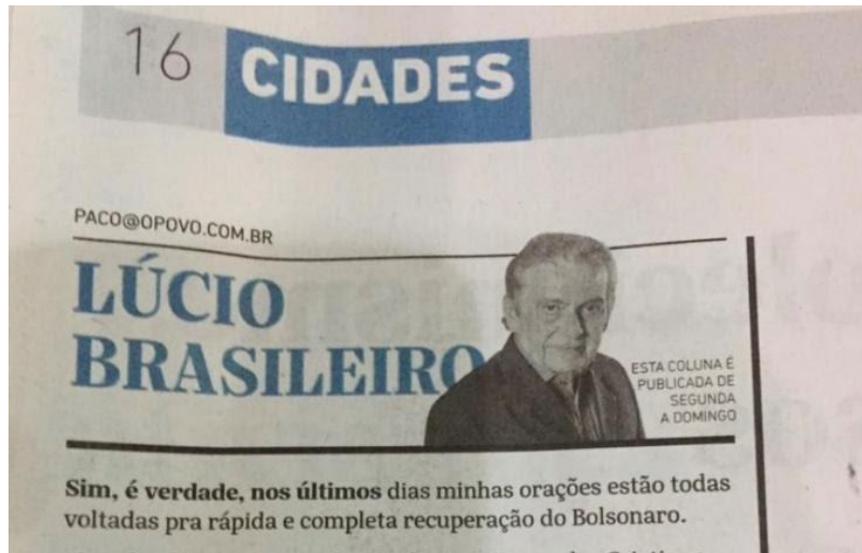
<sup>20</sup> MOREIRA, Cássio. O Golpe de 1964 foi contra o Trabalhismo. *Correio do Povo*, Fortaleza, 24 abr. 2013. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/o-golpe-de-1964-foi-contra-o-trabalhismo-1.297937>. Acesso em: 12 dez. 2022.

A tese de uma iminente instauração do comunismo tem sido explorada à exaustão pela opinião pública, bem como pelos militares. Valendo-se da necessidade urgente de salvar o Brasil das garras dos comunistas, o golpe de Estado em 1964 foi justificado. É oportuno ressaltar, que nos últimos anos no Brasil, desde o início da redemocratização, não existiu uma “rememoração” positiva tão grande da ditadura militar, pós-golpe de 1964. Exemplo disso foi o apoio que a elite brasileira e cearense concedeu ao ultradireitista Bolsonaro; vários foram os encontros da burguesia fortalezense na Praça Portugal localizada no coração da área nobre da cidade para apoiar Bolsonaro, pedir a volta da ditadura militar, exaltar nomes, como o do torturador General Ustra, ou pedir a criminalização do comunismo. Entretanto, vale ressaltar o papel do signo na deflagração deste movimento com forte pretensão de institucionalização. Nestes termos, a coluna do LB não apenas reverbera, mas enquanto sistema ideológico institucionalizado – esta é a natureza da imprensa – exerce sobre os manifestantes da Praça Portugal forte influência, dando tom a este movimento.<sup>21</sup>

Na arena do signo, a relação entre a coluna, o objeto de desejo e o leitor vai se tornando mais explícita. A foto abaixo revela o afeto e preocupação do colunista para com o então candidato à presidência Jair Bolsonaro ao ser esfaqueado. Uma semana após o incidente, o cronista publica nota, afirmando ser verdade que suas orações, “estão todas voltadas para rápida e completa recuperação de Bolsonaro”. LB quer afugentar, definitivamente, de sua coluna a natureza plurivalente da linguagem.

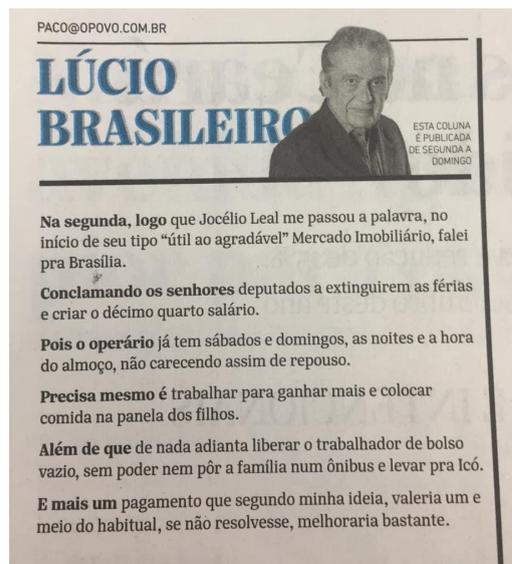
---

<sup>21</sup> BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 121.



FOTOGRAFIA 4 – Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, Fortaleza, 13 set. 2018, p.16.

É marcante a audácia de LB em apregoar ideias raramente compartilhadas na arena pública. Enquanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos dispõe ser direito de toda pessoa o repouso e o lazer, inclusive as férias periódicas, e nessa mesma linha, nossa Carta Magna e a Consolidação das Leis do Trabalho preveem o direito a férias remuneradas, com o objetivo de não abalar a saúde dos trabalhadores, LB se declara veemente contrário a tais benefícios, e “conclama os senhores Deputados” a extingui-los. São palavras dele:



FOTOGRAFIA 5 – Coluna Lúcio Brasileiro, O Povo, Fortaleza, 5 out. 2018, p.16.

Para o colunista, ao invés de férias, os operários deveriam receber um 14º salário, como se a máquina humana não carecesse de descanso. Segundo ele, o trabalhador já tem os finais de semana, sábados e domingos. O trabalhador “precisa mesmo é trabalhar para ganhar mais e colocar comida na panela dos filhos e nada adianta liberar o trabalhador de bolso vazio, sem poder nem pôr a família num ônibus e levar para Icó.”

Esse pensamento de Lúcio revela-se bastante burguês e capitalista, reduzindo a vida do trabalhador ao caráter utilitário de se fazer gerir a máquina capitalista. Os momentos de lazer com a família e os filhos, visitar um parente numa cidade do interior, como Icó, e de ônibus, é posto em cheque duplamente, não apenas por se tratar de direito de pobre – ele nem cogita a hipótese de avião, como meio de transporte para o trabalhador – como da impossibilidade do mesmo ter condição econômica para tanto.

A peripécia do cronista me fez recordar de um outro discurso tão violento quanto o protagonizado pela colunista social Danuza Leão,<sup>22</sup> quando afirmou “que ir a Paris ou Nova Iorque perdeu a graça diante do perigo de dar de cara com o porteiro do próprio prédio”. Ou ainda, do que declarou a esposa do ator e humorista Renato Aragão, Lilian Taranto,<sup>23</sup> na sua rede social Instagram, dizendo que estava no aeroporto, mas “sentindo-se” em uma rodoviária, achando que as pessoas estavam muito “mal-vestidas”.

Os discursos de estranhamento perpetrados por ambas e pelo próprio LB reverberam os valores de uma elite, que percebem a ascensão econômica, ou o poder de compra de camadas mais populares, como uma ameaça. Assim, pobre não precisa de férias, não pode andar de avião e, muito menos, viajar para o exterior, o que representaria um estado de anomalia na malha social. Parece que causa pânico na nossa elite notar que espaços antes ocupados apenas “por eles” estão democratizados.

Mesmo não sendo o período em que me proponho a estudar, já que meu foco é a década de 1955-1965, essas colunas que compartilhei anteriormente, publicadas nos últimos quatro anos, servem para um panorama das opiniões do colunista social Lúcio Brasileiro, em

---

<sup>22</sup> LEÃO, Danuza. Ser especial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 nov. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/80046-ser-especial.shtml>. Acesso em: 8 nov. 2021.

<sup>23</sup> MULHER de Renato Aragão se desculpa após comparar aeroporto com rodoviária. **Isto É**, São Paulo, 27 maio 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/mulher-de-renato-aragao-se-desculpa-apos-comparar-aeroporto-com-rodoviaria/>. Acesso em: 6 nov. 2021.

particular o seu lastro em mais diversos domínios da vida do país, desde questões do cotidiano a opiniões políticas.

São opiniões que convergem com as percepções e experiências das elites brasileiras e cearenses, e elas tem fundamental importância para entendermos a percepção de mundo de LB, bem como o que ele vem divulgando em sua coluna ao longo das últimas seis décadas. Com essa pretensão, o presente trabalho se divide em cinco capítulos. A escolha e ordem dos mesmos tem uma lógica construída dentro do meu caminhar na pesquisa e do meu aprendizado com o tema. Após a presente, trato no Capítulo 2 de algumas descobertas e observações metodológicas, como também, faço um *review* da construção do conceito de elite. Já no Capítulo 3 me dedico a entender o surgimento e o funcionamento das colunas sociais. Seguindo, abordo alguns aspectos históricos da formação do Ceará e de sua sociedade e no derradeiro capítulo busco entender quem é o personagem Lúcio Brasileiro, como também apresento alguns aspectos de como a coluna de LB permanece sendo um observatório da elite cearense, de suas práticas sociais e da formação de grupos.

## CAPÍTULO 2 – AS ELITES E AS CIÊNCIAS SOCIAIS: EXAMINANDO PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS.

### 2.1 Refletindo sobre a construção do objeto.

“A família é a ditadura do afeto.”

(Lúcio Brasileiro)

As pessoas são construções sociais. Nossas experiências, alegrias e tristezas, o que vemos, o que sentimos e o que consumimos nos influenciam diariamente, formando nosso caráter, nosso modo de ver o mundo, criando assim o nosso olhar sobre as coisas e sobre fatos. Assim, concordo com Wright Mills<sup>24</sup> ao apregoar que o bom pesquisador não separa a sua pesquisa da sua vida.

É melhor começar, creio, lembrando aos principiantes que os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual que escolheram não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento de outras.

Em verdade, o exercício deste trabalho de fotografar os eventos mais “chiques” da cidade, convivendo com as *socialites*,<sup>25</sup> permitiu-me observar os meandros, as cenas, os rituais e os comportamentos, tornando possível desenvolver um trabalho de viés sociológico, fazendo a tessitura entre as teorias e as experiências por mim presenciadas, exercitando, desse modo, o meu artesanato intelectual, tão defendido por Mills.<sup>26</sup>

Essa experiência de trabalhar com as colunas sociais apresentou-me algumas dúvidas sobre o tema. O que torna uma pessoa ser “colunável”? Por que determinadas pessoas são

<sup>24</sup> MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 211.

<sup>25</sup> Mulheres que fazem parte das altas rodas, tem uma vida social agitada, participa e organiza eventos. São ligadas a superficialidade, futilidade, mesmo algumas “considerando-se” beneméritas, ajudando ao próximo. As colunas sociais servem como meio de promover a imagem das socialites, atualmente as redes sociais também cumprem esse papel.

<sup>26</sup> MILLS, op. cit.

glamourosamente representadas em imagens nas colunas sociais dos jornais? Ao longo do tempo histórico, como o grupo dos “colunáveis” admite novos membros e relega tantos outros? Afinal, quais os predicados da chamada *high society*?

Uma das minhas primeiras aferições após a pesquisa foi perceber que as elites de setores diversos da sociedade fazem parte do mosaico de colunáveis do cronista Lúcio Brasileiro. Na realidade, quero diluir ao longo desse trabalho todos os resultados e as ideias que surgiram. Assim a elite política, a elite econômica, além da elite cultural e social do Estado do Ceará, formam as elites retratadas nas colunas de Lúcio Brasileiro.

Nascido Francisco Newton Quezado Cavalcante, Lúcio Brasileiro foi homenageado com a Medalha da Abolição, a mais alta comenda concedida pelo Governo do Estado do Ceará. A honraria é tradicionalmente entregue em solenidade que acontece no dia 25 de março, feriado estadual em que se comemora o fim da escravatura negra. Lúcio recebeu a honraria das mãos do governador Cid Gomes, em 2012, expressando, assim, seu relevo cultural, afetivo e histórico para o Ceará. Eis a descrição do próprio LB<sup>27</sup> em relação ao seu trabalho:

Lúcio Brasileiro, um dos grandes colunistas da imprensa do Ceará é referência para toda a classe jornalística, é memória viva da sociedade fortalezense. Notável depositório do que bem determina a etiqueta, o jornalista é também radialista e escritor. Mantém coluna diária no jornal O Povo, programa na Rádio O Povo CBN, de segunda a sexta, às 15h15, e, às quintas-feiras, ele participa do Gente na TV, na TV Jangadeiro, às 11h15min. Lúcio é apontado como o jornalista diário mais antigo do mundo.

---

<sup>27</sup> BRASILEIRO, Lúcio. **Blog de Lúcio Brasileiro na quinta avenida**. Disponível em: <http://lucibrasileiro.com.br/2022/01/19/ilustradas-773/>. Acesso em: 4 set. 2022.



FOTOGRAFIA 6 – Lúcio Brasileiro recebendo, em 25 de março de 2012, das mãos do então governador Cid Gomes a Medalha da Abolição, mais alta comenda do Estado do Ceará. Foto: acervo de Iratua Freitas

O colonismo social é geralmente associado a substantivos pejorativos, tais como futilidade, frivolidade, superficialidade e frescura. Contudo, as colunas sociais se revelam excelentes fontes primárias para se entender as elites, em particular o Brasil cujo “jornalismo social” esteve tão veemente voltado para a alta sociedade, reverberando seus valores e gerando um sentimento de pertença e identidade entre seus membros.

A coluna social é a fonte por excelência para se compreender as elites e as relações entre imprensa e sociedade de uma forma geral. Vejamos como Gilberto Freyre<sup>28</sup> observava as colunas sociais:

Sou dos que vêem na crônica social um registro de fatos ou de ocorrências que constituem expressão de convívio humano numa de suas formas mais sutilmente significativas dentro de um contexto da vida brasileira, que já sendo pós-burguês numas coisas, noutras continua burguês. Pode esse registro ser, por vezes, uma carícia a vaidade de convivas de todo frívolos. Mas quem nega ser próprio do ser humano, burguês ou pós-burguês, o pecado da vaidade? Nunca vi tantas medalhas a enfeitarem peitos de homens como generais russo-sociéticos que tenho conhecido. Quem não sofre da vaidade, ainda burguesa, de ter noticiado, no Brasil de hoje, em jornal, o batizado de um filho ou um noivado de uma filha ou um jantar oferecido a um amigo? São fatos que constituem um burguesíssimo ramerrame, isto é certo. Mas esse ramerrame parte da história da vida, do convívio de uma comunidade do feitio

<sup>28</sup> FREYRE, Gilberto. A crônica social. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 set. 1978.

do brasileiro dos nossos dias, tanto quanto dos dias dos nossos pais e dos nossos avós.

Freyre, nesse trecho, demonstra que a burguesia tinha a necessidade de estampar seus nomes nas páginas dos jornais, registrando fatos do cotidiano da família para externar sua felicidade, seja nos negócios, no casamento de um filho, nos 15 anos de uma filha, firmando-se assim na sociedade.

A coluna social indicaria, assim, prestígio, renome, consideração, sendo uma espécie de vitrine para a burguesia ditar regras, se mantendo no topo entre os privilegiados. Na realidade, esse burguesíssimo ramerrame, ou essa rotina burguesa nasce com a pessoa. Ele é algo intrínseco ao pensamento burguês, entranhadíssimo em seu modo de agir, um *habitus*.

(...) o *habitus* integra o conjunto dos efeitos das determinações impostas pelas condições materiais de existência (cuja eficácia se encontra cada vez mais subordinada ao efeito da ação de formação e de informação previamente suportada à medida que se avança no tempo). Ele é a classe incorporada – incluindo propriedades biológicas socialmente modeladas, tais como o sexo e a idade – e, em todos os casos de deslocamento intergeracional ou intrageracional, distingue-se (em seus efeitos) da classe objetivada em determinado momento (sob a forma de propriedades diplomas, etc.), no sentido em que ele é o produto e, neste caso, diferem mais ou menos das condições de sua atualização. As determinações que, ao longo de toda existência, se exercem sobre os agentes constituem um sistema no interior do qual um peso predominante cabe, por um lado, a fatores, tais como o capital possuído, definido em seu volume global, e, também, em sua estrutura, e, por outro à posição correlata nas relações de produção (identificada através da profissão, com todas as determinações que lhe estão associadas, tais como a influência das condições de trabalho, do meio profissional, etc.<sup>29</sup>

Mas, afinal, o que é coluna social? Trata-se de “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, e geralmente assinada, redigida em um estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum”.<sup>30</sup> Nestes termos, a coluna social é formada por notas

<sup>29</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008. p. 410.

<sup>30</sup> MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p. 139.

sobre fatos atuais com temáticas múltiplas, tais como a política, a literatura, os esportes e as artes.

Mário Erbolato<sup>31</sup> ressalta que na coluna social, a notícia, muitas vezes, é publicada pela importância do retratado, e não pelo fato em si. O objetivo é duplo: o primeiro deles é gerar a ideia generalizada de participação neste universo restrito:

O colunismo atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor. Já que a maioria das pessoas está excluída do reduzido círculo dos colunáveis (poder/estrelato), dá-se-lhe a sensação de participar desse mundo, através dos colunistas. Trata-se de uma forma de participação artificial, abstrata. Participam sem fazer parte. Acompanham à distância.<sup>32</sup>

O segundo é garantir lastro de seu universo simbólico, tornando-o o mais admissível e desejável. Afinal, “para que as hierarquias sociais sejam respeitadas na prática, mesmo que elas sejam ideologicamente contestáveis, é preciso, com efeito, que os dominados sejam intimidados pelo universo dos dominantes.”<sup>33</sup>

Nos meus momentos de reflexão, surgiu-me a dúvida: será que detenho conhecimentos epistemológicos e metodológicos suficientes para compor um trabalho de pesquisa sobre esta temática, aparentemente tão fora do campo acadêmico? Após minhas formulações iniciais, cheguei à conclusão que seria possível transformar o mundo *high society*, expresso nas colunas sociais, em objeto de análise sociológica.

Afastei-me paulatinamente da visão de profissional da área, construindo, a partir das ruínas, outro olhar sobre as narrativas dos cronistas sociais. Tratou-se, evidentemente, de um desafio esquadrihar tal objeto dentro dos alicerces da Sociologia. Tive que exercer um estranhamento crítico, ciente de que nada se dá a priori. Seria de fundamental importância para a minha pesquisa exercitar um olhar distinto sobre o tema, gerando reflexões sobre o mesmo, valendo-se, inclusive, das possibilidades aventadas pela academia.

Nos últimos tempos, tem sido postas em xeque as amarras lineares na produção científica, liberando os pesquisadores de certas algemas, tanto em relação ao método, quanto ao objeto. A ciência tornou-se menos rígida. É evidente que isso não implicou perda do rigor

<sup>31</sup> ERBOLATO, Mário. **Jornalismo especializado**. São Paulo: Atlas, 1983.

<sup>32</sup> MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo**. Petrópolis, Vozes, 1994. p. 140.

<sup>33</sup> PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Dominique. **La violence des riches**: chronique d'une immense casse sociale. Paris: La Découverte, 2013. p. 182, tradução nossa.

de análise. Um pesquisador não pode confundir rigor com rigidez. Por que não colocar em prática a proposta de Nietzsche<sup>34</sup> de pensar a ciência como um saber alegre e do contrassenso? Assim, o que antes era tido como indigno e irrelevante no campo científico, passa a ocupar espaço no jogo dos saberes. É o caso das crônicas sociais.

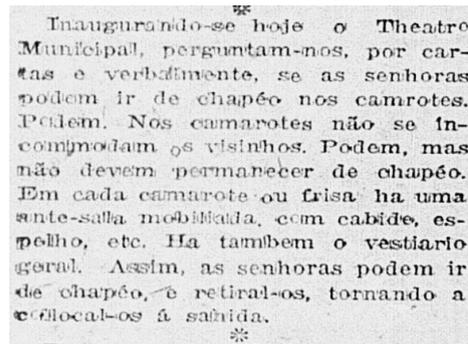
As antropólogas Ângela Marques da Costa e Lilia Moritz Schwartz,<sup>35</sup> ao tratarem da efervescência cultural brasileira, principalmente no Rio de Janeiro na virada dos séculos XIX para o XX, discutem o surgimento da profissão de cronista social:

Acelerado também é o movimento de inauguração de restaurantes e hotéis, que recebiam novos clientes em condições, antes desconhecidas. Era todo um novo grupo de transeuntes que saía de casa e reconhecia nas ruas um ambiente, agora acolhedor. Nesse quesito a avenida Central é a vedete do momento. No mês de março de 1904 se dá a inauguração solene das obras da grande avenida, um prolongamento das obras do cais do porto. São desapropriados 557 prédios para dar lugar a um percurso de 1997 metros de mar a mar e 33 de largura. E com ela tudo se movimenta: as linhas de bonde, o telégrafo e os telefones - são 13 mil em 1908. A área recém-inaugurada avenida Central tinha uma importância urbanística evidente, mas gerava uma igual repercussão social. Afinal, a nova região era apropriada para passeios ao final da tarde, para os chás em restaurantes, para a circulação de veículos e para a arte do ver e ser visto. Toda essa atividade deu lugar a uma nova profissão: o cronista social, que se nutria com o registro de recepções, bailes e outras festividades, como é o caso de Figueiredo Pimentel e de sua famosa coluna na Gazeta de Notícias

O Brasil frenético que ia se moldando gerou um novo profissional: o cronista social. Figueiredo Pimentel foi o primeiro deles; por meio do Binóculo, sua coluna no jornal carioca Gazeta de Notícias, registrou entre os anos de 1907 e 1914 as novidades vivenciadas pela *urbis*. Eventos extraordinários entremeavam pautas artísticas não menos relevantes. É o caso da inauguração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em que o cronista revela particular aflição com o uso dos chapéus nos camarotes.

<sup>34</sup> NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>35</sup> COSTA, Angela Marques; SCHWARTZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000. p. 78-79, grifo nosso.



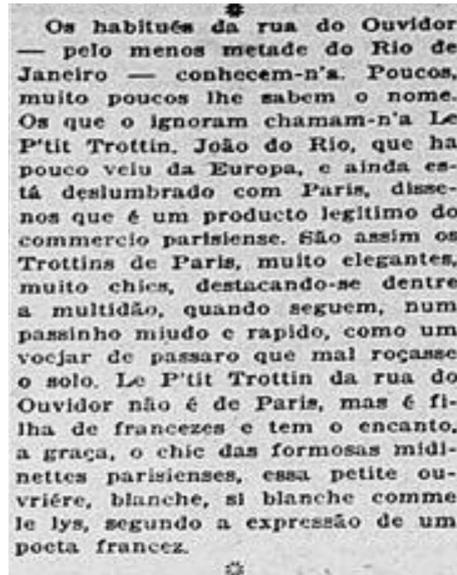
FOTOGRAFIA 7 – Coluna Binóculo,  
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 14 jul. 1909, p. 4

Além do registro de eventos, Figueiredo já recebia demandas a respeito de como vestir-se ou comportar-se. À medida que os espaços iam sendo inaugurados, reflexo de uma cidade que ia se “civilizando” paulatinamente, os hábitos e comportamentos também se reconfiguram. Paris era a referência do que era “chique” e de “bom gosto”, em particular no campo da alta-costura e da elegância dos eventos culturais. Os brasileiros que aspiravam fazer parte desse grupo deveriam reproduzir os costumes parisienses. Aos poucos, a capital do País se afrancesa: o “Baile do Copacabana, [...] que em nada ficou a dever aos notáveis acontecimentos mundanos parisienses.”<sup>36</sup>

Além de cronista social, este novo Rio de Janeiro também ganhou a profissional “Le Petit Trottin” da famosa rua do Ouvidor. Figueiredo Pimentel, autor do slogan “O Rio civiliza-se”,<sup>37</sup> noticiou, por exemplo, a atuação dessa espécie de *errand girl*, ou garota das incumbências, designada para efetuar pequenas compras, uma espécie de *personal shopper* da atualidade. Trata-se, evidentemente, da fidelidade da capital aos bons costumes instituídos pela elite parisiense.

<sup>36</sup> RIO Magazine, Rio de Janeiro, ago. 1949, p.26-31.

<sup>37</sup> CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas**: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revista ilustradas Fon-Fon! e Careta! (1908-1921). 2008. 2 v. 509 p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 79.



FOTOGRAFIA 8 – Coluna Binóculo de Figueiredo

Pimentel, no jornal Gazeta de Notícias, p.3. Data: 20 de agosto de 1909.

Pimentel informa na nota, que segundo o também cronista João do Rio, recém-chegado da Europa, a profissão é um “produto legitimo do commercio parisiense. São assim os trottins de Paris, muito elegantes, muito chics, destacando-se dentre a multidão, quando seguem num passinho miúdo e rápido, como um voejar de pássaro que mal roçasse o solo”.

O refinamento do gosto, sinônimo do afrancesamento da elite brasileira, teve sua reprodução também em outras capitais brasileiras, como Fortaleza, processo muito bem analisado por Sebastião Rogério Ponte em Fortaleza Belle Époque,<sup>38</sup> que analisa as principais reformas urbanas ocorridas na capital cearense no final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A partir de aspectos antes esquecidos pela tradicional história, o autor trata de todo um processo de embelezamento ou de aformoseamento da capital cearense que, igual ao Rio de Janeiro, repercutiria nos jornais.

É sob a égide do espírito do refinamento que se pode compreender a atuação de Lúcio Brasileiro. Para entender o trabalho por ele desempenhado, segui em busca de informações sobre sua trajetória de vida e sua biografia. Busquei tudo que envolvesse sua vida pessoal e profissional. Entender a biografia de Lúcio é de fundamental importância para entender o seu pensamento e, conseqüentemente, o que ele reflete em suas crônicas.

<sup>38</sup> PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2014.

Entendendo o perfil biográfico de Lúcio Brasileiro, e refletindo sobre suas escritas, crônicas e narrativas, passei a desvendar suas opiniões, seus “gostos”, o que para ele é certo ou errado, o que tem elegância ou é desprovido dela. Minha tarefa maior foi enxergar, ou ver, além das palavras escritas nas crônicas de Lúcio, o que há por trás do que ali está visível, bem especificado por Walter Benjamin:<sup>39</sup>

A narrativa, que durante muito tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa da vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.

As elites são retratadas e são leitoras das colunas sociais. Contudo, as colunas tem outro público leitor que extrapola as elites. Portanto, embora ignorada pelos cronistas enquanto personagens que merecem ser citados, ou fotografados, massas de gente comum, consomem as notas sobre festas e vestidos dos endinheirados.

Nesse sentido, as colunas sociais funcionam como espelho para que grupos menos abastados imitam hábitos elitistas, sendo possível afirmar que elas ditam regras. Sobre isso, Kovács<sup>40</sup> afirma:

Trata-se de uma montagem de notícias, que interessam aos leitores que são notícia” (membros da classe A), “aqueles que gostariam de ser notícia” (massa) e “àqueles que se interessam por outros assuntos divulgados pelas colunas – culturais, econômicos, políticos – e servem de pretexto para que leiam, também.

---

<sup>39</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 205.

<sup>40</sup> KOVÁCS, Anamaria. Coluna social: linguagem e montagem. **Revista Comum**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 42, jan./mar. 1979.

Há alguns anos, dedico-me a pesquisar as colunas sociais e as elites, cearenses e até brasileiras. Em termos de condução metodológica, reuni ao longo do tempo profusa documentação sobre os principais cronistas brasileiros, como Jacinto de Thormes, Ibrahim Sued, Zózimo Barroso do Amaral – colunistas do Rio de Janeiro, Tavares de Miranda – colunista de São Paulo – e precisamente, aqui em Fortaleza, Lúcio Brasileiro.

Possuo hoje todos os livros escritos por LB. Por serem obras de épocas variadas e difíceis de se encontrar no mercado editorial, apelei para amigos e assim consegui as cinco publicações. *Até Agora*<sup>41</sup>, *Assim Falava Paco...*<sup>42</sup>, *Pela Sociedade*<sup>43</sup>, *Longe de Dizer Adeus*<sup>44</sup> e *500 de Contos de Réis – Jubileu de Esmeraldas*<sup>45</sup>. Também descobri outra publicação que o personagem principal é o colunista. Intitulado *Um brasileiro muito especial*<sup>46</sup>, livro editado em sua homenagem e organizado pelo jornalista Lustosa da Costa, segundo o próprio Lúcio, seu melhor amigo. Lustosa reuniu mais de 50 nomes que escreveram sobre o colunista, para LB a obra é primorosa, pois “só diletos amigos participaram”.

Além dos livros sobre e de autoria de Lúcio Brasileiro, fui em busca do que ainda existe disponível para venda, dos livros lançados pelos mais conhecidos colunistas brasileiros. Graças ao portal Estante Virtual, no qual vários sebos Brasil afora vendem seus acervos, consegui reunir de Ibrahim Sued, famoso cronista carioca os seguintes livros: *20 anos de caviar*<sup>47</sup>, *Nova Etiqueta*<sup>48</sup>, *Ibrahim Sued – 30 anos de Reportagem*<sup>49</sup>, *Vida, Sexo, Etiqueta e Culinária (do Rico e do Pobre)*<sup>50</sup>, e o livro organizado por Isabel Sued, neta do cronista, *Ibrahim Sued*.<sup>51</sup>

Também me debrucei sobre um livro magnífico: *Café-society Confidencial*,<sup>52</sup> de autoria de José Mauro Gonçalves – sociólogo que chegou a ser cronista social por um curto período de tempo –, apresenta uma interpretação crítica sobre a movimentação da alta sociedade carioca, criando categorias sociais que trataremos a seguir.

---

<sup>41</sup> BRASILEIRO, Lúcio. *Até agora*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

<sup>42</sup> Id., 2007.

<sup>43</sup> Id., 2008.

<sup>44</sup> Id., 2009.

<sup>45</sup> Id., 2011.

<sup>46</sup> COSTA, Lustosa da. *Um brasileiro muito especial*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008.

<sup>47</sup> SUED, Ibrahim. *20 anos de caviar*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1973.

<sup>48</sup> Id., 1978.

<sup>49</sup> Id., 1983.

<sup>50</sup> SUED, Ibrahim. *Vida, sexo, etiqueta e culinária (do rico e do pobre)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

<sup>51</sup> SUED, Isabel. *Ibrahim Sued: em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

<sup>52</sup> GONÇALVES, José Mauro. *‘Café-Society’ confidencial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

Sobre José Tavares de Miranda, cronista social paulista, que atuou na Folha de São Paulo por várias décadas, adquiri *Boas Maneiras e Outras Maneiras*,<sup>53</sup> livro de sua autoria, e também uma obra a seu respeito – *A Crônica Social Esquecida: a Trajetória do Jornalista José Tavares de Miranda*<sup>54</sup> – que tem como autor Carlos Alberto Silva.

Finalizando essa relação de textos escritos por colunistas sociais, ou sobre os mesmos, cito o trabalho *Enquanto Houver Champagne, há esperança*,<sup>55</sup> em que o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos aborda a trajetória do colunista carioca Zózimo Barrozo do Amaral.

Vale registrar a Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional onde pude consultar vários jornais antigos, de diferentes épocas, todos disponíveis aos pesquisadores do mundo. Em tempos de pandemia, ela foi fundamental. Ademais realizei várias visitas aos centros de documentação da cidade de Fortaleza, como as hemerotecas do Instituto Histórico e Antropológico do Ceará, da ACI – Associação Cearense de Imprensa, da Biblioteca do Estado do Ceará - BECE, do NUDOC do curso de história da UFC e do banco de dados do Jornal O Povo.

Como minha pesquisa está circunscrita aos primeiros dez anos de atuação do cronista, pesquisei os vários jornais pelos quais LB atuou no período em tela. São eles: *Gazeta de Notícias*, *O Jornal*, *Jornal O Povo*, *Correios do Ceará*, *O Unitário* e *O Estado* - este último por pouco tempo. Utilizei a plataforma de pesquisa digital Google e monitorei tudo o que se publicou em notícias e entrevistas sobre e com Lúcio Brasileiro. Reuni várias colunas de diferentes fases da sua vida profissional, entrevistas que ele concedeu, em jornais, revistas e até sites de nível nacional, como o Portal Imprensa.

Atualmente, além da coluna no jornal *O Povo* (onde escreve há quase 50 anos), LB tem um programa na rádio CBN – devo lembrar que Lúcio começou suas atividades na rádio cearense em 1957 – e também participando de um programa na TV Jangadeiro. No intuito de enriquecer minha pesquisa, além da leitura diária de sua coluna e de ouvir o seu programa de rádio, passei a assisti-lo na televisão, procurando captar o seu pensamento e seus recursos performáticos.

Tive a oportunidade de entrevistá-lo em três ocasiões. A primeira delas, há alguns anos, fizemos uma entrevista com o colunista para o jornal *O Estado*. Em 2016, participei de

---

<sup>53</sup> MIRANDA, José Tavares de. **Boas maneiras e outras maneiras**. São Paulo: Bestseller, 1965.

<sup>54</sup> SILVA, Carlos Alberto. **A crônica social esquecida**: a trajetória do jornalista José Tavares de Miranda. [S.l.: s.n., 18--?].

<sup>55</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

uma entrevista conduzida pelo professor Luís Sérgio Santos. Finalmente, em 2017, entrevistei LB no clube Náutico Atlético Cearense. Nesta última ocasião, foram mais de duas horas de conversa em que o mesmo falou da sua vida pessoal, desde seu nascimento em Aurora (CE) até os dias atuais, abordando, também, suas experiências profissionais, sua visão de mundo, política, economia e assuntos da atualidade.

Destaco que ao longo do último ano tive várias conversas – por telefone – com os colonistas José Augusto Lopes, Flávio Torres, Leda Maria e Sonia Pinheiro, Marcondes Viana, que sempre foram solícitos, no curso da pesquisa, para sanar dúvidas sobre algum fato, evento ou personalidade do meio social de Fortaleza. Desse modo eles se tornaram, de fato, peças importantes na tessitura do presente trabalho.

Destaco, ainda, que no meu projeto de pesquisa apresentado para a seleção do mestrado neste Programa de Pós-Graduação, havia registrado uma das minhas possíveis entrevistadas Dona Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes, que como ressalta LB era uma lenda da sociedade cearense. Mas, infelizmente, ela faleceu aos 97 anos de idade, no dia 28 de maio de 2021.

A pandemia da Covid-19, pela qual ainda estamos passando, gerou alguns desafios no curso da minha pesquisa, em particular, no que se refere a parte das entrevistas com personalidades no formato virtual. Assim, tive que me valer do telefone, WhatsApp ou do e-mail, ou até via Google Meet, para sanar dúvidas junto ao próprio LB, bem como com outros interlocutores.

## **2.2 – Aportes teóricos.**

Como abordado na Introdução, percebo uma lacuna nas Ciências Sociais quando se fala ou se trata do estudo das elites. Embora não possua dados concretos que possam confirmar minha suspeita, constato que no perímetro de nosso Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, poucos são os estudos que se debruçam para tentar compreender o que são ou como se comportam as elites.

Thomas Bottomore, em *As Elites e a Sociedade*,<sup>56</sup> indica que a palavra elite é oriunda do francês *élite*, ao certo o que há de melhor, substantivação de *eslit*, que deriva de *élire*, do latim *exlegere, eligere* (eleger). No século XVIII, o termo era empregado para designar os produtos que tinham uma qualidade superior.

No curso da história o termo ganhou outra acepção, expandindo-se e passando a ser usado para designar os agrupamentos da sociedade eminentes, tais como os membros mais altos da nobreza, ou de alguma categoria militar. Com isso o termo elite deixa de apenas denominar produtos, passando a denominar os grupos predominantes na sociedade. Dificilmente vejo na atualidade o termo ser usado para tratar, ou definir, um produto ou um objeto. Frases como “Essa Mercedes é a elite dos carros”, ou ainda “esse sofá é a elite dos estofados”, são pouco ou quase nunca utilizadas.

O Houaiss<sup>57</sup> considera dois aspectos do termo elite, o primeiro como substantivo feminino, “o que há de mais valorizado e de melhor qualidade”, como também “espécie em um grupo social” ou “minoría que detém o prestígio e o domínio sobre um grupo social”. Já o dicionário francês Le Robert<sup>58</sup> nos indica que o termo elite “trata de pessoas consideradas como as melhores”, ou “as mais notáveis, num determinado grupo a definir”, ou ainda “trata-se igualmente daqueles ou daquelas que, a respeito disto ou daquilo, ocupam o primeiro lugar, num determinado conjunto”. Em ambas as fontes, nota-se que o grupo referido é concebido como uma camada restrita de pessoas positivamente distintas do restante de uma população, ou de uma categoria profissional. Em outros termos, trata-se de uma minoría que exerce protagonismo nas esferas política, econômica, cultural, ou em todas estas.

O reduzido grupo de pessoas que fazem a composição das elites se diferencia dos que não estão inseridos nesse grupo social. Este resto majoritário é conhecido por “massa”. Ao estudarmos as elites, podemos, em alguns momentos tratá-las como uma categoria de estratificação social, e vê-las com um número reduzido de pessoas que estão cientes dos seus valores e interesses, como todos o restante dos outros grupos.

Ao analisarmos as elites, encontramos um vasto espectro teórico, a começar com os pensadores clássicos. Durkheim<sup>59</sup> pode nos ajudar, quando pensamos, ou tentamos entender a força da coesão social nos grupos de elite. Essa teoria da “coesão” durkheimiana nos

<sup>56</sup> BOTTOMORE, Thomas Burton. *As elites e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

<sup>57</sup> ELITE. In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p.730.

<sup>58</sup> ÉLITE. In: LE ROBERT: dico em ligne. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/elite>. Acesso em: 8 dez. 2021. Tradução nossa.

<sup>59</sup> DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: EDIPRO, 2012.

possibilita observar como ocorre a perpetuação de determinados grupos no poder, além de retomar a ideia de “consciência coletiva”, que para o “pai” da Sociologia é a união de crenças e sentimentos comuns aos membros de um determinado grupo social.

Mas, e quem está fora desse grupo, como percebe esse poder exercido pelo outro? Este questionamento me remeteu a Weber, ou a concepção weberiana, de que os privilegiados, além do direito de exercer esses privilégios, querem que eles sejam percebidos, notados como portadores de direito, que são merecedores de privilégios. Isso se dá por meio do status, atributo dos grupos que recorrem a uma condição de superioridade para impossibilitar oportunidades aos de fora.<sup>60</sup>

Já se eu for pensar a elite dentro do sistema de classes definido por Marx, entenderei que a ideologia que domina é justamente a das classes dominantes, ou das elites. Também posso refletir acerca do que se definiu ser uma sociedade de classes (elite social – escravos / elite aristocrática – camponeses / burguesia – proletariado) e criar reflexões acerca da relação dialética opressor *versus* oprimido, já citada.

Por outro lado, o dialetismo é posto em xeque por certas correntes de pensamento conservador que enfatizam o papel garantidor das elites. Louis Rouzic,<sup>61</sup> por exemplo, concebe a elite a partir de sua relevância social junto aos de fora, mantendo as estruturas e a ordem social pelo papel por ela desempenhado: “O que é uma elite? Trata-se de um pequeno batalhão de grandes almas dedicadas a uma causa nobre, defendendo-a vigorosamente de acordo com as regras de uma organização sábia, buscando treinar a multidão para o caminho do bem.” Rouzic que era padre, teve sua obra prefaciada por um bispo, era a elite religiosa do catolicismo, observando a “nobre” função das elites, em guiar a “multidão” desorganizada para o “caminho do bem”.

Nesse trilhar, podemos considerar o termo elite como sinônimo para “classe dominante”. Assim, o estudo das elites pode complementar o estudo da luta de classes. Bottomore<sup>62</sup> indica ainda que o estudo ou a sistematização de uma teoria das elites, surgiu através da obra de três pensadores modernos: Gaetano Mosca, Robert Michels e Vilfredo Pareto, primeiros a analisar, como a Ciência Política, pode entender as relações entre concentração de poder e as elites.

---

<sup>60</sup> WEBER, Max. **Economy and society**. Berkeley: University of California Press, 1978.

<sup>61</sup> ROUZIC, Louis. **L'élite: son rôle et sa formation**. Paris: P. Lethiaelleux, 1928. p. 2, tradução nossa.

<sup>62</sup> BOTTOMORE, Thomas Burton. **As elites e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

Para o cientista político italiano Gaetano Mosca (1858-1941), primeiro a associar a noção de elite à classe social, as elites são grupos menores dentro de uma determinada sociedade, onde este detém e conservam-se no poder. Mosca percebeu que podemos entender a História, estudando os interesses e como pensam as elites. Ele discorda de Aristóteles que, dividiu as formas de governo (monarquia, aristocracia e democracia), acredita só haver a apenas a oligarquia como forma de governo, exercida por uma única classe política.

Já o sociólogo alemão Robert Michels (1876-1936), que radicado na Itália, especializou-se em analisar as elites intelectuais e seu comportamento político, formulou a chamada “lei de ferro das oligarquias”, ao afirmar existir uma propensão, em as organizações políticas tornarem-se oligárquicas.

Vilfredo Pareto (1848-1923), por sua vez, analisa o fenômeno de formação, desenvolvimento e decadência das elites. Observa a supremacia de um grupo, em detrimento de outro. Essa oscilação das elites, proporciona, movimenta e impele determinado grupo. Comparar essa movimentação da elite, me remete a Pareto<sup>63</sup>, quando observa a história como um “cemitério das aristocracias”.

As aristocracias não duram. Sejam quais forem as causas, é incontestável que depois de um certo tempo elas desaparecem. A história é um cemitério de aristocracias. O povo ateniense constituía uma aristocracia em relação ao resto da população, metecos e escravos. Desapareceu sem deixar descendência. As diversas aristocracias romanas desapareceram. As aristocracias bárbaras desapareceram. Onde estão, em França, os descendentes dos conquistadores francos? As genealogias dos lordes ingleses são muito exatas. Subsistem pouquíssimas famílias descendentes de Guilherme o Conquistador; as outras desapareceram. Na Alemanha, atual aristocracia é em grande parte constituída pelos descendentes dos vassalos dos antigos senhores. A população dos Estados europeus aumentou enormemente desde há muitos séculos até ao presente.

A Revolução Francesa gerou mudanças que se traduziram em termos políticos e institucionais. Contudo, devemos lembrar que uma mudança real já havia acontecido, quando a nobreza, mesmo em decadência, ainda conseguia manter certo poder ou pelo menos uma aparência dele. A derrocada final da posse desse poderio pela nobreza se deu quando ela

---

<sup>63</sup> PARETO, Vilfredo. *Compendio di sociologia generale*. Firenze: G. Barbera, 1920. p. 372, tradução nossa.

firmou pacto com a burguesia ascendente, que aos poucos tomou os espaços, que eram anteriormente ocupados apenas por nobres.

Era possível observar nesse momento grandes senhores, como governadores de província, representantes da nobreza. Contudo, o poder real, decisório, definitivo, estava nas mãos dos intendentos, representando os interesses burgueses. Esses líderes que ascenderam, desprovidos de sangue azul, eram para a aristocracia uma espécie de intrusos.

Estes três autores clássicos da Escola Italiana de Sociologia são alvos de várias críticas. Suas pesquisas, de fato, foram apropriadas por defensores de regimes “antidemocráticos”, ou “antissocialistas”, tendo servido de fundamento ao fascismo. Pareto, Mosca e Michels mantiveram uma postura científica positivista, sempre buscando trazer à tona, leis sobre o comportamento do ser humano em sociedade, além de uma...

tendência geral para a oligarquização, o caráter universal da distinção dominadores-dominados, a emergência a qualquer tempo e em qualquer lugar de uma minoria – a elite – que se impõe a uma maioria - a massa - surgem-lhes como outras tantas leis do comportamento humano.<sup>64</sup>

Apesar das críticas e das possíveis limitações, é legítimo reconhecer o protagonismo destes três autores na tentativa de compreender estas camadas da população detentoras do poder econômico, simbólico ou ambos. De todo modo, é interessante salientar que os cientistas sociais que tentarem desvendar as elites terão que se afastar de todo pensamento recriminatório e negativo que envolve o termo elite e seus derivados, como elitismo e elitista.

Dentre as mais variadas possibilidades, uma elite pode ser tratada simplesmente como sinônimo de classe dominante, ou ainda uma camada de estratificação social, como uma minoria que tem consciência dos seus valores e interesses:

[...] os sociólogos que elegerem por objeto a elite – ou as elites – acreditaram ter de constatar que toda sociedade empiricamente observável abrange uma ou várias categorias de pessoas, que se consideram, ou são consideradas, como pertencendo a uma elite, quer seja ao nível da sociedade vista no seu conjunto ou, pelo contrário, num domínio de atividade em particular.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> COENEN-HUTHER, Jacques. **Sociologia das elites**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2004. p. 10.

<sup>65</sup> Ibid., p. 10.

Reunindo estas pistas e esses elaborados teóricos, sobre o que se considera ser elite, fica clara a existência de uma série de fatores que incide sobre uma pessoa, tornando-a elegível participar da elite:

[...] minoria que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça o sangue etc) ou de qualidades adquiridas (cultura, méritos, aptidões etc). O termo pode designar tanto o conjunto, o meio onde se origina a elite (por exemplo, a elite operária, a elite da nação), quanto os indivíduos que a compõem, ou ainda a área na qual ela manifesta sua preeminência. No plural, palavra 'élites' qualifica todos aqueles que compõem o grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade.<sup>66</sup>

Mais uma vez vem à tona e fica mais aparente como o estudo das elites nos apresenta uma diferenciada gama de possibilidades de análise e ângulos variados de investigação. Fica mais uma vez perceptível que é possível analisar as elites, tentando entender as relações de poder, representações políticas, hierarquia social, além de uma noção de representação de papéis sociais:

A elite é uma vasta zona de investigação científica cobrindo profissionais da política, empresários, legisladores, etc., e não evoca nenhuma implicação teórica particular.<sup>67</sup>

Outra obra de grande significância nos estudos sobre a temática das elites, é *A Elite do Poder*, de Wright Mills,<sup>68</sup> primeira a criar percepções acerca da formação da elite americana, que teria sido plasmada pelos líderes das vertentes militar, econômica e política. Estes homens

---

<sup>66</sup> BUSINO, Giovanni. *Élites e élitisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. p.4, tradução nossa.

<sup>67</sup> SCOTT, John. Les élites dans la sociologie anglo-saxonne. In: SULEIMAN, Ezra; MENDRAS, Henri. *Le recrutement des élites en Europe*. Paris: Editions La Découverte, 1995. p. 9, tradução nossa.

<sup>68</sup> MILLS, Charles Wright. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

influentes que fazem a composição da elite têm em suas mãos o poder das decisões mais importantes da sociedade.

Instituições, como família, igreja e escola, mantém certo poder, mas com restrições, sempre atrelado às decisões das três esferas superiores. Mills considera que para essa elite, o mais importante é tomar a decisão, pouco importa se a escolha vai fazer surgir coisas boas ou ruins para o mundo social. O que não se pode é ficar indeciso, "em cima do muro".

A elite do poder é composta de homens cuja posição lhes permite transcender o ambiente comum dos homens comuns e tomar decisões de grandes consequências. Se tomam ou não tais decisões é menos importante que o fato de ocuparem postos tão fundamentais: se deixam de agir, de decidir, isso em si constitui frequentemente um ato de maiores consequências do que as decisões que tomam.<sup>69</sup>

Mesmo sendo sua grande preocupação analisar como funciona a máquina do poder dos postos de comando, os tomadores de decisões, e como esse comando se representa na história em determinada época, o autor busca perceber as inter relações que se estabelecem entre riqueza, poder e prestígio.

Com a leitura de Mills, detecta-se que o poder entre as três esferas guia o país; além de ser intercambiável, sempre está nas mãos das mesmas pessoas. Essa é a elite que possui o poder máximo, o prestígio, o dinheiro, valores morais superiores e até a fama das celebridades, que foi tratado em capítulo específico do livro, momento em que se fala de *Café Society*:

No café-society, os principais habitantes do mundo da celebridade – a elite institucional, a sociedade metropolitana e os profissionais da diversão misturam-se publicamente, buscando uns aos outros apoio às suas pretensões de prestígio. É sobre o café-society que os holofotes da publicidade frequentemente coincidem todos, divulgando as atrações que ali se encontra público maior. Pois no café-society a fascinação nacional tornou-se um fato da rotina dos negócios.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> Ibid., p. 12.

<sup>70</sup> MILLS, Charles Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 87.

Mais adiante abordo melhor como o pensador fez análise sobre as celebridades e sobre o surgimento de um *café society* americano. O mais importante agora, é entender que a formação da elite americana aconteceu de forma diferenciada da formação da elite europeia. No trilhar histórico da humanidade, a nobreza deixou rastros carregados de sua influência.

Nos EUA, não existiu uma sociedade feudal, por essa razão, não aconteceu antes do capitalismo, a luta da nobreza contra a burguesia que se erguia. O poder não passou de mãos, a burguesia desde o início esteve no comando, monopolizando poder, riqueza e prestígio.

Processo semelhante ocorreu em outros países, como é o caso do Brasil. Não tivemos Idade Média, porém Portugal, nosso país colonizador, nos passou uma certa “ascendência” de nobreza, bem como herdamos os valores culturais daquele período. Observa-se, portanto, que o preparo da “nobreza brasileira”, foi feita aos moldes europeus de estratificação social, com a nobreza lutando e governando, o clero rezando e o povo trabalhando, lembro aqui da escravidão.

A nobreza brasileira teve também os matizes em que se diversificaram a origem e o mérito: nobreza militar, inerente a certos graus militares; nobreza da espada, adquirida originalmente por atos de bravura pessoal na defesa das instituições e personalidades; a nobreza de raça ou de linhagem e a nobreza das vestes, adquirida no desempenho de relevantes ofícios.<sup>71</sup>

A nobreza brasileira foi quase toda titulada por cartas dadas pelo Imperador. O Barão da Torre<sup>72</sup> foi o primeiro a receber o título de nobreza no Brasil. Depois disso, mais de mil títulos foram conferidos no período imperial no país.<sup>73</sup>

É assim que se inicia o processo de formação da elite brasileira, carregando esses traços colonialistas, patrimoniais e patriarcais. Talvez por essa razão a nossa elite seja vista por Jessé de Souza como a elite do atraso.<sup>74</sup> Se compreendermos a formação da nossa elite, dos que comandam o Brasil, dos que controlam a riqueza do país, vamos entender toda a lógica do seu pensamento, das suas posições políticas, afinal como entender o apoio da elite brasileira a certos movimentos conservadores e antidemocráticos.

<sup>71</sup> CUNHA, Rui Vieira da. **O parlamento e a nobreza brasileira**. Brasília: Senado Federal, 1979. p. 7.

<sup>72</sup> O militar baiano Antonio Joaquim Pires de Carvalho (1785 – 1852), que passou por diversas instituições militares, foi o último a administrar a Casa da Torre, segunda residência a ser fortificada no Brasil, localizada no interior da Bahia.

<sup>73</sup> CUNHA, op. cit., p. 7.

<sup>74</sup> SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro, Estação Brasil, 2019.

## CAPÍTULO 3 – DEFININDO AS COLUNAS SOCIAIS.

“Será que uma verdadeira sociedade precisa mesmo de cronista social?”

(Mário Quintana)

### 3.1 Surgimento da mídia.

John Thompson<sup>75</sup> – pesquisador com uma intensa ligação com a Escola de Frankfurt<sup>76</sup> – desenvolveu uma explicação acerca do desenvolvimento das sociedades modernas e do aparecimento da mídia. O mundo moderno, segundo ele, teria surgido depois de um longo processo, que apresentou uma série de mutações estruturais nas instituições fundamentais, processo esse que se iniciou na Europa, durante o final da Idade Média.

O desenvolvimento dos meios de comunicação não somente tornou o poder visível de muitas maneiras, mas o fez numa escala nunca antes experimentada: hoje a visibilidade mediada é efetivamente global em alcance (...) a globalização da comunicação, vem imbricada em outros processos constitutivos das modernas sociedades; e argumento que, se quisermos entender-lhes as consequências, deveremos levar em consideração os contextos específicos dentro dos quais os produtos globalizados da mídia são recebidos e entendidos.<sup>77</sup>

Na tentativa de falar sobre essas alterações, o autor enumera algumas linhas de investigações. A primeira delas trabalha com as mudanças econômicas que gradualmente tornaram o então feudalismo em um sistema complexo de produção capitalista. A segunda trata das mudanças políticas que ocorreram, quando se reorganizou unidades, criando-se os Estados-nações, que buscavam soberania, delimitação territorial e um sistema exclusivo

<sup>75</sup> THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>76</sup> A Escola de Frankfurt surgiu na cidade alemã de mesmo nome, na década de 1930, e reuniu cientistas sociais interessados em aprofundar as análises sobre os sistemas culturais, como mídia, linguagem, arte e comunicação. Recebem influência de pensadores como Marx – capitalismo, Weber – racionalização e Freud – inconsciente. Os estudos da Escola envolvem política, dialética, psicanálise, comunicação, linguagem e ação social. A Escola de Frankfurt é responsável pela criação do conceito de indústria cultural. Dentre seus membros da primeira geração merece destaque Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock, Leo Löwenthal, e teóricos associados ao Instituto de Pesquisa Social, como Walter Benjamin e Ernst Bloch. De segunda geração, Axel Honneth, Albrecht Wellmer, Jürgen Habermas, Oskar Negt, Franz Neumann e Alfred Schmidt.

<sup>77</sup> THOMPSON, op. cit., p. 14.

administrativo-tributário. O terceiro elemento indicado refere-se às guerras, já que à medida que a sociedade foi se modernizando, o poder militar concentrou-se sob domínio dos Estados-nações que operam o legítimo uso da força, e em um território específico.

Quando passamos a analisar o que consideramos ter sido as mudanças culturais, a complexidade de fatores aumenta. Se a perspectiva marxista era de que o avanço do capitalismo apresentaria mudanças significativas no mundo social, como as crenças e os valores tradicionais, o pensamento weberiano analisou os elementos culturais em mutação, com o intuito de entender a conjuntura em sua totalidade, pensando em esferas de valor, ação e até o desencantamento com o mundo tradicional, sabendo que esses fatores corroboraram para a germinação de novas construções sociais. O fato é que os processos de modernização das sociedades, com os de transformações culturais, não são distintos, mas entrelaçados.

Vendo por um viés cultural, o surgimento das máquinas impressoras – século XV – nos centros urbanos europeus, contribuiu para a alteração, em certo nível, das interações sociais dos indivíduos, de suas formas de sociabilidade. Essas máquinas produziam grande quantidade de materiais impressos, destinados, naturalmente, para as camadas superiores da sociedade, detentoras do poder.

Porém, como esses impressos se difundiram aceleradamente, os mais pobres passaram a ter acesso ao que saía das tais máquinas. Acontecia, naquele momento, uma mudança significativa: a circulação das ideias que ia além das fronteiras da oralidade do “face a face” e do “olho no olho”.

Para Thompson<sup>78</sup> esses impressos apresentaram a ideia de uma quase-interação mediada, interações criadas nos indivíduos, pelos livros, jornais, rádios, TVs, e possuindo um caráter monológico, já que a informação flui em um só sentido, da leitura da obra, para a mente do indivíduo, por exemplo.

A tradição da comunicação do tête-à-tête, do processo de troca simbólica teve sua composição alterada pelo surgimento da mídia. O sucesso e a permanência destes impressos dependiam de sua forma de comercializar ideias, formas simbólicas, como imprimir manuais, livros de conduta, boas maneiras, instrução para crianças, oratória. O autor cita o *De Civilitate Morum*, de Erasmo de Roterdã<sup>79</sup>, que foi o maior sucesso editorial, um código de conduta e boas maneiras. A intenção pedagógica em relação ao corpo é evidente:

<sup>78</sup> THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>79</sup> Acredita-se que em 1600 existiam mais de 47 mil cópias dessa obra de Erasmo.

É indelicado cumprimentar alguém que esteja urinando ou defecando [...]. A pessoa bem-educada, sempre deve evitar expor, sem necessidade, as partes as quais a natureza atribuiu pudor. Se a necessidade a compele, isto deve ser feito com decência e reserva, mesmo que ninguém mais esteja presente. Isto porque os anjos estão sempre presentes e nada mais que lhes agrada em um menino do que pudor, o companheiro e guardião da decência.<sup>80</sup>

Uma obra dessa natureza não pode ser reduzida a mero código de boa conduta, mas ao exercício de alguma espécie de disciplina envolvendo, naturalmente, a prática do poder. Thompson<sup>81</sup> taxonomizou o poder em quatro categorias: poder econômico (detentores de recursos financeiros materiais, são instituições econômicas, empresas comerciais), poder político (que tem como recurso a sua autoridade, são instituições políticas), poder coercitivo (militar, força física e armada são seus recursos, todas as instituições coercitivas, como polícias, instituições carcerárias, fazem parte desse poder). Por último, temos o poder simbólico, os meios de informação e de comunicação, como as instituições culturais, igrejas, escolas, universidades, os meios de comunicação e a indústria da mídia.

Mas, afinal, o que caracterizaria o poder simbólico? De acordo com Bourdieu,<sup>82</sup> o poder simbólico é invisível e cinzelado, podendo-se obter por meio dele resultados semelhantes aos exercidos pelas forças física e econômica:

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social. Mas conforme, a seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas, reproduzindo, em forma transfigurada, o campo das posições sociais.

Bourdieu considera que o poder simbólico é um poder de construção da realidade, que tem como prioridade, ou tendência, dar um sentido imediato ao mundo social. Ele é decorrente dos nossos meios de conhecimento e comunicação. Os sistemas simbólicos (arte, religião, língua, ciência), são concebidos por Bourdieu como estruturas estruturantes, ou *modus operandi*. São instrumentos de conhecimento do mundo dos objetos, atividade que

<sup>80</sup> ERASMO, DE ROTERDÃ, 1530 apud ELIAS, 2011, p. 130.

<sup>81</sup> THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>82</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p.12.

produz consciência. Com isso, arte e religião, por exemplo, são estruturas estruturantes, formas simbólicas, estruturas subjetivas “instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo”.<sup>83</sup>

A mídia foi um elemento importante dentre as mudanças que aconteceram e colaboraram para a gênese das sociedades modernas, o que torna interessante refletir sobre o que escreveu Habermas<sup>84</sup>, que investigou como se deu o surgimento de uma “esfera pública”, e mais de uma “opinião pública”. Ele inicia tratando da etimologia da palavra que se formatou na Alemanha, junção de público *öffentlich* e publicidade *publicité ou publicity*, determinando precisamente categorias como “público”, “privado”, “esfera pública” e “opinião pública”.

De acordo com o mesmo, na Grécia antiga a esfera cidade *pólis* era completamente separada da esfera casa *oikos* e o diálogo *léxis*, fazia surgir a esfera pública. Já no século XVI, a palavra privada *privat* cedida pelo latim *privatus*, em inglês *private* e em francês *privé*, dava significado a algo sem cargo público, ou qualquer coisa que não tivesse ligação com a esfera estatal. Ao longo do processo histórico os conceitos vão ganhando novas configurações, e com o passar do tempo, a “esfera pública” deixa referir-se apenas ao âmbito público estatal e ganha novas conotações. Qualquer espaço de interação, de debates de ideias, tornou-se esfera pública:

As funções da esfera pública se misturam com os interesses privados, enquanto a pressão social exige uma resposta do Estado. Desse modo, a sociedade forma organizações privadas para reivindicar seus direitos e interesses. A complexidade das relações entre Estado e sociedade dá origem às federações, associações e sindicatos que intermedeiam a comunicação dos interesses de um para com o outro, num trajeto indireto de procedimentos institucionalizados da esfera pública política. Acontece que os partidos acabaram se tornando instrumentos de formação da vontade de quem compõe o partido e não das vontades do público, representando as organizações como deveria ser. Os meios de comunicação se tornam plataformas para as campanhas políticas publicitárias, fazendo dos partidos, ideologias de consumo.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> Ibid., p.12.

<sup>84</sup> HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1989.

<sup>85</sup> MARTINS, Felipe Mattei. VITORINO, Artur José Renda Vitorino. **Mudança estrutural da esfera pública**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2019. p. 276.

Nessa obra ganha destaque o papel dos salões aristocráticos na constituição dessa “esfera pública”. Neste espaço aconteciam discussões, tanto retóricas como literárias, e com o passar dos anos se ganha um novo cenário, os cafés e chás, espaços para a interação da nobreza e da burguesia.

Retornando às idéias voltadas ao surgimento e evolução da mídia, Chartier<sup>86</sup>, nos explica que no século XVII na Inglaterra já existiam escritórios especializados em reunir, copiar e vender as notícias de uma forma geral – da corte, da cidade, do mundo. Todo esse material era vendido para o Mestre Cymbal, um mercador de notícias, responsável por fazer com que boatos fossem disseminados. Esses escritórios, contavam com quatro correspondentes, ou emissários, que se distribuía por quatro locais estratégicos de Londres: a corte, a Catedral de São Paulo, o Royal Exchange – espécie de bolsa de mercadorias – e o Westminster Hall. Quatro funcionários se devotavam ao trabalho: um examinador, que analisava as notícias, o registrador e dois secretários, que eram responsáveis pela separação, classificação e publicação das mesmas.

Muitas notícias coletadas e publicadas que tratavam do “mundo afora” contribuíram para que as pessoas criassem uma percepção de um mundo maior e mais distante. A notícia trazia algo que ia além do ambiente imediato dos indivíduos. No texto o autor também dá destaque ao surgimento dos pasquins<sup>87</sup>, que eram partilhados – vendidos – por ambulantes urbanos.

A imprensa se configura cada vez mais como mercadoria, apaga-se o limite entre a esfera pública e a privada. A esfera pública deixa de ser exclusiva do domínio da esfera privada. O comércio de jornais deixa de vender notícias e começa a redigir como uma opinião pública, obtendo eficácia política e, ainda mais, seguindo novamente com uma intenção pedagógica. Os editores, contratados com finalidade empregatícia, cedem às exigências dos seus superiores, os donos dos jornais, eruditos e escritores. A redação passa de literária para jornalística.<sup>88</sup>

Em um breve resumo, a circulação das primeiras gazetas impressas no século XVII, assim como a origem do axioma da fofoca, são ingredientes que unidos fizeram surgir o que

---

<sup>86</sup> CHARTIER, Roger. **Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVII**. São Paulo, Editora UNESP, 2007.

<sup>87</sup> No pasquim o texto é sempre acompanhado de gravuras, e os temas são sempre miraculosos, diabólicos, mágicos, escapam dos fatos cotidianos, rotineiros.

<sup>88</sup> MARTINS, Felipe Mattei; VITORINO, Artur José Renda Vitorino. **Mudança estrutural da esfera pública**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2019. p. 275.

seria o jornalismo voltado para o “entretenimento”, ou protótipos das colunas sociais, que tiveram um terreno fértil aqui no Brasil.

### 3.2 Origem das colunas sociais.

O *fin de siècle* XIX no Brasil foi de significativas mudanças. Nossa sociedade passava por bruscas mudanças de costumes e sociabilidades, o que desembocou em novas maneiras de representação social, inclusive na imprensa. É neste cenário que surge o colunismo social brasileiro.

Como já dito, Figueiredo Pimentel foi o primeiro profissional cronista social brasileiro, tendo escrito, entre 1907 e 1914, sua coluna Binóculo no jornal Gazeta de Notícias. Usava, inicialmente, seu espaço no Gazeta para publicar novelas, poesias, histórias infantis e contos, passando, mais tarde, a escrever notícias sobre o movimentado Rio de Janeiro. Dessa maneira, Pimentel tornou-se uma pessoa muito conhecida na belle époque e lançou o famoso slogan “Enfim o Rio civiliza-se”, em 1905.

Mesmo após a instauração da República, com um Brasil em intenso processo de configuração, Paris continuava sendo a cidade de referência do que era chique. Desde o império, os hábitos parisienses, por serem considerados os mais refinados, eram para ser copiados aqui no Brasil.

A civilização trazia também novos modismos. O francesismo, que já era chique nos tempos da monarquia, continua a imperar na república. A influência francesa se faz sentir na literatura, na educação, na moda e nas diversões. Na arquitetura, a voga é *art nouveau* e aulas particulares só de francês; nos anúncios das grandes livrarias destaca-se o nome de Victor Hugo e nos jornais comenta-se muito sobre o caso Dreyfus e acerca do papel de Emile Zola em sua defesa.<sup>89</sup>

Há quem discorde que Figueiredo Pimentel tenha sido o primeiro cronista social, caso do pesquisador Liráucio Girardi<sup>90</sup>, que considera Paulo Barreto, o João do Rio<sup>91</sup>, o introdutor da crônica social na imprensa brasileira. Pontuo, desde já, que discordo de tal opinião. O popular João do Rio, que também fez sucesso como cronista no início do século XX, que

<sup>89</sup> COSTA, Angela Marques; SCHWARTZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000. p. 69.

<sup>90</sup> GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. A reportagem como experiência etnográfica. **Anuário de Jornalismo**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2000, p. 198-213.

<sup>91</sup> O cronista e jornalista carioca João Paulo Emilio Cristovão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921) iniciou sua carreira no jornalismo aos 17 anos. Em 1903 começa a escrever para o jornal Gazeta de Notícias com o pseudônimo de João do Rio.

tanto gostava do mundo do luxo, do glamour, do afrancesamento e que visitava Paris com frequência, também explorava em suas crônicas os morros, presídios, gostava de samba, do movimento das ruas cariocas, das noites e dos subúrbios. João do Rio tem um valoroso trabalho em suas escritas sobre o Rio de Janeiro, mas, de fato, ele não foi nosso primeiro cronista social. Mesmo que, em alguns momentos, ele tenha falado sobre a elite e seus hábitos, essa não era essa sua especialidade.

Figueiredo Pimentel é realmente considerado o pai da crônica social brasileira, inclusive escrevendo para o *Gazeta de Notícias*, mesmo jornal que João do Rio escrevia, e eram amigos, compartilhavam ideias, afinal tinham muitas ideias em comum.

No livro *Figueiredo Pimentel: um polígrafo na belle époque*<sup>92</sup> fica bastante claro que o autor foi o primeiro cronista social. Na obra de oito capítulos, Pimentel é analisado sob variados ângulos, incluindo suas relações com o livreiro da época Pedro Quaresma, escrito pela professora Andrea Borges Leão. Já no primeiro capítulo, a professora Rosa Maria de Carvalho Góes deixa claro ser ele realmente o criador da crônica social no Brasil, além de uma série de outras atividades que ele exercia, todas ligadas à literatura:

As informações obtidas quando se começa a buscar conhecimento sobre ele permanecem apenas nos aspectos da superfície, designando o ato social. Revelam, portanto, que o representante da sociedade carioca, ao colocá-la na primeira página do jornal, ficou na História por ter enfatizado o slogan “O Rio Civiliza-se” e acreditando que a cidade poderia se tornar cosmopolita e moderna. Tudo, porém, dentro de convenções imperantes de bom comportamento. Nessa linha de atuação, não é de estranhar que, embora os romances de Figueiredo Pimentel tenham sido considerados fora do padrão da moralidade, terminem por resguardar a ideologia burguesa.<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (Org.). **Figueiredo Pimentel, um polígrafo na belle époque**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2019.

<sup>93</sup> MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (Org.). **Figueiredo Pimentel, um polígrafo na belle époque**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2019. p.18-19.



FOTOGRAFIA 9 – Coluna Binoculo de Figueiredo Pimentel,

jornal Gazeta de Notícias. Data: 28/10/1909

A leitura da coluna acima permite a percepção de quão eclética e variada era a temática que Figueiredo Pimentel abordava em seu espaço. O autor fala das condições de tempo do Rio de Janeiro, da festa das crianças no próximo domingo, diz que no Palace Theatre vai estrear a companhia Lahoz, de operetas italianas, além de citar como o *pic nic* de aniversário que o advogado Evaristo de Moraes ganhou em Jacarepaguá. No mesmo dia, ela também falou de falecimentos e missa de sétimo dia.

Figueiredo Pimentel, dotado de um olhar apurado, foi um polígrafo<sup>94</sup> que registrou tudo. Com todas essas reformulações na cidade e nos modos de vida dos brasileiros, ou pelo menos das elites das capitais, surge, nesse contexto, a profissão de cronista social. Viu-se a necessidade de se ter um profissional que registrasse toda a movimentação cultural e social daquele novo e “civilizado” Rio de Janeiro. A vida pacata da cidade ia ficando para trás. Entre 1902 e 1906 ocorreram grandes transformações urbanísticas promovidas pelo então prefeito Pereira Passos. Ele queria repetir no Rio os feitos de Haussmann<sup>95</sup> em Paris, objetivando a modernização da cidade para limpar sua imagem de “porto sujo” ou “cidade da morte”.

Essas reformas tinham a finalidade de atender grupos de elite e eram consideradas excludentes, tendo em vista que Pereira Passos passou a destruir casebres e cortiços, deixando o público mais pobre sem ter para onde ir. O conhecido “bota abaixo” foi uma das causas do

<sup>94</sup> De acordo com o Houaiss (2009, p. 1517), polígrafo é aquele que escreve acerca de assuntos diversos.

<sup>95</sup> Prefeito da capital francesa, nomeado por Napoleão III e incumbido pelo mesmo de remodelar a cidade.

surgimento das primeiras favelas cariocas. Observemos a opinião do arquiteto Luiz Guilherme Rivera de Castro,<sup>96</sup> em entrevista:

A iniciativa realizou uma modernização necessária naquele momento, combatendo a insalubridade e realizando a adequação funcional e formal do centro da cidade, em particular da área portuária, mesmo que isso tenha ocorrido, principalmente, em função da necessidade de inserir o país no mercado internacional (...) todo o processo era, também, a expressão de interesses e valores das oligarquias dominantes naquele período, que tinham a cidade de Paris como modelo. Nesse sentido, a Reforma pode ser interpretada como positiva, apesar de autoritária e conservadora, pois representava um esforço de modernização. Por outro lado, foi negativo o modo como foi implementada, de maneira incompleta e com a expulsão de parte da população do centro reformado, com efeitos nefastos e duradouros principalmente para a população mais pobre.

Figueiredo Pimentel faleceu em 1914, e com fim da sua coluna, surgiram vários cronistas que, em sua maioria, usavam pseudônimos, tornando-se comum criar personagens que assinavam essas colunas. Até meados de 1940 tais colunas, resumiam-se a registrar pequenas notas sobre casamentos, aniversários, batizados, nascimentos e viagens dos que formavam o fechado círculo da elite carioca. Percebe-se então que o objetivo maior da crônica social desde o seu surgimento era registrar o “vai e vem” da elite.

As colunas sociais fornecem material de estudo sobre a vida das elites, indicando suas preferências, suas modas e seus padrões de condutas, permitem perceber as interações entre indivíduos e/ou grupos, vocabulários nativos e ciclos de prestígio de pessoas e profissões (...) expressam, também, critérios de demarcação de quem pode ou não integrar aqueles meios.<sup>97</sup>

A gênese da crônica social no Brasil esteve ligada a esse desenvolvimento cultural do país na virada dos séculos XIX-XX, tendo como precursor o cronista Figueiredo Pimentel,

---

<sup>96</sup> Portal revista Univesp, entrevista com arquiteto Luiz Guilherme Rivera de Castro, professor de arquitetura e urbanismo da Universidade Mackenzie <http://pre.univesp.br/as-reformas-do-rio-de-janeiro-no-inicio-do-seculo-xx#.WfHdzjDavIU> - Acesso em 26 de outubro de 2017.

<sup>97</sup> GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo das elites locais. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 35-59, 23 set. 2007.

figura mais conhecida da área. Somente na metade da década de 1940 começou a surgir uma nova geração de cronistas sociais, esses recebendo influência dos cronistas norte americanos.

### **3.3 Influência norte-americana no colonismo social brasileiro.**

Nos anos 1940 o colonismo social consolidou-se dentro do jornal impresso. Foi quando surgiram os grandes órgãos de comunicação de massa. Se anteriormente tínhamos uma imprensa *party press* (partidária), passamos a ter uma imprensa *penny press* (factual), com isso o foco dos jornais muda, nada mais de partidarismo ou debates políticos ou literários.

Adorno e Horkheimer, da primeira geração da escola de Frankfurt, cunharam o termo indústria cultural no livro *Dialética do Esclarecimento*.<sup>98</sup> Os dois, por serem judeus, exilaram-se nos Estados Unidos, fugindo do nazismo de Hitler. Lá, observaram uma sociedade bem mais desenvolvida do ponto de vista capitalista. Eles perceberam como o desenvolvimento das tecnologias, provocado principalmente pela revolução industrial e pelo avanço do capitalismo, impactou o mundo da cultura e das artes. A *indústria cultural* é apresentada como um processo de produção semelhante aos processos de produção industrial. Além de lucrar, a *indústria cultural* tem como objetivo, manter o pensamento dominante, e como a cultura pode ser usada para legitimar determinados interesses.

Nesse contexto, o desenvolvimento da industrialização, barateamento do preço de produção do papel e uma melhor qualidade da logística dos transportes, fez com que os jornais e revistas impressas ficassem populares, além do desenvolvimento da indústria cinematográfica, musical, da literatura, dos sistemas de rádios e também da TV com seu surgimento. Mas além disso, o público dos jornais impressos estava interessado também, em matérias mais distintas, que tivessem assinaturas de profissionais renomados, que colocassem em seus espaços notícias sobre as muitas celebridades que surgiram.

---

<sup>98</sup> ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

A partir do final dos anos de 1920, o cronista norte-americano Walter Winchell<sup>99</sup> começou com a sua coluna sobre fofocas e sobre os ricos e famosos da época. A criação das colunas sociais nos EUA é ligada à Winchell, que adotava uma linguagem mais moderna:

O que Winchell trouxe de novo? Basicamente ele modernizou a coluna sobre sociedade, publicando pequenas notas sobre a vida privada, e acrescentando aqui e ali um ponto de vista debochado e sarcástico sobre as pessoas famosas. Além disso, misturou tudo com escândalos típicos da imprensa sensacionalista, informações não oficiais sobre mulheres grávidas, divórcios e especulações, rumores e boatos que divertiam os leitores. Winchell foi o primeiro a romper o tabu existente até então, que se recusava a expor a vida privada de pessoas públicas, deixando permanentemente alteradas as relações entre jornalismo e celebridade.<sup>100</sup>

Winchell, com seu estilo próprio, ganhou fama e notoriedade, sendo citado em um trecho da música *Let's fly away* do famoso cantor e compositor norte-americano Cole Porter: *Let's fly away and find a land that's so provincial we'll never hear what Walter Winchell might be forced to say.*<sup>101</sup> Porter, no trecho, faz uma crítica ao colunista, por este estar sempre dedicando o espaço das suas colunas com fofocas, futilidades e sem escrever nada que engrandeça a existência do ser humano. É interessante observar os holofotes sobre Winchell, mesmo que em algumas vezes, em tom crítico:

Muito antes do termo “celebridade” se tornar moeda corrente em toda a grande imprensa, o jornalista norte-americano Walter Winchell era, ele próprio, uma celebridade. Nos anos 1940, havia uma cadeira cativa em seu nome no Stork Club, um dos mais prestigiados nightclubs da cidade de Nova York. No cinema, recebia com frequência convites para aparições em filmes como ele mesmo, enquanto outros estúdios criavam personagens inspirados em sua persona jornalística. No Club Room, outro nightclub onde a mesa estava sempre à sua disposição, fora criado em sua homenagem um hambúrguer especial, chamado Winchellburger. Tanta

<sup>99</sup> Walter Winchell (1897-1972), nasceu em Nova York, judeu e pobre. Foi ator nos teatros da ala menos abastada de Manhattan. Escrevia fofocas sobre os bastidores dessas peças em boletins da área teatral. Tornou-se jornalista profissional e em 1924. Em 1929 vai para o jornal New York Daily Mirror que pertencia ao rico empresário William Randolph Hearst, dono de vários jornais espalhados pelos EUA. Winchell teve sua coluna reproduzida em todo território americano, muito importante para o seu sucesso no país inteiro. No seu auge, mais de dois mil jornais publicaram diariamente a sua coluna. Winchell foi o criador das famosas listas das 10 mais elegantes e dos 10 mais elegantes.

<sup>100</sup> SOUZA, Rogério Martins. **Colunismo e redemocratização**: das colunas sociais às notas informativas e políticas. 1º Colóquio em comunicação e sociabilidade. UFMG, 2008. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA\\_rogerio.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA_rogerio.pdf). Acessado em 16/02/2017.p.71.

<sup>101</sup> “Vamos fugir e descobrir um lugar tão remoto, onde a gente nunca mais ouça o que Winchell é forçado a dizer”.

bajulação explicava-se por um único e simples motivo: Winchell era considerado por toda a imprensa como um dos homens mais poderosos da América. Ninguém em sã consciência queria criar problemas com aquele homem que, quase vinte anos antes, em seus primeiros anos na imprensa, criara as famosas gossip columns, hoje conhecidas como colunas de fofocas, um gênero que depois faria o sucesso de centenas de publicações sobre o cotidiano dos ricos e famosos.<sup>102</sup>

Winchell fez grandes inovações no que ele publicava em suas colunas sociais, porém, com a mudança dos hábitos das elites e o surgimento de novas classes sociais, o cenário mudou e o que se noticiava também passou a ser diferente.

A sociedade nova iorquina havia crescido muito, ultrapassando os limites de linhas demarcatórias, como o da lista do sacristão Isaac Brown da Igreja da Graça. Brown tinha uma memória excelente para nomes, linhagens e famílias, ajudando muito as anfitriãs, ansiosas para enviar seus convites. Ele informava tudo, orientando-as na listagem dos convidados, tudo muito bem especificado: quem estava de luto, quem estava com amigos em casa, quem eram os recém-chegados na cidade e na sociedade. Afirma-se, ainda, que ele também possuía uma lista de dançarinos contratados para animar as festas. A guerra civil findou-se em 1865, e depois disso, uma pomposa riqueza surge, dando cabo a essa informalidade na listagem de quem realmente era importante.

Necessitava-se de uma forma mais estruturada de determinar quem eram os “eleitos”. Foi assim que, em 1892, Ward McAllister publicou sua lista dos 400. O mesmo afirmava haver em Nova York apenas 400 pessoas realmente elegantes na sociedade. O rol tinha o objetivo de consolidar as classes superiores existentes, evitando a entrada dos novos ricos no *petit comité*. Essa tentativa foi em vão, a ponto de surgir o *The Social Register*, relação de 881 novas famílias nova-iorquinas afortunadas. Assim, a listagem passou a ser mais “democrática”, cedendo espaço para os *nouveaux riches*. Se o campeão de boxe John Sullivan não aparecia na lista de McAllister de 1882, Gene Tunney, também boxeador, já estava incluso em 1926:

---

<sup>102</sup> SOUZA, Rogério Martins. **Colunismo e redemocratização**: das colunas sociais às notas informativas e políticas. 1º Colóquio em comunicação e sociabilidade. UFMG, 2008. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA\\_rogerio.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA_rogerio.pdf). Acesso em: 16 fev. 2021. p. 5.

Todos que na América obtiveram êxito – qualquer que seja sua origem ou em qualquer esfera de ação – provavelmente serão envolvidos pelo mundo da celebridade. Esse mundo constitui hoje o tribunal americano de honra pública, não se construiu de baixo, como um encadeamento lento e firme das sociedades locais e dos 400 metropolitanos. Foi criado de cima. Baseado em hierarquias nacionais de poder e riqueza, expressa-se pelos meios de comunicação em massa de alcance nacional. À medida que essas hierarquias e esses meios de comunicação passaram a dominar a sociedade americana, novos tipos de homens e mulheres de prestígio passaram a competir, complementar e mesmo substituir a senhora de sociedade e o homem rico de linhagem [...] as celebridades são os nomes que não precisam de melhor identificação. O número de pessoas que as conhece excede o número de pessoas que elas conhecem. Onde quer que estejam, as celebridades são reconhecidas, e o que é mais importante, reconhecidas com emoção e surpresa. Tudo o que fazem tem o valor publicitário. Mais ou menos continuamente, dentro de certo período de tempo, são matérias para os meios de comunicação e diversão. E quando esse tempo acaba – e tem de acabar – e se a celebridade ainda vive – da melhor forma que puder – de vez quando talvez ouça perguntarem: ‘Lembra-se dele?’ É isso o que significa a celebridade.<sup>103</sup>

A gênese da celebridade fez surgir o *café society*, expressão criada em 1919 pelo colunista Maury Paul, primeiro a assinar como Cholly Knicker-bocke – personagem definido como o Rei das Fofocas em Nova Iorque, foi criado pelo magnata das comunicações Hearst. Muitos apontam a criação do termo para James Mckinley, ele só usou o termo *café society*, em 1941, quando lançou o livro *Café Society Register*:

No *Café Society*, os principais habitantes do mundo da celebridade – a elite institucional, a sociedade metropolitana e os profissionais da diversão – misturam-se publicamente, buscando uns aos outros buscando uns aos outros apoios às suas pretensões de prestígio. É sobre o *Café Society* que os holofotes da publicidade frequentemente coincidem todos, divulgando as atrações que ali se encontram a um público maior. Pois no *Café Society* a fascinação nacional tornou-se uma rotina comercial. O *Café-Society* existe nos Restaurantes e Boates de New York – da Rua Ciquenta à Sessenta, entre as Terceira e Sexta Avenidas. Maury Paul (o primeiro Cholly Knicker – bocker), inventou a frase em 1919 para indicar um pequeno grupo de pessoas que se reunia em público, mas provavelmente não se visitava em casa. Em 1937, quando a Revista *Fortune* publicou uma incisiva reportagem sobre o

---

<sup>103</sup> MILLS, Charles Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p.86, grifo nosso.

café-society, as celebridades profissionais de beleza erótica e talento discutível já estavam bem instaladas nas principais mesas, com membros bem conhecidos das classes superiores tradicionais, como John Hay (“Jock”) Whitney. O café-society baseia-se acima de tudo na publicidade. Seus membros frequentemente parecem viver para a menção exibicionista dos seus atos e relações pelos cronistas sociais e pelos colunistas de mexericos. Começando como patrocinadores profissionais de recepções ou como jornalistas, os cronistas, juntamente com os “maitres-d’-hôtel”, tornaram-se profissionais desse mundo de celebridade, cuja a forma conhecida do público eles modelaram.<sup>104</sup>

O colunista Igor Cassino, substituto de Maury e, segundo Cholly, Knicker-bocker, inseriu ainda mais o café-soçaite na sua coluna. Cassini foi o criador do termo *Jet Set*, descrevendo um tipo específico de ricos e famosos, que constantemente viajavam de avião. Ele também se orgulhava de ter sido o primeiro a ter divulgado a debutante de 1948 Jaqueline, nascida Bouvier, e que futuramente se tornaria Kennedy. Ele foi além do “The Social Register”:

Maury Paul, em 1937, comentava ainda a vida dos 400 metropolitanos, embora focalizasse seus aspectos mais movimentados. Seu sucessor de hoje, Igor Cassini, não se limita a isso. O mundo sobre o qual escreve é mais brilhante do que tradicional, e não está absolutamente circunstanciado ao The Social Register (...) Tudo isso começou provavelmente na década de 20 quando as pessoas de sociedade começaram a se aborrecer por Newport e a procurar na Broadway e depois em Hollywood companhias mais movimentadas e espirituosas. Os bares clandestinos durante a lei seca tornaram-se então, encruzilhada da sociedade, da Broadway e de Hollywood (...)a lei seca ajudou-os a sair das casas particulares e hotéis respeitáveis para bares clandestinos, em busca de bebidas a princípio, e depois de aventuras: as indústrias de automóveis e rádios criaram milionários novos; o valor crescente dos imóveis mudou a sociedade de suas velhas casas de pedras marrons para apartamentos e reconciliou com as diversões padronizadas das massas, paralelamente aos novos domicílios padronizados em massa (...) em 1924, que poderiam fazer os 400, quando o príncipe de Gales preferia as sessões de jazz às casas tranquilas da famílias de “bem”?<sup>105</sup>

Com todo esse sucesso, Winchell e seus parceiros cronistas sociais ganharam fama não só nos Estados Unidos, como também em outras partes do mundo, inclusive aqui no

<sup>104</sup> MILLS, Charles Wright. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 87, grifo nosso.

<sup>105</sup> Ibid., p.88, grifo nosso.

Brasil. Mas nem só de homens se fazia a crônica social americana. Três mulheres se destacaram, tais como Hedda Hopper<sup>106</sup>, Louella Parsons<sup>107</sup> e Elsa Maxwell<sup>108</sup>; as três fizeram suas colunas reproduzidas aqui no Brasil, falando principalmente sobre as celebridades americanas, de Hollywood a Nova Iorque.

### 3.4 José Mauro Gonçalves e o *café society* brasileiro.

O mineiro José Mauro Gonçalves foi contratado, em 1956, para fazer a coluna social do Diário de Notícias. Embora não tenha se adaptado aquela *glamourosa* vida, no curto espaço de tempo que lá passou observou como era formada e como se comportava a elite brasileira e o seu movimentado *café-society*, uma febre que ganhou proporções gigantescas na década de 1950. Esse “mundanismo” e “hedonismo”, palavras do próprio José Mauro,<sup>109</sup> passou a ser o ideário de muitos jovens e mulheres. Ele foi um cronista que teve uma percepção diferente, inverteu as coisas. Em muitas situações, pôs em ridículo, o que para outros colunistas era motivo de exaltação, por esse motivo, passou a ser visto com “maus olhos” pelos grã-finos da época, que mesmo tentando, não conseguiram aliciá-lo.

Vendo que não conseguiram levá-lo para o time, não o tê-lo a serviço, foram criando obstáculos que dificultaram sua carreira jornalística, ou de cronista social, fazendo com que Gonçalves desistisse de escrever.

Acredito que a visão diferenciada do que ele tinha do *café-society* deva-se ao fato dele ser sociólogo, criando um outro olhar para aquela movimentada elite festeira carioca, revelando aspectos até então escondidos, ou embelezados por uma “imprensa amarela”, como ele afirma. Foi com essas ideias em mente que ele lançou o livro *Café-Society*.<sup>110</sup> A obra colocou à tona aspectos da vida íntima de mais de 1.300 pessoas, famosas ou não, o próprio diz que “aceita as consequências boas e más”.<sup>111</sup>

<sup>106</sup> Hedda Hopper (1890-1966) foi convidada em 1938 para escrever a coluna Hedda Hopper’s Hollywood no Los Angeles Times, era uma coluna sobre a vida das celebridades *hollywdianas*. Tinha como rival a também colunista Louella Parsons.

<sup>107</sup> Louella Parsons (1881-1972), roteirista, escritora e colunista, sendo considerada a primeira a escrever sobre cinema. Era uma das contratadas do magnata das comunicações William Randolph Hearst. Sua coluna chegou a ser publicada em mais de 400 jornais pelo mundo.

<sup>108</sup> Elsa Maxwell (1883-1963) era escritora, compositora, atuou no cinema, organizava festas e tornou-se colunista, atuando nos jornais de Nova Iorque

<sup>109</sup> GONÇALVES, José Mauro. [Orelha]. In: \_\_\_\_\_. “**Café-Society**”: confidencial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

<sup>110</sup> GONÇALVES, José Mauro. “**Café-Society**”: confidencial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

<sup>111</sup> *Ibid.*, p.10.

Este livro nasceu de uma sugestão de José Condéd. É possível que não corresponda inteiramente ao que esperaria ele. Mas – inoculado o veneno – já não era viável a neutralização da ideia fixa sem que estas páginas fossem o que são. Trata-se – como verá o leitor inteligente, o perpicaz, e o culto, e o amável, e o tolerante, e o que lê nas entrelinhas – de um depoimento que talvez não valha por si. Mas valerá sem dúvida pela soma de experiência vivida e observada, fonte – quem sabe? – para muita sugestão a eventual ficcionista ou eventual sociólogo.<sup>112</sup>

Na obra, o autor apresenta elementos da elite brasileira na década de 1950 e dividiu a elite brasileira, mas especificamente dos Estados do Rio e São Paulo, em seis nichos ou núcleos. Categorizando assim a alta camada da nossa sociedade.

Se a definição dessa parte da sociedade é difícil, não é tanto a caracterização de certos grupos típicos (...) De todos os modos, pela continuidade com que se agrupam, ficam eles mais ou menos identificados (...) É possível ver pelo menos seis grupos principais. Adotemos uma nomenclatura gradativa, de sabor internacional. O sabor internacional não vem do desejo do exotismo, vem do fato mesmo que nessas associações o caráter cosmopolita é uma realidade viva, tão viva que muitas vezes é mais viva que a própria vida circundante. Voltados muito frequentemente para o que vai lá por fora de nossas fronteiras, dependendo para seu conforto, prazeres e ideias, do que se importa, vinculados com secções de igual relevo, importância ou interesses, de países que estão na vanguarda da produção dessas utilidades, pensa-se naturalmente muito em francês e em inglês nesses meios. Antigamente mais em francês, hoje em dia mais em inglês [...]. Eis as denominações dos grupos principais: hors-ligne, café society, salon societé, big shots, intelectualidade e interlope.<sup>113</sup>

Os *hors-ligne* eram o grupo dos grandes ricos, daqueles que acumulavam riquezas suficientes para três ou mais gerações. Grupo discreto, reúne-se em um número pequeno e seguem à risca a velha e boa etiqueta. Nomes como os três Guinles – Guilherme, Carlos e Otávio e Raymundo Castro Maia – dono da Cia Carioca Industrial, eram *hors-ligne*.

O *Salon Societé*, por sua vez, era composto por figuras ligadas à literatura, interessadas em arte. Eles herdaram a tradição dos salões literários, sempre se reuniam para

<sup>112</sup> GONÇALVES, José Mauro. “Café-Society”: confidencial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. p. 9, grifo nosso.

<sup>113</sup> Ibid., p. 1, grifo nosso.

comemoração de aniversários ou de alguma data, lançamentos de livros, tudo com programas lítero-musicais. Oswaldo Teixeira do Amaral, crítico de arte, e Gabriella Lage, cantora lírica, eram do *Salon Sociétés*.

Os *big shots*, ou *tycoons*, têm como marca maior a iniciativa dinâmica. Uns são *Big Shots* pelo poder político, e outros por seu poder econômico. Enquanto Osvaldo Aranha era um clássico representante da elite política, Oton Bezerra de Melo Filho, ligado à Hotelaria, ao comércio de tecidos e a usinas de açúcar, são *big shots*.

A intelectualidade é composta, fundamentalmente, por profissionais liberais. São jornalistas, advogados, escritores, pintores, escultores. São inteligentes, geniais, criadores, fazendo parte desse grupo nomes como João Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Ciro dos Anjos e Millor Fernandes.

Há, também, os *interlopes*, o qual era, para José Mauro, o grupo mais perigoso. São vistos como cabotinos – ambulantes, camelôs, estão associados a fraudes, chantagem, ronda todos os outros grupos e neles tentam penetrar. Com medo de processos, Mauro não cita exemplos de *interlopers* brasileiros, mas sim internacionais, como Onassis.

Por último, as definições para o grupo do *Café-Society*, formado em sua maioria por jovens, muitos deles filhos de *hors-ligne*, ou que aspiram casar-se com um descendente de *hors-ligne*.

O moderno café-society carioca remonta aos tempos do casino da Urca. Até então a sociedade carioca só frequentava – assim mesmo raramente – o Cassino Copacabana, sem shows, pleno ambiente de austeridade. O advento da Urca, sob a direção desse dinamismo humano que se chama Joaquim Rola (...) com seus espetáculos famosos em face dos principais centros congêneres do mundo, gerou o café-society, esse grupo em que a preocupação de recrear-se é permanente. A Urca podia apresentar o esplendor de então, graças ao movimento de capital proporcionado pelo jogo – roleta, bacará, campista -; havia, assim, a um tempo, atração pela trilogia do prazer: dinheiro, bebidas e mulheres. O café-society, distinguindo-se dos demais frequentadores do cassino, era, sem nenhum embargo, assíduo. Quando o jogo foi fechado, as modernas boates mantiveram o fogo sagrado (...) O café society é o grupo que fornece o material por excelência das colunas

mundanas e sociais, é aquele em torno de cujas atividades há maior publicidade e – por que não dizê-lo – propaganda.<sup>114</sup>

O café-society era considerado o grupo mais alegre e animado. Os integrantes dividem seu tempo em festas, restaurantes, cafés e clubes noturnos. Após o Casino da Urca, o ponto de encontro mais glamoroso era a Boate Vogue, que parou de funcionar após um incêndio na madrugada do dia 13 de agosto de 1955.<sup>115</sup> Santos<sup>116</sup> nos oferece mais uma pista sobre café-society, agora já aportuguesado:

Ser do café-soçaite era perder os pudores dos ricos antigos, enclausurados nos salões, e brincar de aparecer ou, como se diria no século XXI, “causar”. Ao contrário dos hors-lignes, os do café-society não viam problema em terem festas veiculadas no jornal. Pelo contrário. Convidavam os fotógrafos. Posavam sorridentes. Estavam vivos. O capital deixava de ser apenas financeiro. Alguns dos membros do café-soçaite só carregavam no bolso o charme milionário de ter borogodó. Não tinham grana, mas lábia. Levavam a vida numa maciota tal, numa falta de suor tamanha, que pareciam ser de fato o que lhes apenas sonho: ricos.

Faziam parte do café-society carioca Álvaro Catão (indústria da construção civil), Vicente Galliez (indústria têxtil), Horácio Klabin (indústria do papel e celulose), Otacílio Gualberto de Oliveira (médico), João Saavedra (banqueiro), Jorge Guinle (assegurador), Eduardo Divivier (fazendeiro) e Fernando Delamare (banqueiro). Carlos Eduardo de Souza Campos, o Didu (bancário e depois banqueiro), casado com Tereza de Souza Campos, e que formaram um dos casais mais badalados do Brasil entre as décadas de 1950 e 1970.

Tony e Carmen Terezinha Solbiati Mayrink Veiga era outro casal do *café-society*. Mesmo de origem *hors-line*, ela, filha de um rico produtor de café e financista do interior de São Paulo, ele herdeiro da rádio e da Casa Mayrink Veiga<sup>117</sup>, os dois representavam bem essa nova safra da elite brasileira. Carmen entrou para a seleta lista das pessoas eternamente mais bem-vestidas do mundo, da Revista Vanity Fair. Já a Vogue estadunidense considerou Tony e

<sup>114</sup> GONÇALVES, José Mauro. “**Café-Society**”: confidencial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. p. 9, grifo nosso.

<sup>115</sup> Na mesma data do incidente, era publicada a primeira coluna de Lúcio Brasileiro no jornal Gazeta de Notícias, de Fortaleza.

<sup>116</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. p. 91, grifo nosso.

<sup>117</sup> A Casa Mayrink Veiga era fornecedora de armamentos para o exército brasileiro e a guarda nacional, desde o império, acumulando muita riqueza.

Carmen as pessoas mais chiques da América do Sul. Na realidade eles conseguiram colocar o Brasil no mapa *jet set* internacional. Os dois casais tinham em comum a arte de receber. Com jantares ou festas, o Rio de Janeiro esperava ansioso pelos comentários, e as notícias de eventos realizados por eles. Foi realmente um momento de muito glamour:

Carmen Teresinha é Mayrink Veiga também. O casamento foi em São Paulo – havendo determinado uma emigração do Rio para a capital piratinguense por um dia pelo menos...Carmen e Tony – asseguram os seus amigos e não há nenhuma razão para duvidar – felizes, e que continuem pela vida a fora, com muitos e muitos...filhinhos, como nas histórias da carochinha.<sup>118</sup>



FOTOGRAFIA 10 – Crítica literária ao livro *café-society* de José Mauro Gonçalves, 2 dez. 1956, p. 9

A imagem acima apresenta uma crítica literária ao ser lançado o livro *Café-society* confidencial<sup>119</sup> demonstrando que a obra teve repercussão no Rio de Janeiro e em outras cidades. A nota intitulada “Crítica Social” fala que o livro fará o leitor compreender e propiciar “elementos para uma análise sociológica do nosso meio urbano naquilo que de mais especioso, ou escabroso ou decadente apresenta”.

### 3.5 Famosos cronistas sociais brasileiros: Jacintho de Thormes, Ibrahim Sued, Zózimo Barrozo do Amaral e Tavares de Miranda.

<sup>118</sup> GONÇALVES, José Mauro. “*Café-Society*”: confidencial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. p. 213.

<sup>119</sup> GONÇALVES, José Mauro. “*Café-Society*”: confidencial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

Com Figueiredo Pimentel, o “Rio de Janeiro civilizou-se” entre os anos de 1940 e 1950. Após o final da Segunda Guerra Mundial, o Rio de Janeiro internacionalizou-se, principalmente por duas situações:

Dois fatores levaram o Brasil a ostentar anseios de tornar-se uma nação efetivamente cosmopolita e com algum peso na política internacional: primeiro, a criação da “política da boa vizinhança” com os Estados Unidos, que trouxe ao Brasil estrelas do cinema como Orson Welles e Walt Disney, enquanto abria espaços para estrelas de nossa música, como Carmem Miranda, brilharem no cinema americano. Segundo, com a guerra em curso, o Rio passou a abrigar os “exilados do jet-set internacional”, [...] Banqueiros falidos, judeus ricos em fuga do nazismo, nobres endividados e outros componentes da alta burguesia europeia começaram a aportar em terras brasileiras, de 1940 em diante.<sup>120</sup>

Em Ortiz<sup>121</sup>, o processo de modernização da cultura do Brasil é discutido, buscando entender essa nova formatação da identidade nacional, o país se modernizava e a indústria cultural brasileira estava a pleno vapor.

Nos anos 1940 e 1950, as rádios desenvolveram-se mais, e também tornaram-se populares, principalmente devido à variedade de sua programação, como com as famosas radionovelas, os programas de auditórios, como também a qualidade da programação musical.

O cinema, principalmente o *hollywoodiano*, fazia muito sucesso mundo afora. Mesmo o país tendo uma indústria cinematográfica nacional organizada, o sucesso mesmo era alcançado pelos filmes norte-americanos, que mandavam no mercado cinematográfico pós-segunda guerra. Observa-se o sucesso e o desenvolvimento da indústria cultural aqui no Brasil, para as rádios, cinemas, TVs (a partir da década de 1950), e também os jornais e revistas impressas.

O mesmo pode ser dito do mercado de publicações, que se amplia com o aumento do número de jornais, revistas e livros. São vários os indicadores que demonstram o crescimento deste setor: tiragem, importação de papel, e, a partir de 1947,

<sup>120</sup> SOUZA, Rogério Martins. *Colonismo e redemocratização: das colunas sociais às notas informativas e políticas*. 1º Colóquio em comunicação e sociabilidade. UFMG, 2008. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA\\_rogerio.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA_rogerio.pdf). Acessado em 16/02/2017.p.03.

<sup>121</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

implantação de grupos nacionais (Klabin) na produção de papel. Um exemplo é a tiragem da revista O Cruzeiro, que em 1948 é de 300 mil exemplares, atingindo 4 anos depois, o número de 550 mil.<sup>122</sup>

Foi notória a influência cultural norte-americana no Brasil. Tirando Figueiredo Pimentel, o estilo de Winchell e das colunas norte americanas, passou a interessar aos brasileiros e foi o influenciador maior do estilo do cronista social brasileiro Maneco Muller, que depois tornou-se Jacinto de Thormes, personagem do livro A Cidade e as Serras de Eça de Queiroz.

Os jornais brasileiros passaram por uma grande mudança: se antes eles seguiam o modelo francês de jornalismo – partidário e literário, agora os modelos estadunidenses atraíam a atenção dos jovens jornalistas brasileiros. Os muitos jovens estudantes que foram estagiar nos EUA e depois retornaram foram responsáveis por implantar essa técnica nos jornais impressos brasileiros. Assim, o jornal mudou. Novos procedimentos foram implantados, manuais de redação foram criados e alguns gêneros jornalísticos começaram a ganhar destaque, como a crônica social. Foi um período difícil para aqueles jornalistas que já estavam cristalizados em certas práticas de trabalho, e que não concordavam com aquele formato jornalístico.

Neste período merece destacar o Maneco Muller. Nascido Manuel Antonio Bernardez Muller, no Rio de Janeiro, em 1923, filho de diplomata, neto do ex-governador de Santa Catarina Lauro Muller, educado por uma governanta inglesa, Maneco como era mais conhecido, imprimia, desde jovem, elegância no vestir e no tratar as pessoas, plasmando uma nova safra de cronistas no país. Falava quatro idiomas, tinha bons relacionamentos com os ricos do Rio de Janeiro. Culto, elegante e antenado, recebeu, aos 17 anos, convite para ser colunista em A Folha Carioca. Nascia, assim, a coluna O Registro Social. Isso era em 1940, e as colunas sociais brasileiras ainda estavam na fase de reproduzir apenas notas sobre batizados, casamentos e aniversários.

---

<sup>122</sup> ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 42-43.

Pouco antes de sua morte, Maneco Muller confirmou em entrevista ao jornalista Geneton Moraes Neto que seu estilo de escrever foi muito influenciado pelas colunas sociais americanas, como as de Winchell:

As novas gerações não conhecem Maneco Muller. Tampouco Walter Winchell. O legado dos dois jornalistas, porém, está presente no jornalismo atual. Ao investirem nas notas sobre ricos e famosos, os dois colunistas ascenderam à fama, estiveram próximos ao poder e experimentaram o ostracismo. Winchell, ao criar as colunas de fofocas nos Estados Unidos da década de 1920, e Maneco, ao revolucionar as colunas sociais no Brasil dos anos 1940, foram responsáveis por mudanças jornalísticas que até hoje perduram. A cultura das celebridades, as colunas de notas, o rompimento das fronteiras entre o público e o privado – devem muito a estes dois jornalistas.<sup>123</sup>

Embora tenha aceitado escrever na Folha, aspirava tecer uma narrativa que fosse além do que era ofertada pelas colunas sociais brasileiras. Por isso, quase foi demitido com a sua primeira crônica publicada:

Maneco ousara retratar lado a lado figuras da burguesia carioca com artistas, políticos, e até pessoas “comuns”, sem vínculo com as altas rodas, mas que lhe pareceram interessantes. A grita foi grande, o que lhe valeu advertências da chefia de redação, mas a repercussão calou a todos. Maneco foi autorizado a prosseguir.<sup>124</sup>

Anos mais tarde foi contratado pelo Diário Carioca, a convite de Prudente Moraes Neto. Maneco aceitou virar cronista social, mesmo afirmando que “isso era coisa de veado”, valendo-se do pseudônimo Jacinto de Thormes<sup>125</sup>.

<sup>123</sup> SOUZA, Rogério Martins. **Colunismo e redemocratização**: das colunas sociais às notas informativas e políticas. 1º Colóquio em comunicação e sociabilidade. UFMG, 2008. p. 15. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispres/SOUZA\\_rogerio.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispres/SOUZA_rogerio.pdf). Acessado em: 8 mar. 2021.

<sup>124</sup> Ibid., p. 4.

<sup>125</sup> Jacinto é um personagem que nasceu em Paris, mas tem origem portuguesa, era herdeiro de uma fortuna criada através da exploração de atividades agrícolas em Portugal. Para Jacinto, a capital francesa era o lugar ideal de gente civilizada viver, o único no mundo onde um ser humano poderia ser plenamente feliz. Jacinto conhece Zé Fernandes, que ao contrário dele, valoriza a vida mais simples, gosta do ambiente rural. Mesmo com tanto conforto que aquela Paris lhe oferece, Jacinto em determinado momento, percebe-se rodeado de gente falsa e não se sente feliz, e resolve levar os restos mortais dos seus avós para a terra natal deles Tormes, Portugal, mas seu criado confunde-se e manda sua bagagem para Alba de Tormes na Espanha, deixando Jacinto com a roupa do corpo, o fazendo perceber que precisamos de pouco para ser viver. Ele passa do civilizado para o “primitivo”. Na realidade Eça de Queiroz faz uma crítica ao afrancesamento que estava dominando não só a sociedade portuguesa, como também de outras partes do mundo.

O Rio, já internacionalizado, passou a contar com locais como a famosa Boate Vogue, em Copacabana, de grande movimentação, além do Hotel Copacabana Palace que já existia. Também um fator importante foi o fim do Estado do Novo, e com ele o fim do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que aprovava tudo o que era para sair na imprensa. No governo Dutra, o Diário Carioca, que anteriormente fazia oposição ao presidente, havia se tornado porta-voz da política situacionista. Maneco começou a usar notas sincopadas, podendo a nota seguinte complementar ou não a nota anterior. Comenta com detalhes os acontecimentos sociais, políticos e inclusive econômicos, recorrendo, em muitos casos, a um tom irônico quase mordaz, inspirado na crônica americana.



FOTOGRAFIA 11 – Coluna De Jacintho de Thormes,  
Diário Carioca, 21 jul. 1945, p. 6.

Sua coluna acima exhibe a fotografia da senhorinha Malu de Ouro Preto, acompanhada do título “Nos vestidos também”, retratando os eventos que acontecem no Theatro Municipal em seus tempos áureos. Recorrentemente é observado em seus discursos uma ode ao pretérito. De fato, é recorrente a ideia de que o passado era modelar, suas festas tinham mais glamour e as pessoas vestem-se melhor. Jacintho afirma que até ter sido chamado a atenção, não dava muito valor em observar e comentar as vestimentas dos convidados, principalmente os vestidos femininos. Admite, ainda, que por movimentar a economia, esse tipo de informação – falar sobre moda, passa a ser “sensato” e não “fútil”.

Inspirado pelos norte-americanos, Jacintho criou o rol da elegância no Brasil. Ele passou a apontar numa lista as “10 mulheres mais elegantes do Rio de Janeiro”, os “10 homens mais importantes do Rio de Janeiro”. Era impressionante o poder dessas listas em nosso país, criadas por cronistas Brasil a fora, cada um dando seu toque, sua personalidade. Jacintho comenta critérios na construção de tais taxonomias:

Quando eu ia fazer a lista, eu levava em conta também a inteligência. O que me incomoda? É a bonita e burra. Tenho horror a esse tipo de coisa. É a pessoa que se preocupa demais com a aparência, a ponto de não saber fazer outra coisa. Sempre digo: uma grande dama é sempre uma grande dama sem querer. De propósito, não é nunca! Porque não conseguirá comprar elegância, não conseguirá adquirir essa qualidade fazendo divulgação de si mesmo. Uma pessoa não elegante pode ter boas maneiras. É outra coisa. Pode ser educada. É outra coisa. Pode ser culta. É outra coisa. Mas elegância reúne quase que todas essas qualidades – inclusive cultura!<sup>126</sup>

Em meados dos anos 1950 Jacintho viveu seu auge. Criou o bordão o “Depois eu conto...” e nunca contava. Em 1953 ele foi convidado para fazer uma coluna em O Cruzeiro, maior revista de circulação da época. Na coluna a seguir, ele trata da movimentação dos Casinos da Urca e de Copacabana, pontos de encontro da elite carioca, onze meses antes do jogos serem proibidos pelo presidente Dutra.



FOTOGRAFIA 12 – Coluna de Jacintho de Thormes,

<sup>126</sup> MULLER, Maneco. **O dia em que o criador do moderno colunismo social enganou a rainha da Inglaterra no Maracanã!**: [entrevista para Geneton Morais]. 20 mar. 2004. Disponível em: <http://www.geneton.com.br/archives/000030.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Jornal Diário Carioca, 15 maio 1945, p. 6.

É incontestável a forte influência de Maneco Muller, o Jacintho de Thormes, na forma como se passou a fazer colunismo social no Brasil. Já na virada dos anos 60, de norte a sul do país, encontravam-se colunistas sociais, em todos os Estados da Federação, inclusive no Ceará, noticiando o vai e vêm da elite.

Em meio a tantos, três profissionais se destacaram como colunistas nacionalmente: Ibrahim Sued e Zózimo Barroso do Amaral, ambos no Rio de Janeiro, e Tavares de Miranda em São Paulo.

Dentre tantas colunas assinadas pelo carioca Ibrahim Sued, ressaltamos a que trata da inauguração de Brasília, acontecida no dia 21 de abril de 1960: “foi a festa mais cafona da década de 60, [...] um baile de casaca muito provinciano no Planalto”. Em sua coluna de 23 de abril de 1960, Ibrahim faz duras críticas à recepção festiva oferecida pelo governo federal, os convidados chegando ao Palácio do Planalto, e os “candangos dando os últimos retoques”. Observe as duas fotos a seguir, que mostram convidadas, elegantemente vestidas, sentadas à mesa, talvez por falta de cadeiras, ou em virtude do cansaço em esperar a chegada do anfitrião, o Presidente Juscelino Kubitschek.



FOTOGRAFIAS 13 e 14 – Em seu livro 30 anos de Reportagem (1983, p. 157), Ibrahim publicou essas duas fotos da inauguração de Brasília, ocorrida em 21 de abril de 1960.

Analisando e pesquisando essas colunas sociais, observando as opiniões e posturas desses agentes culturais de reprodução das notícias – os colunistas sociais – mapeamos várias indicações acerca da construção da nossa história, vista sob a ótica específica da coluna social.

Ibrahim Sued, ao afirmar que a primeira recepção oferecida pelo Presidente da República Juscelino Kubstichek e pela primeira dama Dona Sarah, transformou-se num “mafuá”, além do pó vermelho da NOVACAP – empresa pública responsável pela construção da cidade – que impregnou nas roupas dos convidados, talvez esteja questionando se o Brasil estava mesmo pronto para essa modernização, ou esse era um empreendimento forçado a todo custo. Ibrahim, de fato, via como uma grande perda para o Rio de Janeiro a transferência da capital para Brasília.

Ibrahim Sued nasceu no Rio de Janeiro, em 1924, no bairro de Botafogo. Oriundo de uma família pobre de imigrantes árabes, conseguiu completar o curso ginasial aos 17 anos, começando a trabalhar desde então. Fez de tudo um pouco, até tornar-se fotógrafo *freelancer*. Iniciou atuando nas redações em plantões que iam das 19 horas às 7 horas, trabalho que lhe rendeu o primeiro momento de glória, uma foto sua que teve bastante repercussão, publicada em vários jornais e revistas. A imagem foi captada em 1946, na solenidade ocorrida na Câmara dos Deputados, em homenagem ao general e futuro presidente americano Dwight D. Eisenhower. Era um reconhecimento por ele ter sido o comandante supremo das forças aliadas na Europa. Ibrahim fotografou o cumprimento do líder da UDN deputado Otávio Mangabeira da Bahia ao general, Mangabeira parece beijar a mão de Eisenhower. A foto repercutiu pelo Brasil, pois ela seria a materialização da submissão brasileira aos interesses americanos.

Com um belo porte físico, Sued poderia se passar por qualquer milionário árabe. Sua beleza o ajudou a circular pelas rodas e locais frequentados pela elite carioca, como o Copacabana Palace. Fez parte do grupo “Turma dos Cafajestes”, formado só por “gente fina”, como Mariosinho de Oliveira – herdeiro de Moinho, fábrica de cigarros e cerveja – e Carlinhos Niemeyer – futuro documentarista.

Esses e outros motivos fizeram com que o “turco” como ele era conhecido, virasse colunista social, passando a escrever, em 1951, a coluna Zum Zum no jornal A Vanguarda. Mesmo não tendo a educação e a escrita elaborada de Maneco Muller, Sued conseguiu criar um estilo próprio e também recebeu muita influência do americano Walter Winchell. Suas

prioridades eram os “furos” de notícias, informações que nunca haviam sido divulgadas em nenhum veículo de imprensa, tornando-se sua marca maior que o fez ir para o jornal O Globo, em 1954. Passaria a registrar em seus textos a nova burguesia:

Em sua coluna, Ibrahim recuou uma casa – escrevia mal – na revolução que Maneco Muller, o criador do Jacinto de Thormes, fizera no Diário Carioca. Mas avançou meia dúzia de outras. Radicalizou a impressão de que havia mudança de guarda na sociedade – o dinheiro agora, era trazido também pelo comércio urbano e pela atividade imobiliária que transformavam o Rio. A imprensa se modernizava e seguia a onda social. Uma nova burguesia industrial aparecia enquanto o Brasil se despedia dos barões do café, dos Orléans e Bragança e do que cheirasse a passado imperial e agrícola. Ibrahim, sem esse discurso todo, representava isso.<sup>127</sup>

O novo Brasil moderno e cosmopolita precisava de uma imprensa também moderna que acompanhasse o novo ritmo, vivido pelo país. Em sua coluna de O Globo, intitulada Reportagem Social, Ibrahim começou a diversificar os temas e os personagens. Agora sim era possível noticiar o café-society brasileiro – que teve sua formação iniciada nos tempos do Cassino da Urca –, um pessoal mais festivo e informal, e não apenas os sisudos rituais dos ricos, eventos sempre marcados por formalismos extremos:

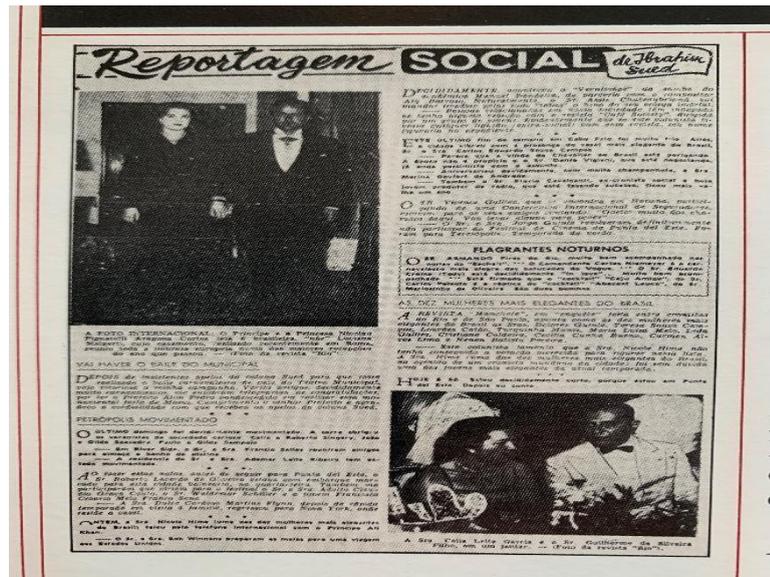
O tom descontraído de noticiar o café-soçaite mostrava que grand monde sério dos ricos e pomposos já era. Dépassé. Pesado, papos sem gargalhada, baixa libido. Viva o verdadeiro século XX trazido pelo fim da guerra, pela reprodução do comportamento dos ricos que se viam no cinema e pela algaravia contente do café-soçaite! Tudo publicado por seu arauto, Ibrahim Sued.<sup>128</sup>

Empresários, profissionais liberais, políticos, figuras dos governos, artistas, belas mulheres, todos podiam figurar em sua coluna, inclusive o café-society, que Ibrahim fazia parte e tornou-se seu principal divulgador, assim como Winchell em Nova York, que divulgava e fazia parte do café-society nova-iorquino. Como nos informou Santos,<sup>129</sup> Ibrahim ousou no que publicava, fugindo da linha sóbria cultivada por Maneco.

<sup>127</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. p.94.

<sup>128</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. p. 93.

<sup>129</sup> Ibid.



FOTOGRAFIA 15 - Reportagem Social de Ibrahim Sued, O Globo, 20 jan. 1955

Na coluna reproduzida acima, Ibrahim comunica o baile no Municipal: “Depois de insistentes apelos da coluna Sued para que fosse realizado o baile carnavalesco de gala no Teatro Municipal, vejo vitoriosa a minha campanha”. Essa nota revela o poder e prestígio do colunista no meio político e entre as autoridades. Ele conseguiu convencer o prefeito do Rio Alim Pedro<sup>130</sup> a realizar a tradicional festa carnavalesca, que reunia autoridades, a *high society* carioca, e as celebridades estrangeiras, como a cantora Edith Piaf e a atriz Rita Hayworth.

O “turco” é um exímio polígrafo: trata do final de semana movimentado em Petrópolis e do “vernissage” do samba do acadêmico Manuel Bandeira em parceria com o compositor Ary Barroso. Sued também responde ao questionamento sobre sua participação na revista *Café Society*, que circulava na cidade: “Se este colunista tivesse qualquer ligação (extra-social) com essa revista, seu nome figuraria no expediente”.

Finalmente, encerra a coluna divulgando a lista das mulheres mais elegantes, elaborada pela Revista Manchete. Tal rol foi fruto de consulta entre colunistas do eixo Rio-São Paulo. Ou seja, apenas os colunistas de dois Estados escolheram as mulheres mais elegantes de todo o país; foram elas: Dolores Guinle, Tereza Souza Campos, Lourdes Catão, Turquinha Muniz, Maria Luiza Mello, Leda Galliez, Cristiane Caldeira, Cecilia Cunha Bueno, Carmen Alves Lima e Nenem Pereira. Ibrahim lamenta que a sra Nicole Hime não tenha entrado, mas reforça que ela “foi sem dúvida, uma das jovens mais elegantes da temporada atual”.

<sup>130</sup> Alim Pedro foi prefeito do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, entre setembro de 1954 e novembro de 1955.

Ibrahim criou a sua própria lista das Dez Mais Elegantes. Essas mulheres eram casadas com grandes homens de negócios, como banqueiros, industriais, advogados e herdeiros cariocas, ou políticos. Afinal, tendo em vista que a capital do Brasil ainda era o Rio de Janeiro, era comum ver mulheres de senadores, deputados e diplomatas circularem em eventos sociais. No decorrer do tempo fez mudanças na lista, começando por admitir mulheres solteiras na relação, talvez, quem sabe, com a intenção de arranjar um “bom partido” para aquelas moças.

Todas as escolhidas por Ibrahim atendiam a um critério de elegância particular e pessoal, o qual, segundo ele, não se comprava. A mulher elegante não era apenas aquela vestida em roupas de grifes<sup>131</sup> ou que desfilava com lindas e caras jóias, tinha também que saber se comportar nos lugares. Quando, por exemplo, estava ao lado do marido, deveria cultivar a discrição e a docilidade, jamais chamando mais atenção do que ele. Tereza de Souza Campos, Carmen Mayrink Veiga, Lourdes Catão e Elisinha Moreira Sales são exemplos de mulheres apontadas repetidas vezes em sua lista e na lista de outros colunistas que atendiam plenamente a este critério de elegância genuína. A cearense Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes figurou na lista do turco, um feito para época, mesmo sendo da elite local.

Depois Ibrahim criou a lista dos Dez Homens Mais Elegantes, onde constavam Octávio Guinle, Aloysio Salles, Oswaldo Aranha, Dom João de Orleans e Bragança, Paulo de Oliveira Sampaio, Marcelo Garcia, Negrão de Lima e Didu de Souza Campos e Ataulfo Alves.

Além dessas duas listas, Ibrahim também publicou a relação das debutantes que participaram do seu concurso. O Glamour Girl era um subproduto da profissão, colaborando para o complemento da renda do colunista social. Diferente de Maneco Muller (Jacinto de Thormes) que morreu pobre morando de favor na casa da ex-mulher, Ibrahim conseguiu enriquecer na profissão. Sued conquistou espaço, ampliou suas fontes, enchendo seu caderninho de contatos que o levou a vários furos ou *hard news*<sup>132</sup>, sua especialidade.<sup>133</sup>

Em 1955 o compositor Miguel Gustavo lançou o samba “Café-Society”,<sup>134</sup> que numa linguagem divertida e popular, tratava das relações estreitas entre imprensa e sociedade:

<sup>131</sup> Balmain, Dior, Grès, Valentino, Saint Laurent e Pierre Cardin eram as grifes prediletas destas que encabeçavam a lista de quem melhor se vestia no Brasil.

<sup>132</sup> Em uma tradução livre, “Notícias importantes”.

<sup>133</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

<sup>134</sup> Ibid., p. 91-92.

Doutor de anedota e de champanhota, estou acontecendo no café-soçaito. Só digo encanté, muito merci, all right, troquei a luz do dia pela luz da light. Agora estou somente contra a Dama de Preto, nos dez mais elegantes eu estou também. Adoro River Side, só peso em Cabo Frio, decididamente eu sou gente de bem. Enquanto a plebe rude na cidade dorme eu ando com o Jacinto que é também de Thormes, Terezas e Dolores falam bem de mim, eu sou até citado na coluna do Ibrahim. E quando alguém pergunta como é que pode, papai de black tie jantando com Didu. Eu peço outro uísque, embora seja tonto. Como é que pode? Depois eu conto.

A letra da música está marcada pela ironia. “Doutor em anedota e em champanhota” é uma crítica a Ibrahim, que desprovido de educação superior formal, conseguiu adentrar em mundo restrito e exclusivo, o da alta sociedade carioca. Champanhota foi um termo cunhado pelo próprio Ibrahim. Uma pessoa sem formação e sem recursos financeiros, sentar em um jantar ao lado de Didu? Com o comportamento adequado, falando nas horas certas, respeitando as etiquetas, podia-se receber o elogio de Tereza (Sousa Campos) e Dolores (esposa de Jorginho Guinle). Na letra também são feitas menções a Jacintho de Thormes, afirmando que “enquanto a plebe rude na cidade dorme, eu ando com Jacinto que também é de Thormes”, finalizando a música com o seu bordão “Depois eu conto”.

Um detalhe: a Dama de Preto foi uma personagem criada por Ibrahim Sued, senhora que estava sempre de mal humor, sempre disponível para destilar o seu veneno. Alguns até apontavam Beki Klabin e Elisinha Moreira como possíveis damas de preto. Na realidade a Dama de Preto não existiu, sendo criada como mecanismo para criticar algo, garantindo, assim, a terceirização da crítica numa coluna majoritariamente dedicada aos elogios.



FOTOGRAFIAS 16 e 17 – Elisinha Moreira Sales e Beki Klabin eram

apontadas como possíveis Damas de Preto.

Verdadeiramente a Dama de Preto não existia.

Fonte: Ibrahim Sued: 30 anos de reportagem. p.95 e p.156, respectivamente.

Além de “dama de preto”, o cronista criou uma série de termos, expressões e bordões. Como uma “máquina de criar”, elaborou um vocabulário próprio, tais como colunável e champanota. Vejamos outros termos: CAIXA ALTA (rico); CAIXA BAIXA (metido a rico); LOCOMOTIVA (líder); KAR (bonito, bacana, bem-apresentado); XANGAI (cafona, chinfrim); REBU (confusão); GERAÇÃO PÃO COM COCADA (juventude dourada); BOMBA (notícia importante); NI (pessoa de notória importância); PERIFERIA (não colunáveis); SORRY PERIFERIA (duas interpretações: a primeira defendida é que a expressão confirmava ou reforçava algum furo, e a segunda, é que, antes de tecer comentários sobre festa ou evento, pedia desculpas aos que não participaram desse momento); BOLA BRANCA (elogio); BOLA PRETA (crítica); “NÃO CONVIDEM PARA A MESMA MESA” (referindo-se a inimigos); além de outras, como “Olho vivo que cavalo não desce escada”.

Em maio de 1963, oito anos após entrar em O Globo, Sued publicou uma ferrenha crítica ao então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, ao dar BOLA PRETA para o mesmo. Lacerda, devido a uma séria crise energética que passava o Rio de Janeiro, tinha decretado uma rígida política de racionamento, tudo isso segundo Ibrahim, porque o governo do Estado não entrava em sintonia com o governo federal, conseqüentemente com o presidente João Goulart.

Coincidência ou não, nos três dias seguintes, Ibrahim assinou sua colina direto de Brasília – do palácio do Alvorada ou da residência oficial do governo da Granja do Torto. O colunista social era amigo de Jango há mais de uma década, do tempo em que João Goulart circulava pela noite carioca, o que explicava o seu prestígio pela Esplanada dos Ministérios.

No dia 11 de maio, com Ibrahim ainda em Brasília, foi publicada na página 4 de O Globo, ao lado de sua coluna, uma carta de Carlos Lacerda,<sup>135</sup> autorizada pelo diretor Ricardo Marinho, que sequer avisou ao Sued. No texto, Lacerda explicou as razões pelas quais o Rio estava passando pelo racionamento, criticou Jango – seu inimigo político – e o governo federal e colocou a ética e a parcialidade de Ibrahim em questionamento: “Espero que suas ligações com o governo federal não o levem a desmentir sua justa reputação de

---

<sup>135</sup> LACERDA, Carlos. O racionamento de energia e a posição do governo federal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 maio 1963, p. 4.

bem-informado repórter e, sim, possam servir para acordar ainda a tempo o novo governo de Brasília, que encontrou em você seu melhor Paladino.”

Furioso e decepcionado com o jornal, pede demissão de O Globo, indo para o Diário Carioca. Anos depois ele retorna para O Globo, inclusive tendo programa na TV Globo, permanecendo no grupo até 1995, ano de sua morte. Em 1985, Ibrahim, foi escolhido como tema da Escola de Samba Acadêmicos da Santa Cruz.

Uma das críticas que Ibrahim recebia constantemente era de não saber escrever. Por essa razão e para evitar problemas no futuro, Ricardo Marinho – secretário de O Globo, irmão de Roberto Marinho – o mesmo que autorizou a publicação da carta de Lacerda – revisava todas as colunas do turco, o que levou os dois a criarem um forte vínculo de amizade. Saíam juntos, frequentando os mesmos lugares, como a hípica.

Foi em um dia desses que Zózimo Barrozo do Amaral Filho, conhecido como “boy”, comentou junto aos dois a situação de um filho problemático, que já havia abandonado duas faculdades, solicitando para o mesmo um emprego no periódico da família Marinho. Ricardo mandou que o rapaz o procurasse no dia seguinte na sede de O Globo, o que foi cumprido. O filho problemático do “boy” foi contratado para ser repórter da editoria de cidade do jornal. Tratava-se de Zózimo Bráulio Barrozo do Amaral, filho de Zózimo Barrozo do Amaral Filho (boy) e Elza Rodrigues Peixoto, nascido em 1941. Para evitar o neto no nome da criança, eles resolveram colocar Zózimo Bráulio Barrozo do Amaral, neto do cearense Zózimo Barrozo do Amaral<sup>136</sup>, que na adolescência partiu rumo ao Rio de Janeiro.

Com a saída de Ibrahim de O Globo, em 1963, Roberto Marinho viu a necessidade de recorrer a um nome fantasia – espécie de personagem – à próxima pessoa que assumisse a coluna Reportagem Social da página 4. Acreditava ele ser injusto fazer com que o nome de um profissional ascendesse e depois ele fosse levado pela concorrência. Nesse caso foi escolhido como substituto de Ibrahim o culto e inteligente advogado Álvaro Americano, que passou a assinar a coluna com o nome de Carlos Swann:

Americano era da boa elite carioca, homem de leituras refinadas. Ao assumir a coluna, ficou de olho nos formatos que Maneco Muller (por meio do personagem de Jacinto de Thormes) e Ibrahim Sued haviam lapidado. No início, inteligentemente,

---

<sup>136</sup> O primeiro Zózimo fez fortuna como engenheiro civil, participando de várias importantes obras, como a construção da estrada de ferro da Bahia, pavimentação da Avenida Atlântica, além de dezenas de outras obras, todas ligadas à prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro).

tentou pegar a mão abusando repertório mais fácil, com um exagero de notas sociais e de salões. Morno demais. Contudo, dava a impressão de que aos poucos, começando pelas primeiras lições, pegaria no tranco. Em seguida tentou fazer um mix e continuar na linha evolutiva do colunismo pátrio. Manteria aberto o leque de assuntos, informando sobre economia, política, cidade e sociedade, criação de Ibrahim, e saudaria Jacinto amarrando as notícias com o texto leve. Não foi possível. O Swann de Americano era chatíssimo. Faltava a bossa com que Jacinto salpicara o gênero, assim como faltava a notícia bombástica trazida por Ibrahim. Não havia escola nem regras a seguir para aquilo, o xis do problema era o grande diferenciador dos homens e das mulheres: Sua Alteza, primeira e única, o Talento. Não é fórmula, mas o autor.<sup>137</sup>

Após um ano e meio escrevendo sozinho, Americano viu a necessidade de contratar um ajudante. A eleição recaiu sobre o então repórter Zózimo Bráulio. Muitos apontam que a escolha se deveu ao fato do jovem rapaz de 23 anos, além do modo fino de se vestir, carregar em torno de si uma elegância natural. Com a oportunidade de começar a fazer a coluna social, o ânimo de Zózimo pelo jornalismo reacendeu. Usando de todas as boas amizades que já acumulara até ali, encantou-se por aquela área da comunicação.

Com o aceite de seu chefe para ser Secretário de Administração do Estado da Guanabara, em 1965, Zózimo, agora com 24 anos, assumiu a coluna, mantendo o pseudônimo de Carlos Swann:

Na coluna, a sucessão se fez de um jeito natural. Como pretendiam Roberto Marinho e Augusto Frederico Schmidt ao optarem pelo pseudônimo, o leitor não percebeu qualquer anormalidade. Saiu Americano, entrou Zózimo em novembro daquele ano – e a imagem do jornal não sofreu qualquer arranhão.<sup>138</sup>

Especialistas em jornais e, particularmente, nas linguagens dos colunistas, reconhecem mudanças significativas na Reportagem Social de O Globo, e Zózimo – mesmo que de forma invisível – foi o responsável por isso. De fato, ele deu uma nova roupagem, e o seu tom irônico e bem-humorado, eram as principais características da sua coluna.

Em 1966, por exemplo, noticiou o fim do SACHA'S, tradicional boate do Rio, localizada no Leme, findando o ciclo das boates que exigiam o uso de gravata para entrar. Era

<sup>137</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. p.107.

<sup>138</sup> Ibid., p.113.

um novo momento na cidade, que já não figurava mais como capital federal, já que desde 1960, órgãos e instituições do governo federal estavam sendo transferidos para Brasília. Nesse período o Rio se empobreceu de histórias e personagens:

Foi a década em que o Rio despediu-se de uma cidade e começou a inventar outra. Em novembro de 1968 Zózimo esteve em todos os eventos que celebraram no Rio a visita da Rainha Elizabeth: num jantar num convés do iate Britannia, num almoço no Museu de Arte Moderna, e num outro jantar, oferecido pelo governador Negrão de Lima, na embaixada inglesa, em Botafogo. Neste último havia quinhentos convidados, a nata dos grã-finos cariocas, numa noite de longos e black-ties com condecorações. Numa foto publicada na coluna, Carmen Mayrink Veiga ‘ostentava’, talvez pela última vez em público, ‘o seu maravilhoso conjunto de safiras, brilhantes e esmeraldas e rubis’. Em outra, Álvaro Americano usava todas as suas medalhas e ainda passou nota, em off, explicando que outros homens na festa faziam uso errado das condecorações. Ele aparece ao lado, segundo a legenda pomposa, de ‘S.S. A.A. I.I., os príncipes Dom Pedro Henrique e Dona Maria de Orléans e Bragança’, sendo que as letras dobradas em caixa alta, queriam significar o plural de Suas Altezas Imperiais. Os três personagens apareciam tristes, como se presentissem a despedida dos bons tempos em que os reis eram reverenciados em maiúsculas. Até as escolas de samba, com os desfiles revolucionários do Salgueiro, já deixavam os reis brasileiros, e louvavam os escravos e heróis negros.<sup>139</sup>

Esses seriam os últimos eventos no Rio de Janeiro, com tantas joias, etiquetas e condecorações. Eram para a república carioca o que foi para o império o último baile realizado na Ilha Fiscal. Antenado com essa mudança, o colunista registrava entre suas notícias não só recepções, como a que ocorreu em torno da realeza inglesa, mas também o ensaio da Mangueira, na quadra da escola de samba, ou a briga de jornalistas na tribuna de imprensa do Maracanã.

Embora Zózimo tenha visto como necessário assumir o seu nome na coluna, sua proposta jamais foi aceita pelos Marinheiros, que ainda estavam sequelados com o “caso” Ibrahim. Sem outra opção de atuar em outro veículo, continuava em O Globo como Swann. O Jornal do Brasil – JB, fundado em 1891, passou na década de 1960 por várias mudanças,

---

<sup>139</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. p. 118.

fazendo com que o periódico fosse uma opção para o cronista. Assim, além de assinar a coluna com seu nome, teria liberdade para escrever o que quisesse.

Assim, em fevereiro de 1969, Zózimo publica sua primeira coluna no JB. Em seu novo jornal, manteve seu inconfundível estilo de escrita, inclusive com muitas notas no estilo crítico, não poupando nem mesmo os militares que estavam no poder, chegando a ser preso duas vezes por suas peripécias discursivas. Bem diferente de Ibrahim, que embora amigo de Jango, apoiava os militares, flagrante incongruência em sua trajetória.

A coluna de Zózimo a seguir, no JB, exhibe a foto de Beatrizinha Lucas de Lima, que retorna ao Rio após um longo período de férias na Europa: “Vem a tempo de brincar o carnaval”. Na mesma coluna, trata da memória fraca de Juan Peron, ex-ditador da Argentina, exilado em Madrid, fala de peça de teatro de Cacilda Becker e Valmor Chagas, um festival de piano e a exigência de exames de rotina para diplomatas em viagem ao exterior. Tudo junto e misturado.

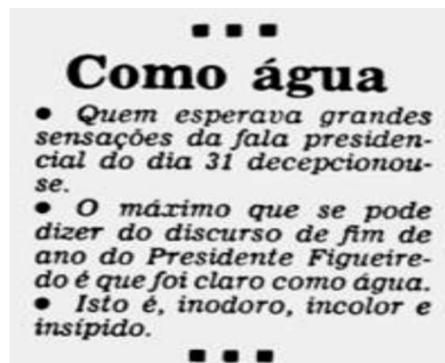


FOTOGRAFIA 18 – Coluna de Zózimo Barrozo do Amaral no JB, 5 fev. 1969, p. 3.

Diante da coragem de denunciar as agruras do regime político instaurado, Zózimo não se fez de rogado. Em 1º de abril de 1969 registrava o almoço de abertura da rodovia BR 277, que ligava o porto de Paranaguá com a ponte da amizade. Usando expressões irônicas para “celebrar” os grandes feitos após cinco anos do golpe, irritou profundamente os militares. Os tempos eram particularmente sombrios, já que o presidente Costa e Silva, há menos de um ano, tinha decretado o AI-5, fase “chumbo grosso” da ditadura. A fatura de Zózimo não

demorou a chegar, sendo preso no dia seguinte no batalhão da polícia do exército, localizado na Tijuca. Ao entrar na cela, foi reconhecido por Bezze – líder estudantil do Centro Acadêmico do curso de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um dos organizadores da marcha dos 100 mil – que gritou: “Pessoal? Os homens enlouqueceram! Eles agora estão prendendo eles mesmos”.<sup>140</sup>

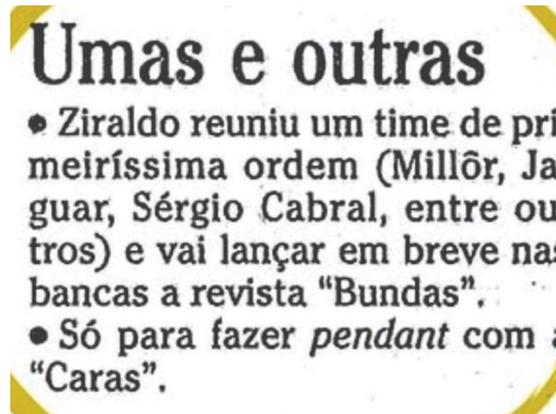
Após alguns dias de prisão em plena semana santa, foi liberado, com a ordem expressa de publicar nota retificadora da publicação. Embora tenha agido segundo determinado pelos senhores do jogo, Zózimo manteve suas críticas e o tom irônico em relação aos militares. Em 1980, publicou nota falando do presidente Figueiredo.



FOTOGRAFIA 19 – Nota da coluna de Zózimo Barrozo do Amaral no JB, 2 jan. 1980, p.3.

Em dezembro de 1968, ainda em O Globo, circularam três colunas seguidas em que o colunista ensinava aos brasileiros como servir e apreciar o champagne. Em homenagem ao valoroso líquido francês, cunhou a frase “Enquanto houver champanhe, há esperança”, frase essa que intitulou sua biografia, lançada em 2016. O Zózimo amigo do champagne e inimigo da ditadura era o mesmo que anunciava, faceiramente, o lançamento da Revista Bundas:

<sup>140</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Enquanto houver champagne, há esperança**: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. p. 1.



FOTOGRAFIA 20 – Nota da coluna de Zózimo Barrozo do Amaral, O Globo, 1999.

Até agora abordamos os principais colunistas sociais brasileiros, sediados no Rio de Janeiro. A sociedade paulistana, contudo, também tinha seu fiel interlocutor, o cronista social pernambucano José Tavares de Miranda, que nasceu em 1916 e faleceu em São Paulo no ano de 1992. Nos seus 47 anos na imprensa paulista, cinco foram devotados ao Diário da Noite e 42 anos na Folha de São Paulo.

Imaginemos o poder e a influência de Tavares de Miranda, dentro da sociedade de São Paulo, que apesar de mais “sóbria”, tinha muita semelhança e proximidade com a sociedade carioca. Afinal, as duas cidades reuniam os nomes de maior importância, da economia, política e cultura do país. O cronista de São Paulo tinha algumas características especiais. Assim, talvez chamá-lo apenas de colunista social reduza seu talento, tendo em vista que ele foi um grande escritor e poeta, integrante da Academia Paulista de Letras. Outro detalhe a ser destacado é que José Tavares de Miranda era comunista, membro do Partido Comunista Brasileiro. Com o desencadear da sua profissão, ele vai aos poucos abandonando o Partidão e se aproximando da direita da política brasileira.

Tavares de Miranda chegou em São Paulo no ano de 1937, indo diretamente para a redação do jornal Diário da Noite, pertencente ao grupo Diários Associados de Assis Chateaubriand, com o intuito de arrumar emprego e conseguiu. Frequentou a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, onde foi aos poucos conhecendo a nata da burguesia paulistana.

Devido a sua experiência, seu conhecimento da alta sociedade, seus contatos e seu modo expansivo de ser, Tavares foi convidado por Octávio Frias, em 1941, para assumir o comando da coluna social da Folha de São Paulo. Em sua coluna “Circulando”, Tavares de Miranda reformulou o conceito de colunismo social, conquistando a elite paulistana com seu

jeito de escrever. Ele também foi pioneiro no uso de imagens – fotografias – em sua coluna, o que revigorou a tradicional coluna social.



FOTOGRAFIA 21 – Espaço de Tavares de Miranda aos domingos, Na Folha de São Paulo, apresentando apenas fotografias e pouco texto.

Nos anos 1950 e 1960, o estilo de Tavares de Miranda e seu próprio nome ganham força. A coluna “Reportagem” era a coluna social de maior prestígio na cidade. O sucesso era tanto que aos domingos Tavares tinha 04 páginas do Folha Ilustrada, onde publicava um mosaico de fotografias dos principais eventos ocorridos naquela última semana.



FOTOGRAFIA 22 – Humberto de Campos, Hebe Camargo e Tavares de Miranda na TV TUPI em 1956.

Fonte: A crônica social esquecida – A trajetória do jornalista José Tavares de Miranda.

Várias famílias, com tradição de assinar o Estadão – alcunha do jornal O Estado de São Paulo –, passaram a assinar a Folha para ler e conferir as novidades de sua coluna. Alice Carta<sup>141</sup>, escritora, promotora de eventos e amiga de Tavares de Miranda, afirmou que a festa de casamento que não saísse na coluna de Tavares era um fracasso. Quando o fotógrafo José Pirocelli – que trabalhava exclusivamente para Tavares – chegava aos eventos para realizar as coberturas fotográficas, as pessoas tinham certeza que ali aconteceria um grande encontro, sabendo que o colunista não mandaria seu fotógrafo para eventos que não tivessem brilho, ou que não fossem sucesso.

Assim como outros colunistas, Tavares de Miranda criou seus bordões e suas gírias. Assim, coquetel passou a ser coq, fotos eram chamadas de flashes, ultra-chics eram as mais elegantes, aniversários nats. Aos poucos ele passou a ser copiado por outros colunistas. Tavares também era um exímio entendedor das regras de etiqueta, chegando a lançar livro sobre o assunto.

Na segunda metade da década de 1980, com a redemocratização do Brasil, o fim da ditadura, a volta dos exilados, e o movimento Diretas já, o país fervilhava e a Folha de São Paulo sofreu um processo de grande mudança editorial em busca da modernização. No dia 17 de maio de 1985 José Tavares de Miranda assinou sua última coluna, encerrando um ciclo no jornalismo social brasileiro e paulista. Ele foi substituído pelo jornalista Ruy Castro, que afirmou não ter feito coluna social, mas sim uma coluna de variedades. Em seguida, vários outros colunistas assumiram o jornalismo social da Folha, e o mundo social passou a ser registrado não apenas por um colunista, mas por vários.

---

<sup>141</sup> Alice Carta foi uma mulher que teve uma grande visão na “arte de receber” em São Paulo, ela que criou, ou colocou à disposição da sociedade paulistana, festas e eventos luxuosos. Alice era casada com Luis Carta, que era fundador da Editora Três e lançou a Vogue em 1976. A cada nova edição, Alice se devotava em organizar eventos e coquetéis de lançamento.

## CAPÍTULO 4 – REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA SOCIEDADE CEARENSE.

Eu tenho a mão que aperreia / eu tenho o sol e areia/ Eu sou da América / sul da América, south América / Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia/ eu sou do Ceará.

(Ednardo Terral)

### 4.1 Ao redor do forte surge uma cidade.

Para uma melhor compreensão da elite do Ceará de 1955, ou da atualidade, acredito ser fundamental apresentar um panorama histórico cearense – inclusive do período colonial – para que se entenda como foram estabelecidas as primeiras formações familiares. Essa reflexão me lembrou o trabalho de Ricupero<sup>142</sup>, que fez uma excepcional pesquisa no intuito de saber quem foi a elite colonial brasileira. Penso ser possível construir uma pesquisa semelhante, focada na elite colonial cearense.

Sabe-se que em relação a outras capitanias brasileiras, a Siará-Grande era considerada atrasada. Assim, diferentemente de outras regiões, inclusive próximas, às terras não despertaram interesse. Fortaleza tem como seu núcleo embrionário o forte Schoonenborch, construído em 1649 pelos holandeses. Em 1654 os portugueses assumem o local e mudam seu nome para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

O desenvolvimento do Ceará se deu a passos lentos. Portugal considerava as terras da capitania um território secundário e não tinha autonomia administrativa. Só em 1662, estabeleceu-se a primeira família em Fortaleza, nas proximidades da construção fortificada, do português Felipe Coelho de Moraes, possuidores da mais antiga sesmaria<sup>143</sup> cearense. O povoado que surgiu ao redor do muro do forte tornou-se vila no ano de 1726.

Em 1799 a capitania se torna independente e consegue sua autonomia em relação a Pernambuco, tendo como primeiro governador do Ceará o chefe de esquadra Bernardo Manuel de Vasconcelos, que em carta à coroa portuguesa afirmou que Fortaleza era “um

<sup>142</sup> RICUPERO, Rodrigo. *A formação da elite colonial no Brasil (de 1530 a 1630)*. Rio de Janeiro: Alameda, 2009.

<sup>143</sup> Doação de território pela coroa portuguesa.

montão de areia profunda apresentando dois lados de pequenas casas térreas”.<sup>144</sup> Bernardo Manuel, na mesma correspondência que fala da vila de Fortaleza, cita a vila de Aracati:

[...] fazem a vila assaz recomendável, juntamente a isto uma agradável e regular arquitetura nas suas casas, e de grande número delas os donos possuem avultados cabedais [...] do porto desta vila marítima se embarcaram em sumacas e outros barcos costeiros todos os gêneros exportáveis, assim para os outros portos da Capitania como da de Pernambuco e, por isso, de nenhum dos portos desta Capitania se poderia começar a navegação direta à capital desse Reino como deste.<sup>145</sup>

Embora em sua carta o governador não tenha mencionado Icó, Acaraú e Sobral, estas já eram vilas em desenvolvimento, embora distante da realidade de Aracati, principal núcleo urbano do Ceará até meados do século XIX. A pecuária foi a principal atividade econômica até o século XVIII, responsável, inclusive, pela interiorização da capitania. Os criadores passaram a ter dificuldades na hora de vender a carne, pois transportar o gado vivo era um processo que levava os animais a perderem peso e, naturalmente, diminuindo os lucros. Diante do desafio criou-se as oficinas de processamento da carne, as charqueadas<sup>146</sup>, que passaram a se fixar em Aracati, por ser um entreposto e ter um fácil acesso ao sal.

Aracati tinha uma forte ligação com Icó, localizado no alto Jaguaribe. Os produtores levavam seus produtos para o porto – gado – e voltavam com tecidos, azeite, ferramentas, móveis. Desse modo, “o eixo Aracati/Icó foi tido como um dos mais dinâmicos da economia cearense do século XVII até a primeira metade do século XIX”.<sup>147</sup> Ao norte do Estado as charqueadas também encontraram local ideal para sua instalação, o rio Acaraú, formando, outro eixo econômico, entre Acaraú e Sobral, que funcionava como “entreposto exportador da produção do norte do Ceará e até do Piauí”.<sup>148</sup>

Seguindo no caminhar histórico, Fortaleza ainda continuava com seu lento desenvolvimento. De acordo com o reverendo Henry Koster<sup>149</sup>, Fortaleza possuía, em 1810,

<sup>144</sup> GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC/Instituto Myra Eliane, 2019. p. 116.

<sup>145</sup> GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC/Instituto Myra Eliane, 2019. p. 116.

<sup>146</sup> Eram oficinas ou fábricas de processamento de carne, onde se salgavam a matéria prima, para evitar a decomposição em longas viagens.

<sup>147</sup> FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza, Armazém da cultura, 2018. p. 55.

<sup>148</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>149</sup> Um dos mais importantes cronistas sobre o nordeste brasileiro.

quatro ruas – sem calçamento, assumindo um formato quadrangular, casas com apenas um pavimento, havia o palácio do governo, três igrejas, câmara, prisão e tesouraria. Em 1812 Manoel Inácio Sampaio<sup>150</sup> assume o governo e percebe a necessidade de se colocar um ordenamento no crescimento da vila, para tanto contratou o arquiteto Silva Paulet, que criou um plano de urbanização para Fortaleza, entre 1813 e 1818.

No governo Sampaio ocorreu a primeira tentativa de refinamento dos hábitos. O governador, amante das armas e também das letras, criou no palácio do governo os “oiteiros”, que eram saraus literários. Nomes como o de Castro e Silva (cônego e capelão do palácio), Manuel Correia Lima, Padre Lino, Costa Barros e José Pacheco Spinosa<sup>151</sup> participavam dessas manifestações.

Enquanto isso, na esfera econômica, Spinosa e seu sócio, Antônio Manoel Alves –ambos proprietários de terras em Uruburetama –foram pioneiros na comercialização de algodão que saía do Porto de Fortaleza diretamente para a Europa. Essa medida só foi possível após a carta régia assinada pela rainha D. Maria, “a louca”, em que declarava a autonomia administrativa do Ceará.

Até a carta régia, o algodão cearense, para ser exportado, era enviado de Aracati ou Mossoró para Pernambuco e de lá para o Velho Mundo. Em alguns casos era remetido de Mundaú, Acaraú e Camocim para o Maranhão e, finalmente, para a Europa. Escoar o algodão para o outro lado do Atlântico foi facilitado com a autonomia, bem como se iniciou a rota contrária, com os produtos de lá vindo para cá. Assim, em 1810, o irlandês William Lara fundou em Fortaleza o primeiro estabelecimento de negócios estrangeiros, iniciando a influência inglesa no desenvolvimento da cidade.

A administração de Sampaio e o sucesso com os negócios cotoníferos fizeram com que surgissem em Fortaleza os primeiros homens de posse. As novas moradias que iam sendo construídas agora recebiam mais esmero, tinham algum requinte, considerando certos valores decorativos. Aspectos como instrução, artes e hábitos sociais passaram a ter relevância. Se anteriormente a “elite” fortalezense era formada pelos ocupantes dos cargos públicos (capitães-mores, governadores, padres, alfandegários, ouvidores), agora a riqueza passava a incluir nessa lista os homens que acumularam bens: “Este poder é derivado da riqueza,

---

<sup>150</sup> O governador Sampaio é considerado um dos melhores administradores do Ceará colonial. Reconstruiu a fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, agora em alvenaria, criou os correios e fez o censo populacional.

<sup>151</sup> Português que morava na vizinhança do Palácio, local onde hoje funcionava o antigo mercado público.

ocupação e status social reconhecido, bem como da posição política e, mais comumente, poder derivado de uma combinação de todos estes aspectos.”<sup>152</sup>

Os negócios com o algodão iam ganhando espaço na economia cearense, e no cotidiano. Fortaleza crescia e com isso, surgiam problemas, como a pobreza e a falta de estrutura urbana, fortemente presentes até metade do século XIX. Mesmo com a exportação da lavoura algodoeira para o continente europeu, que já se fazia com regularidade desde 1831, até final de 1840, boa parte da renda da província ainda estava ligada à pecuária e suas transações comerciais internas. Somente na segunda metade do século XIX é que Fortaleza ganha destaque na geografia do Estado. De acordo com Linda Gondim<sup>153</sup>, “a partir das décadas de 1860 e 1870 e nas primeiras décadas do século XX, a cidade expandiu-se, verificando-se a construção de praças, a abertura das vias e a edificação de prédios públicos [...]”

#### 4.2 Formatando uma cidade.

A cidade de Fortaleza recebeu vários investimentos e obras, fruto da decisão de torná-la a capital da província e centralizar dentro de suas fronteiras o poderio político, econômico, militar e administrativo. Recolhia-se ali a produção do interior do Estado para exportação e conseqüentemente tributos para o governo. Ligada ao capitalismo internacional, Fortaleza firmou-se como um importante centro político/econômico.

A cidade inglesa de Liverpool passou a comprar grande parte do algodão cearense. Linhas regulares de navegação a vapor foram estabelecidas, permitindo uma contínua ligação entre Ceará e Inglaterra, e, depois, Hamburgo, Havre, Nova Iorque e Trieste. A segunda metade do século XIX foi marcada por grandes transformações e obras atendendo a demandas de uma cidade em constante crescimento.

Entre 1860 e 1865, período da guerra civil americana, conhecida no Brasil como Guerra da Secessão, toda a exportação de algodão dos Estados Unidos foi proibida, o que levou a indústria têxtil inglesa a uma situação de crise. Em razão disso, o Brasil passou a ser o

---

<sup>152</sup> NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 275.

<sup>153</sup> GONDIM, Linda Maria de Pontes. **Uma dama da belle époque de Fortaleza**: Maria de Lourdes H. Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001. p. 48.

maior produtor-exportador dessa fibra. O Ceará, em particular, se beneficiou enormemente, já que seu algodão era conhecido por sua qualidade e alvura.

Nesse período, as principais ruas de Fortaleza foram calçadas e obras no porto foram desenvolvidas. Também foi fundada a The Ceará Gás Companhia Ltda, e a empresa inglesa Ceará Water Company Ltda canalizou e explorou o abastecimento da água. Criou-se o bonde a tração animal, foram construídos os primeiros prédios, incentivados, principalmente, pela construção do sobrado do comendador Machado, de três pavimentos. Outro fator de grande relevância para o Ceará e sua economia foi a construção da estrada de ferro de Baturité, facilitando a circulação de mercadorias.

Também nessa época foi instalado o bispado, construído o primeiro hospital da cidade, a Santa Casa de Misericórdia (1867), a biblioteca, o asilo para alienados, o mercado público, cemitérios, educandários, bem como o seminário da Prainha e o Colégio Imaculada Conceição. Surgiu o telégrafo, telefone, caixas postais, entidades comerciais, intelectuais e associativas, como o Club Cearense, fundado em 7 de setembro de 1867 e tinha como objetivo principal reunir e congregar toda a gente elegante de Fortaleza. Como ainda não havia a sede própria do clube, a reunião de instalação aconteceu na casa de Dona Manuela Vieira, na rua Amélia (atual Rua Senador Pompeu).

A fundação do clube e o teste da nova iluminação, tudo em uma única noite, gerou muita repercussão. Ao fundarem o *club*, os sócios já conheciam a necessidade do mesmo ter uma sede própria para o desenvolvimento de suas atividades. Assim, em 1869, foi construído um grande sobrado, nas esquinas da Rua Major Facundo com Doutor João Moreira, frente ao Passeio Público. O comendador Vitoriano Augusto Borges, por muitos anos, foi o presidente do clube, até renunciar em 1877 e assumir em seu lugar o comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly. Raimundo Girão<sup>154</sup> defende que foi graças ao clube que o cearense atingiu o “ápice do seu aprimoramento social”, tinha entre seus frequentadores os figurões mais ilustres da cidade. Eram, em geral, administradores, comendadores, capitalistas, importadores e exportadores, representantes de consulados estrangeiros, parlamentares, médicos, advogados e dirigentes de partidos.

Em 28 de junho de 1884 funda-se o Club Iracema, que surgiu para criticar o elitista Club Cearense. O novo clube era formado principalmente por pessoas ligadas ao comércio e voltado para a militância política, defendendo causas abolicionistas e republicanas. O Clube

---

<sup>154</sup> GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC/Instituto Myra Eliane, 2019.

Iracema tendia para atividades culturais, inclusive literárias, surgindo em seu seio várias agremiações culturais.

### 4.3 Fortaleza Belle Époque.

Desde 1860 a *Belle Époque* fortalezense já estava em curso. A cidade necessitava de adequação para enfrentar os novos tempos, uma nova realidade. Isso implica abandonar hábitos provincianos, adquirir costumes refinados, todos inspirados na Europa, especialmente na cultura francesa.

Esse movimento reformista estético iniciou-se na França. Walter Benjamin analisa esse reposicionamento cultural da cidade neste século, quando ela se tornou símbolo máximo da cultura burguesa. Benjamin na obra estuda todas as mudanças feitas em Paris por George-Eugène Haussmann. Entre 1853 e 1870, este engenheiro demoliu pequenos comércios e moradias, acabando com várias ruas e vielas. Haussmann praticamente colocou abaixo aquela velha Paris, de ruas estreitas, desordenadas, becos escuros, criou uma Paris geometrizada, com grandes avenidas e bulevares, inaugurando parques e reformando os que já existiam. Em torno do Arco do Triunfo – construído para comemorar as vitórias militares de Napoleão Bonaparte e inaugurado em 1836 – foram concebidas doze largas avenidas, onde se construíram, sobre os escombros daquela “velha” Paris, grandes mansões. Essa nova configuração espacial, com ruas e avenidas largas, tinha como objetivo principal facilitar a circulação.

Já em Fortaleza, em 1875, Adolfo Herbster foi nomeado arquiteto da capital pelo então presidente da Câmara Municipal, Boticário Ferreira, que tinha por objetivo colocar em prática as ações propostas na sua Planta Topográfica da capital e subúrbios. Mesmo mantendo o mesmo sistema de traçado urbano realizado por Silva Paulet, Herbster fez um trabalho de grande relevância para a cidade que crescia. De fato, o seu traçado ampliou o limite de Fortaleza. Inspirado por Hausmann – como aconteceu em outras cidades brasileiras – ele criou três *boulevards* (avenidas) com o propósito de facilitar o fluxo de pessoas e mercadorias. O projeto, além de embelezar, trouxe o disciplinamento do crescimento da cidade que funcionou até a década de 1930. Assim como em Paris, essas mudanças também tiveram o objetivo de controlar em Fortaleza possíveis revoltas na capital. Afinal, o número

de pobres, moradores de ruas, mendigos e prostitutas era crescente, passando a incomodar a emergente burguesia.

Como falado anteriormente, Paris era uma espécie de vitrine, para quem quisesse acompanhar os novos tempos, e Fortaleza, ou, pelo menos, a porção mais privilegiada da população, acompanhou, criando uma espécie de epidemia francesa na cidade. Havia surgido na capital cearense um grupo de ricos comerciantes, graças às exportações e importações, e, também, profissionais liberais, como médicos, bacharéis, engenheiros e advogados. Essa elite era a principal interessada em reproduzir por aqui o que ditava a Paris, modernizada e civilizada, trazendo para eles e para Fortaleza a ideia de progresso.

Falar francês era sinal de elegância e refinamento. Os estabelecimentos comerciais ganhavam nomes como o Hotel de France, Restaurant Entamnet Europeu, Café Riche, confeitaria Maison Art-Noveau, Notre Dame de Paris e Farmácia Francesa, por exemplo. Nessa mesma linha as lojas que vendiam os produtos europeus, como tecidos, sapatos, perfumes, chapéus, bijuterias, conservas, bebidas, adotavam nomes como Rendez-vous de Dames, Au Phare de La Bastille, Paris des Dames, Bon Marché, Maison Moderne e Louvre. Em 1872, por exemplo, o comerciante Geminiano Maia, Barão de Camocim, junto com dois de seus irmãos, fundou a Casa Louvre, que era:

[...] um estabelecimento de altíssima qualidade, especializado em moda, cujos artigos, em sua maioria, eram trazidos de Paris, referência de modernidade. O sucesso foi imediato, a qualquer hora do dia a loja fervilhava de fregueses num entra e sai constante, deixando os atendentes tontos, porém felizes. A população tanto se maravilhou com o esplendor do estabelecimento, que num breve tempo, os proprietários já haviam conseguido lucros fabulosos.<sup>155</sup>

Geminiano esteve algumas vezes na França, tendo, inclusive, morado lá. Numa dessas ocasiões conheceu a região de Bordeaux. Casado com Rose Nini, passou a morar em Fortaleza, em um palacete construído na Praça Visconde de Pelotas, atual Praça da Bandeira. A edificação atualmente abriga um centro cultural que leva o nome do Barão. Cidadão, benemérito e filantropo, ele presidiu a Associação Comercial do Ceará. Foi em sua gestão que

---

<sup>155</sup> BARBOSA, Lourdinha Leite Barbosa. **Barão de Camocim**: uma história real tecida com os fios da imaginação. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2016. p. 29.

o Palacete Guarany – sede da agremiação – foi construído, considerado em sua época o edifício mais suntuoso do Estado. Ele também era vice-cônsul da Rússia e Bolívia, além de ter sido um dos fundadores do Clube dos Diários (1913), que também se utilizava do Palacete Guarany para realizar suas atividades.

O menino pobre, nascido em Aracati, tornou-se Barão de Camocim, em 1893, por título nobiliárquico concedido pelo rei de Portugal e dos Algarves Dom Carlos, principalmente pelo seu apoio e lealdade à família real portuguesa e ao império. Dois dias antes da proclamação da república, o governo imperial nomeou o Barão de Camocim vice-presidente da província.

Fortaleza estava transitando entre aquela cidade rural para uma cidade urbanizada, moderna e movimentada comercialmente. Como havia uma rápida resposta de êxito comercial aos que aderiram ao afrancesamento, dois fotógrafos atuantes na cidade mudaram seus nomes para francês. Moreno Moura passou para Moura-Quineau e Eurico Bandeira se transformou em Eurico Bandière.

Em outros casos, as mudanças de nomes foram feitas como estratégia de satirização dessa compulsão pelas coisas francesas, como Bem-Bém Garapeira, que vendia em sua banca na Praça do Ferreira, garapa de cana-de-açúcar, passando a se intular *Bién-Bién Garapière*. Outro caso conhecido é o do médico Aurélio Lavor, uma das figuras que mais adorava esse afrancesamento, usando fraque, calça listrada, sapato de verniz, além de só falar francês, em qualquer ocasião. Em uma de suas crônicas em O Unitário, o jornalista João Brígido, demonstrando gozação, resolveu mudar o nome de Aurélio Lavor para Monsieur Laveur. Vale lembrar que João Brígido tecia muitas críticas em relação a postura do intendente Guilherme Rocha de querer transformar Fortaleza em uma Paris dos trópicos.

Além do afrancesamento, a anglicização era outra prática recorrente no processo de modernização de Fortaleza. Em seu romance *Mississipi*<sup>156</sup> Gustavo Barroso aborda o uso de nomes em inglês em alguns estabelecimentos comerciais. Nomes de personalidades e regiões da América do Norte tornaram-se populares no Ceará. João Lapada rotulou como Lincoln nova marca de cigarros de fumo inglês. O sítio Ipu de Maranguape lançou a cachaça Monitor. Chegaram do Sul do país as famosas botas Sherman. Nasceram as vendas Chicago e Mississipi, o botequim Richmond e a “casa da pá virada” Virginia.

---

<sup>156</sup> BARROSO, Gustavo. *Mississipi*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961. p.19.



FOTOGRAFIA 23 – Fachada da Loja Torre Eiffel, localizada na Major Facundo, especializada em artigos finos e de luxo. Arquivo Nirez.

Voltando ao traçado de Herbster, em seu plano urbanístico criou praças, deu um “novo ar” às que já existiam, como é o caso da praça dos Mártires, outro nome do Passeio Público. Localizada no antigo Campo da Pólvora, o espaço arejado de frente para o mar recebeu bancos, canteiros, café, réplicas de esculturas clássicas, tornando-se o local ideal para o passeio e o divertimento das elites. Na realidade, ele foi dividido em três planos. A avenida Caio Prado, o primeiro plano, servia exclusivamente para o uso das elites. O segundo plano, a avenida Carapinima, não tinha nenhum embelezamento, servindo para o uso da classe média, e a terceira e última avenida, o Padre Mororó, arborizada com aspecto de sítio, para as camadas mais populares. Embora fosse permitido que o indivíduo transitasse entre os planos do Passeio Público, não havendo entre elas grades ou barreiras físicas, elas estavam em vigor no campo simbólico, ligadas ao vestuário e à educação dos transeuntes. Sendo assim, alguém da camada mais popular que desfilasse no plano dedicado aos ricos, talvez não se sentisse confortável e fosse encarado pelos seus legítimos “donos” como um invasor.

Outro fato interessante ocorrido na década de 1870 foi uma epidemia de varíola que durante três anos dizimou cerca de cem mil retirantes que se encontravam nos arredores da cidade, fugindo da seca de 1877-1879. Como também atingiu as elites, a esposa do presidente da província à época faleceu por conta da varíola. Ponte<sup>157</sup> descreve bem esse período:

<sup>157</sup> PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social: 1860-1930.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2014. p.33-34.

A calamidade alterou profundamente o cotidiano da capital que, até então, não vira espetáculo mórbido tão terrível. A varíola disseminou-se e fez também muitas vítimas na população local, criando um clima de terror coletivo que fechou casas e comércio, paralisando o movimento urbano. A mobilização do governo, médicos e assistencialistas foi intensa, mas pouco se pôde fazer em face da dimensão epidêmica e dos poucos recursos médico-hospitalares de que se dispunha (apenas a Santa Casa e o Lazareto da Lagoa Funda). A ocorrência serviu para reforçar o discurso medico-político da necessidade de se instaurar uma efetiva polícia sanitária na cidade.

Vendo a incontrolável situação, Rodolfo Teófilo, médico sanitaria, comandou campanha de vacinação contra a doença, mesmo sem o apoio do governo. Com o retorno das chuvas, ocorre também o retorno da normalidade da vida na capital e, na última década do período monárquico, Fortaleza já contava com vários serviços urbanos.

Outra influência que o Ceará recebeu da França foi o das correntes de pensamento científico, literário e filosófico. Surgiu em 1892, na Praça do Ferreira – antiga Praça Pedro II – mais especificamente no Café Java, a entidade ou movimento literário intitulado Padaria Espiritual. Os padeiros, como eram conhecidos os membros dessa agremiação de letras e artes, tinham como objetivo ser “uma cousa nova, escandalosa, que sacudisse o meio e tivesse repercussão lá fora”<sup>158</sup> como afirmou Antônio Sales, criador da entidade.

Dois anos após o surgimento da Padaria foi fundada a Academia Cearense de Letras, a primeira do país. Em 1884 o Ceará ganha o apelido de “Terra da Luz”, em virtude de ter sido o primeiro Estado a abolir a escravatura. A Fortaleza cosmopolita de 1887, que já tinha telégrafo, telefone, caixa postal, contava com 27 mil habitantes, e em 1900 sua população era de 50 mil.

Com a proclamação da república, o poder no Ceará também mudou de “mãos”, entrando em ascensão Nogueira Accioly, que presidiu o Estado de 1896 a 1912. Durante todo esse período a capital de Fortaleza teve como intendente o Coronel Guilherme Rocha, maior responsável pelo embelezamento e aformoseamento de Fortaleza:

---

<sup>158</sup> SALES, Antônio. **Retratos e lembranças**. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva, 1938. p. 12.

O aformoseamento fortalezense havia encontrado no intendente Guilherme César da Rocha o mentor persistente durante 20 anos [...]. Homem de fino trato, integrado na vida social elegante, procurava transformar velhos hábitos por via da modificação física do ambiente urbano.<sup>159</sup>

Mesmo tendo sido iniciado em outra gestão, o Mercado do Ferro, inaugurado em 1897, foi a primeira grande obra da gestão Accioly-Rocha na cidade de Fortaleza. Precisava-se de um espaço decente para a comercialização dos produtos, e esse problema foi sanado com a construção de um elegante mercado, de uma bela estrutura metálica, amplo, constituído por dois pavilhões que estavam interligados por uma avenida coberta. Projetado pelo arquiteto Lefèvre e fabricado na França, o mercado ficava localizado na rua Floriano Peixoto, tendo sido posteriormente mudado de local virando o mercado central e depois dividido, tornando-se o Mercado dos Pinhões e o Mercado da Aerolândia.

#### **4.4 Fortaleza do século XX.**

A chegada do novo século anunciava a chegada de um novo tempo marcado pelo desejo de progresso. O intendente Guilherme Rocha, acompanhando esse ritmo, continuava a empreitada de embelezar Fortaleza. Remodelou as três principais praças da cidade: a do Ferreira, a Marquês de Herval (atual Praça José de Alencar) e a Praça da Sé. Elas ganharam lindos jardins, decorados com estátuas e inspiração clássica e muitos canteiros de flores. Os cidadãos fortalezenses – pelo menos sua elite – podiam se sentir como se estivessem em plena Paris. O jardim da Praça do Ferreira recebeu o nome de Jardim 7 de setembro e o da Praça Marquês de Herval foi intitulado de Jardim Nogueira Accioly. Neste último logradouro foi inaugurado, em 1910, o Theatro José de Alencar, a obra mais importante do governo aciolino para a cidade.

Accioly, depois de várias reeleições – costumeiramente acusadas de fraudulentas – e de vários mandos e desmandos, apresentou como candidato nas eleições de 1911 uma espécie de “testa de ferro” que continuaria representando os interesses do oligarca. A oposição indicou Franco Rabelo como candidato. Essa disputa eleitoral, ocorrida em janeiro de 1912,

---

<sup>159</sup> GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC/Instituto Myra Eliane, 2019. p. 88.

se converteu numa batalha de três dias, com manifestantes contra a polícia aciolina. Essa disputa trouxe vários prejuízos físicos para a cidade, quando muitos equipamentos públicos foram destruídos por manifestantes, ato criticado por Rodolfo Teófilo, um dos principais opositores de Accioly:

Nada respeitaram os bárbaros. Estátuas, jarros, bancos, tudo foi quebrado. Quando nada mais faltava para saciar a sua loucura, valeram-se do fogo e incendiaram um dos cafés da praça. Entrei no dia seguinte na Avenida Jardim Nogueira Accioly e o meu coração se confrangeu diante daquelas ruínas. A loucura do populacho havia passado por ali na sua faina de destruição.<sup>160</sup>

Nas entrelinhas, essa depredação do patrimônio da cidade pela classe popular explicitava o estranhamento desta em relação à política de embelezamento da capital. Em 1914, Franco Rabelo assume o governo e nomeia como intendente Ildefonso Albano, que depois se tornará presidente do Estado. Neste mesmo ano a Ceará Light and Power Co faz chegar a energia elétrica à cidade.

Devido a certas divergências dentro do Clube Cearense, Fortaleza ganhou, em 1913, mais uma agremiação, o Clube dos Diários, o mais requintado da Belle Époque. Cesar Cals de Oliveira, Henrique Jorge, José de Mendonça e João Garcia, José Gentil, Eduardo Salgado, são alguns dos nomes que participaram de sua fundação. Em 1917 foi inaugurado o Cine Teatro Majestic, que passa a se chamar Cine Moderno após 1922.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e os efeitos avassaladores que ela trouxe para a vida das cidades e das pessoas, aconteceu uma mudança na forma de viver, caracterizando o fim da Belle Époque na Europa. Já em Fortaleza pode se considerar que o fim da *belle époque* tenha iniciado com os conflitos que ocorreram em 1912, e culminado com a remodelação da Praça do Ferreira feita no governo de José Moreira da Rocha (1924-1928) - que tinha como intendente Godofredo Maciel, com a retirada de todos os cafés ali instalados.

Tendo como motivação principal reunir a colônia inglesa da cidade, foi fundado, em 1924, o Ceará Country Club. O inglês era o idioma oficial de sua diretoria. A sede do clube

---

<sup>160</sup> TEÓFILO, Rodolfo. **Libertação do Ceará**: a queda da oligarquia Accioly. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. p. 123.

foi edificada onde hoje fica a Avenida Barão de Studart, em terrenos comprados de Dona Maria Teresa de Souza Accioly, viúva do Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly.

O Maguari Clube, que também surgiu no mesmo ano, era a agremiação preferida pelo público masculino, pois era um clube ligado à prática do futebol. Em 1945 o setor do futebol é extinto, concentrando seus investimentos na parte social do clube. No ano seguinte foi inaugurada sua sede própria, localizada na Rua Barão do Rio Branco. Foi pelo Maguari que Emília Correia Lima competiu, em 1955, no Miss Ceará, e depois Miss Brasil. Cada clube ou agremiação social indicava sua candidata.

Em 1929 um grupo de jovens com ligação no setor comercial e na prática de esportes fundou o Náutico Atlético Cearense, com uma sede de instalações modestas, só em 1954 foi inaugurada na Praia do Meireles a suntuosa sede existente até hoje.

Em 1931, surgiu mais um clube social, o Ideal Clube, tendo sua primeira sede localizada no bairro Damas, mudando-se em 1946 para a sede atual no bairro Meireles. Com uma visão empreendedora, os 12 fundadores<sup>161</sup>, empenharam-se no ousado projeto que mudaria a vida social de Fortaleza: a fundação de um clube social moderno. Além dos clubes sociais ‘elegantes’, a cidade começou a contar com agremiações ligadas a setores diversos, como o Clube Líbano Brasileiro (1947), congregando a expressiva comunidade sírio-libanesa aqui no Ceará, Comercial Clube, AABB – Associação Atlética Banco do Brasil, Centro Iguatuense e Centro Massapeense, por exemplo.

Além dos clubes sociais, o fortalezense descobriu no cinema outro espaço de sociabilidade e lazer. No começo do século XX, em 1909, a cidade contava com dois cinematógrafos, ou pequenas salas de exibição; eram o Rio Branco, do italiano Henrique Mesiano, e o Cassino Cearense, do comerciante Júlio Pinto. Em 1911, José de Oliveira Rola inaugurou o Cine Polytheama, cujas salas de exibição eram frequentadas por homens de camadas populares em busca de divertimentos baratos.

Só em 1917 Fortaleza ganha um cinema grande e moderno, o Cine Majestic. Tendo o cinema se tornado elitizado, destinado aos mais abastados, passou a ser um negócio muito lucrativo, o que explica todos os investimentos nas estruturas dos cinemas, como é o caso do

---

<sup>161</sup> São os 12 senhores que fundaram o clube, representantes legítimos da elite cearense, são eles: Antônio da Frota Gentil, Clóvis de Alencar Matos, João da Frota Gentil, Joaquim Markan Ferreira Gomes, José Meneleu de Pontes Filho, Luiz Gonzaga Flávio da Silva, Maximiliano Leite Barbosa Filho, Meton Alencar Gadelha, Mirtil Meyer, Otávio Menescal da Frota, Pedro Augusto Sampaio e Raul Conrado Cabral, vinham de famílias que, por várias gerações, ocupavam posições de destaque na sociedade cearense.

Cine Moderno (1921), do Cine Diogo (1940) e, principalmente, do Cine São Luiz, o mais luxuoso de todos, inaugurado em 1958 e existente até a atualidade. O cinema passou a representar muito mais que diversão, convertendo-se num poderoso veículo para disseminação de ideologias, condutas e comportamentos.

#### **4.5 A cidade cresce além do centro.**

É curioso observar que o centro da cidade passou por grandes mudanças. A calma e o clima encantador foram sufragados pelos desafios sociais. Além dos conflitos em defesa da deposição de Nogueira Accioly, a cidade recebeu vários flagelados da seca, sofrendo ainda com o aumento dos delitos, muitos deles cometidos por menores.

O cotidiano de Fortaleza mudou, ficando excessivamente atribulado para as elites que residiam na região central. Em razão desse cenário tenso muitos se mudaram para setores mais distantes, que, embora já com algumas moradias instaladas desde 1900 ganhou força nesse período. Surgiram, assim, bairros como a Jacarecanga, que se tornou refúgio da elite, com mansões e palacetes suntuosos, como o da tradicional família Philomeno Gomes. Pelo menos até 1936, ano de criação da avenida Francisco Sá e posterior concentração industrial e forte presença da população operária pobre, a Jacarecanga era o local predileto pelos mais abastados para residir.

Outro reduto da elite na capital foi o bairro Benfica. Ainda no final do século XIX, na estrada de Arronches, que ligava a Praça Visconde de Pilates ao bairro Damas e depois Parangaba, o bairro situado numa região próxima ao centro e bastante arborizada, atraía o interesse dos mais abastados. Em 1918 o banqueiro João Gentil adquiriu ali um belo palacete para sua moradia, que hoje sedia a Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Esse palacete pertencia no século XIX ao comerciante de origem germânica Henrique Kalkmann. Em torno do local surgiu a gentilândia, dentro do bairro Benfica.

Somente na década de 1930, na gestão do prefeito Álvaro Weyne, o Benfica recebeu uma série de obras, consolidando-se como um bairro chique. Nota-se que no começo do século XX, os bairros preferidos pelas elites estavam associados às antigas estradas que ligavam Fortaleza a outros pontos, como Jacarecanga – Estrada para Vila Velha, Benfica – Estrada de Parangaba, Alagadiço – Estrada do Soure e Joaquim Távora – Estrada de Messejana.

#### 4.6 O cearense descobre o mar.

A cidade também passou a crescer para o leste. Foi construída uma avenida ligando a região central à praia do Peixe, que após concurso realizado na década de 1930, pela escritora e jornalista Adília de Albuquerque Moraes, passou a ser chamada de Praia de Iracema, fazendo referência ao romance homônimo de José de Alencar. Percebeu-se que havia ali todo um potencial para se tornar uma região de moradia. A Vila Morena, hoje Estoril, foi construída em 1926, inicialmente para ser apenas casa de veraneio. O local também serviu como clube dos oficiais americanos na Segunda Guerra Mundial. Era comum as pessoas das classes mais abastadas irem passear pela praia, sempre em trajes elegantes. Essas novas construções e a frequência da elite na praia fizeram com que a população de pescadores dali saísse.



FOTOGRAFIA 24 – Moças fortalezenses aproveitam a Praia de Iracema, o mar era então descoberto. Fonte: Ah Fortaleza (p. 78).

O fortalezense então, descobre uma nova fonte de lazer, o banho de mar, que até então servia apenas para fins terapêuticos, prática civilizada da Europa. A modernização libertária do comportamento e das vestimentas permitiu que o banho de mar se tornasse uma opção de lazer, principalmente para as mulheres que podiam ousar com os figurinos.

No início da década de 30, Fortaleza contava com mais de 100 mil habitantes e inúmeros problemas. Nenhuma outra planta urbanística da cidade havia existido desde a elaborada por Adolfo Herbster. Então o prefeito Tibúrcio Cavalcante mandou fazer um levantamento da planta da cidade, elaborando um novo código de posturas para a cidade.

Neste código Fortaleza foi dividida em quatro zonas (central, urbana, suburbana e rural). Nele também havia regras de como se construir casas e prédios, normas sobre higiene e comportamento.

A autoridade máxima municipal, que era o intendente, passou para a nomenclatura de prefeito, mudança que ocorreu pela Revolução de 30, que introduziu Getúlio Vargas no poder, dando um ponto final na Primeira República. O cenário político nacional foi reorganizado, conforme as novas diretrizes federais, tendo os estados e os municípios perdendo autonomia. Em novembro de 1930 foi estabelecido que os estados fossem administrados por interventores – indicados por Vargas – que indicavam os prefeitos (antigos intendentos).

O novo estudo da cidade elaborado na gestão do prefeito Tibúrcio Cavalcante não deu conta do crescimento desordenado da capital. De fato, a cidade explodiu, aparecendo as primeiras favelas nos anos de 1940. Desde 1931 Fortaleza já crescia verticalmente, tendo sido construindo o seu primeiro “arranha-céus”, Excelsor Hotel, na Praça do Ferreira.

#### **4.7 Aldeia Aldeota: a cidade cresce para o leste.**

Em 1934 Fortaleza ganha iluminação elétrica. Ademais, em sua região leste começa a desenvolver-se o bairro Aldeota, antigo Outeiro, que nos primeiros anos do século XX, já possuía algumas casas edificadas:

As primeiras casas construídas na Aldeota (na Av. Santos Dumont) datam das primeiras décadas do século (algumas mesmas do final do século passado). Eram, quase todas, tipo chalés, chamadas na época de chácaras, embora a denominação não fosse apropriada pelo tamanho do terreno. Ocupavam quase sempre a quadra toda, situadas no centro do lote, com grandes afastamentos laterais.<sup>162</sup>

Diferente do processo que vinha acontecendo – o desenvolvimento no sentido oeste da cidade –, as elites agora preferem a área leste, ora fugindo da vizinhança indesejada (Jacarecanga), ora em busca de status e clima ameno (Benfica e Joaquim Távora). Foi assim

---

<sup>162</sup> RIEDEL, Beatriz Helena Nogueira Diógenes. **Aldeota, um bairro em mutação**. 1984. 2 v. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura e Instrumentação Crítica) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1984. p. 23.

que o outeiro, lugar até então inóspito, tornou-se o local ideal para se morar, surgindo com isso a Aldeota, que ganhou fôlego a partir dos anos 1940. Cartograficamente a Aldeota era delimitada pelas ruas Pereira Filgueiras e Dom Luís (ao norte), Antônio Sales (sul), Frei Mansueto (leste) e João Cordeiro (oeste).

A Aldeota – bairro inicialmente constituído pela avenida Santos Dumont e que contava apenas com o prédio do Asilo de Mendicidade (1878), atual colégio militar, e outras construções bastante simples – cresceu rapidamente, surgindo inúmeras residências, construções sem estilo definido, já que cada família construía sua casa usando elementos de origens diversas.

O escritor Jader de Carvalho, em seu romance *Aldeota*<sup>163</sup>, trata da formação do bairro da elite burguesa fortalezense. Em uma crítica contumaz, o autor deixa claro que os casarões da Aldeota, em seus mais diversos estilos, foram surgindo devido em parte ao enriquecimento ilícito dessa nova elite, que se beneficia do contrabando ou da sonegação de impostos, nos fornecendo uma preciosa pista sobre a gênese da atual elite cearense:

A nova Aldeota é um bairro onde se misturam residências de milionários e bangalôs de médicos, advogados e engenheiros, construídos mediante financiamento ora dos Institutos, ora da Caixa Econômica. Ninguém previra o avanço da cidade rumo ao nascente – avanço que segue paralelo à orla marinha, mas indeciso ainda quanto à sua descida em direção à praia. Nessa área, agora preferida pelos ricos e pela camada superior da classe média, ainda se veem casebres de taipa, tosquíssimas construções de tijolo e telha.<sup>164</sup>

No prefácio da obra supracitada, Catarina Simões de Oliveira<sup>165</sup> aborda de forma cristalina a origem do dinheiro que fez surgir esses casarões. Também ressalta que os bilionários pouco se preocupavam em citar os nomes dos arquitetos responsáveis pelos projetos, ou ainda, dos artistas plásticos que com suas obras faziam a composição das decorações. Conclui que esses senhores enriqueceram de forma tão súbita que não tiveram tempo de polir o espírito:

---

<sup>163</sup> CARVALHO, Jader de. *Aldeota*. São Paulo: Exposição do livro, 1963.

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 337.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 337.

Olhos estranhos detiveram-se no bairro magnífico, logo colocado entre os mais ricos, mais belos e mais aristocráticos do Brasil. E não viram, à luz do sol, as raízes da cidade bilionária. Onde se enterrariam essas raízes? Claro que não se alimentavam numa agricultura rotineira e primitiva, num criatório extensivo e perseguido pelas secas. Claro também que indústrias nascentes e precárias não seriam o chão dadivoso onde a fabulosa Aldeota fosse beber tanta vida. Qual, assim a fonte, a matriz do fenômeno, se ela não está no comércio legal de algodão e de cêra de carnaúba? Se não acha no boi e muito menos nas redes e nos tecidos populares de nossos cotonifícios? A fonte é oculta. É a fraude fiscal, sob seus múltiplos aspectos. A formosa, a riquíssima Aldeota de hoje, onde se apregoam “terrenos de luxo”, nasceu do contrabando organizado, do sub-faturamento crônico, de toda a sorte de sonegação de impostos.<sup>166</sup>

A leitura de Aldeota nos remete a uma história verídica, ocorrida na casa da senhora Chiquita Gurgel<sup>167</sup>. Ela realizava diariamente em sua residência, no chique e ainda novo bairro. De acordo com Lopes<sup>168</sup>, a senhora Gurgel foi a maior anfitriã do Ceará em todos os tempos, tanto pela quantidade de encontros, como pela qualidade dos eventos, todos voltados para rodas de música, saraus de poesia e poema ou apresentações teatrais.

A *hostess* convidava para essas reuniões pessoas de setores diversificados de nossa sociedade, tais como intelectuais, jornalistas, escritores, padres, estudantes, empresários, formando um *mix* de visitantes, com personalidades e perfis que contrastavam uns com os outros. Em um desses encontros estavam sendo recepcionados na casa de Chiquita<sup>169</sup> os atores Walmor Chagas e Cacilda Becker, que se apresentavam em Fortaleza com peça teatral. No transcorrer do evento, Chiquita Gurgel resolveu declamar uma poesia com marcas bem dramáticas; quando a dama finalizou a apresentação, o empresário conhecido à época como “rei da cera”, começou a bater palmas efusivamente, proferindo algumas frases laudatórias, entre elas “eita poesia pai-d’égua”. Ouviu-se, então, o burburinho de risadas.

O fato narrado serve para fazer uma referência de como nossa sociedade foi formada. O senhor em questão, natural da cidade de Sobral, descendia de uma família com tradição no

<sup>166</sup> OLIVEIRA, Catarina Simões. [Prefácio]. In: CARVALHO, Jader de. **Aldeota**. São Paulo: Exposição do livro, 1963. p.10.

<sup>167</sup> De acordo com Lúcio Brasileiro: “que eu conheça, único salão havido da sociedade cearense foi o da Chiquita Gurgel, na Rua Desembargador Moreira, entendendo-se como tal a senhora que mantém as portas sempre abertas para receber inclusive jornalistas, padres e intelectuais. Portal do Lucio 06 de março de 2019 - <http://luciobrasileiro.com.br/2019/03/06/as-mais-mais-9/>

<sup>168</sup> LOPES, José Augusto. **Colunistas e colunáveis**: entrevistas sobre comportamento social. Fortaleza: ABC, 1997.

<sup>169</sup> Não conseguimos identificar em nossa pesquisa a origem familiar da dona Chiquita.

beneficiamento da cera de carnaúba, que fez fortuna com esse produto. Ele migrou para Fortaleza, onde instalou uma fábrica na Avenida Francisco Sá<sup>170</sup>. De fato, o sobralense havia obtido êxito e sucesso no campo da economia, mas no campo da cultura, da arte, da etiqueta era um neófito. Essa é a realidade da formação de muitas famílias interioranas que ascenderam financeiramente, devido ao início do processo de comercialização de matérias primas como algodão, cera de carnaúba e castanha de caju.

Voltando ao processo de expansão urbana da cidade, lembramos que a faixa litorânea da capital era esquecida pelos mais abonados. Assim, o espaço situado entre a Praia de Iracema e o novo porto do Mucuripe era, até 1953, praticamente inabitado pela elite, a não ser, pelas humildes residências, todas de palha, em sua maioria de pescadores.

Como a Aldeota ainda não havia descido em direção ao mar, as lindas casas encontravam-se, paralelamente e perpendicularmente, em torno da avenida Santos Dumont. Em suas áreas internas, essas construções eram pouco funcionais, sendo toda atenção colocada na fachada, na área exterior, com o intuito de ostentar, numa espécie de competição entre quem construía a casa mais bonita:

A ostentação cristalizada nas habitações da Aldeota, descortina um aspecto peculiar das elites da cidade, em todos os tempos sempre tão afeitas à exposição de signos que remetem uma estratificação superior. Essa exteriorização acontecia não somente através de moradias, mas também da aquisição de carros luxuosos, de bens de consumo e da indumentária.<sup>171</sup>

A atenção da cidade volta-se para o mar. A Aldeota também cresceu em direção ao oceano e, em 1963, com a inauguração da Avenida Beira Mar, acentua-se a ocupação dessa região. A parte leste de Fortaleza vira o local preferido dos ricos. A Aldeota ultrapassa aquela cartografia citada anteriormente. Tudo o que fosse “para os lados” da Santos Dumont e da praia era Aldeota. Aos poucos a nova Beira Mar torna-se local de encontro da sociedade e de habitação dos mais ricos, fortalecido ainda mais com a construção do calçadão na década de 1970.

---

<sup>170</sup> Localizada na zona leste da capital cearense, abrigou por muitos anos algumas indústrias.

<sup>171</sup> PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidades e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970.** Fortaleza: Expressão, 2005. p.87.

Contudo, a ala mais refinada da cidade também sofria com os problemas da expansão urbana desordenada. A Aldeota era mal servida de água e energia. A Ceará Light, empresa energética, não acompanhou o ritmo do crescimento. Somente no final da década de 1960 foi firmado um convênio entre a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco e a Prefeitura de Fortaleza, possibilitando uma reforma e ampliação de toda rede elétrica municipal. O fornecimento de água também era outro problema existente, já que o seu volume e qualidade eram insatisfatórios. Mesmo com a grande reforma nas instalações, novas canalizações e construção de duas caixas d'água em 1954, muitos bairros da cidade, até a década de 1970, eram desprovidos até de chafariz.

Além da Avenida Beira Mar, projeto do urbanista carioca Hélio Modesto, contratado pelo prefeito Cordeiro Neto em 1962, foi construída a avenida Aguanambi, entregue em 1972 e o Terminal Rodoviário, concluído no ano seguinte. Também em 1973 foi instalada a Região Metropolitana de Fortaleza. Em 1974 foi inaugurado o Center Um, primeiro shopping, localizado na avenida Santos Dumont, em pleno coração da Aldeota. O fortalezense aprendia uma nova forma de comprar e de consumir, e o Centro não era mais a única opção da elite.

Desde 1964, com o golpe militar, Fortaleza era comandada por um prefeito indicado pelos militares. A cidade, ao perder a autonomia administrativa e financeira, dependia da verba do Fundo de Participação dos Municípios e da arrecadação do ICMS, tudo gerido pelo governo federal

Os governadores, todos indicados por Brasília, administraram o Estado por 20 anos, entre 1963 e 1983, fazendo com que esse período fosse conhecido como a “era dos coronéis”. O coronel Virgílio Távora governou por dois períodos, de 1963 a 1966 e 1979 a 1983.<sup>172</sup> Franklin Chaves passou apenas um ano no poder, em 1966. Plácido Castelo governou de 1966 a 1971. César Cals, de 1971 a 1975, Adauto Bezerra, de 1975 a 1978, Waldemar de Alcântara, de 1978 a 1982, e finalizando esse período o governador Manoel de Castro.

Daí em diante a política cearense entra em uma nova fase, quando o eleitor volta a escolher os governadores, tendo Gonzaga Mota (1983 a 1987) sido o primeiro eleito após esse período. Em seguida, o empresário Tasso Jereissati é eleito governador, começando, assim, com o seu “governo das mudanças”:

---

<sup>172</sup> Lúcio chama os governos de Virgílio Távora de veteranos. 1º Veterado – primeiro governo de Virgílio Távora.

Em 15 de março de 1987, o estreante na política e empresário Tasso Jereissati tomava posse no comando do executivo cearense [...] A chegada de Tasso ao poder foi o coroamento de um projeto político-burguês, cujas as origens estão no ano de 1978, envolvendo o Centro Industrial do Ceará. [...] O CIC fora fundado em 1919 com o objetivo de defender os anseios da embrionária indústria cearense e preparar a frágil classe empresarial para contrapor-se ao operariado que, naquele momento, igualmente se arregimentava por melhores condições de vida.<sup>173</sup>

De 1985 até a atualidade, Fortaleza expandiu-se bastante. Como diria o poeta Paula Ney em suas tertúlias, “a loira desposada do sol”, galgou espaço e hoje encontra-se entre as maiores cidades do país, lembrando da grande concentração de renda. No Nordeste, Fortaleza é a cidade com a maior área de influência regional, possuindo 313,140 km<sup>2</sup> de área e quase 2 milhões e 700 mil habitantes estimados em 2018, tornando-se a capital brasileira com maior densidade demográfica.

#### **4.8 A movimentação cultural de Fortaleza nos “anos dourados” e a crônica social cearense.**

Os conhecidos anos dourados aqui no Brasil ocorreram na década de 1950. Foi um período marcado por grandes transformações no Brasil, inclusive no Ceará. O Brasil rural, atrasado, ia ficando para trás, cedendo lugar para um país moderno, industrializado e antenado com as mudanças da sociedade mundo afora.

A TV Tupi, criada em 1950, foi uma das colaboradoras da modernização do estilo de vida do brasileiro. A vida de parcela significativa das famílias brasileiras foi impactada com o surgimento dos eletrodomésticos. O Brasil, desde 1947, no começo da Guerra Fria, havia escolhido ficar do lado dos Estados Unidos (capitalista), deixando no outro polo a Rússia (comunista) e seus aliados. Essa opção política de ter ficado do lado dos americanos foi o principal fator para a revolução nos hábitos de vida do povo brasileiro, não só no que se refere aos bens de consumo, mas também às práticas culturais. Em Fortaleza não foi diferente, já que a sociedade local também revolucionou a sua forma de viver.

---

<sup>173</sup> FARIAS. Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Armazém da cultura, 2018. p. 513.

O cinema pode ser considerado uma das fontes que mais influenciou a juventude e a sociedade na década de 1950. Neste período, Fortaleza contava com 18 salas de exibições cinematográficas.<sup>174</sup> As produções *hollywoodianas*, principalmente, impactavam e influenciavam a vida dos jovens. Com isso os filmes e suas estrelas passaram a despertar um grande fascínio para o público fortalezense. Os cortes de cabelos, as frases, as posturas, o estilo de vida e indumentárias do cinema e seus atores passaram a ser copiados pelos jovens. Com o forte esquema de produção e distribuição criado pelos EUA, as películas norte-americanas protagonizaram a programação das salas em Fortaleza e ditavam moda:

Os filmes sempre foram influenciadores de comportamentos, mas a partir do período pós-segunda guerra, a ‘sétima arte’ acentuou sobremaneira essa influência. A produção cinematográfica estrangeira, predominantemente a oriunda dos Estados Unidos impôs-se, ao lado dos clubes sociais, como uma forma de lazer preferida das elites. Inspirando atitudes, disseminando modismos, povoando sonhos e gerando expectativas, o cinema hollywoodiano compôs uma sinfonia orquestrada cujo principal objetivo era disseminar, de forma mais acentuada nos países ‘colonizados’, o *american way of life*.<sup>175</sup>

Estavam na moda grandes estrelas como Ava Gardner, Elizabeth Taylor, Brigitte Bardot, Doris Day, Frank Sinatra, James Dean, Mario Lanza. O Cine Diogo – o mais chique da cidade até a inauguração do Cine São Luiz em 1958 – apresentava aos domingos a “sessão das quatro”, virando uma febre entre a juventude ir ao cinema, levando o público a caprichar nas indumentárias.

Para os homens o traje “passeio completo” – paletó e gravata – era obrigatório. Quem não estivesse vestido assim, estava impedido de entrar na sala de cinema. Firmino Holanda<sup>176</sup> trata do episódio em que o famoso cineasta Orson Welles foi barrado no Cine Diogo por não estar de paletó. O homem que não tinha consigo o paletó podia alugar um na lanchonete Cabana de Osmar Damasceno, que ficava na esquina das ruas Barão do Rio Branco com Guilherme Rocha. Já as mulheres estavam mais livres para copiar os variados modelos de vestidos das atrizes e celebridades, podendo apresentar a cada domingo um *look* diferente.

<sup>174</sup> As salas de cinema em Fortaleza nos anos de 1950 eram: Cine Diogo, Cine Moderno, Cine Majestic, Cine Rex, Cine Luz, Cine Nazaré, Cine Ventura, Cine Centro, Cine Messejana, Cine Família, Cine Santos Dumont, Cine Camará, Cine Jangada, Cine Atapu, Cine J.M. Távora, Cine América, Cine Samburá e Cine Araçanga.

<sup>175</sup> PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidades e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970.** Fortaleza: Expressão, 2005. p.45.

<sup>176</sup> HOLANDA, Firmino. **Orson Welles no Ceará.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

Observa-se que a rotina de divertimento dos jovens na década de 1950, pelo menos dos mais abastados, estava ligada aos cinemas e aos clubes sociais, que também tiveram seu momento de maior glamour. A rotina ideal no domingo era clube pela manhã, aproveite a piscina e a praia pela tarde, cinema, e, finalmente, a tradicional tertúlia do clube Maguari pela noite. Essa era a rotina dominical, reservando às sextas e sábados para os elegantes bailes do Náutico Atlético Cearense.

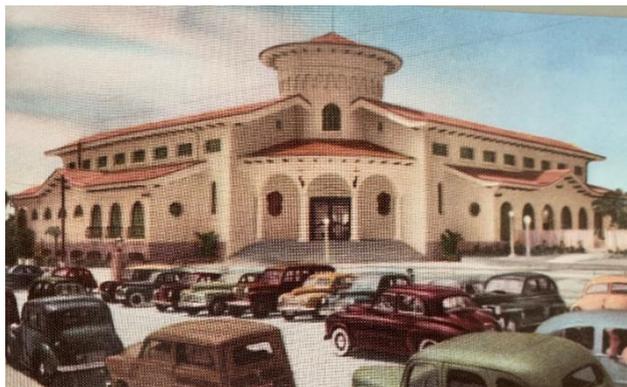
Os clubes sociais funcionavam como centros aglutinadores da elite fortalezense. Eventos dos mais variados tipos aconteciam nesses espaços. Ainda não existiam os atuais *buffets*, tornando os clubes sociais os locais mais indicados para se fazer um evento, principalmente para aqueles que não tinham uma casa grande e bonita, capaz de sediar um grande jantar, por exemplo. Atentemos como José Liberal de Castro<sup>177</sup> define bem o papel dos clubes sociais para Fortaleza:

[...] Admirar a diversidade de ritos sociais. Da subida triunfal dos sócios e convidados, na escadaria de acesso, ao desfile feminino, às ondas de perfume, aos cumprimentos formais. Às mesas, aos garçons, aos pratos, às bebidas, à profusão de flores decorando o ambiente. À música executada por orquestras famosas. Não eram, todavia, apenas as festas que qualificavam o clube. Havia mais. Nos salões, além da magnificência das festas dançantes, dos retumbantes bailes de carnaval, realizavam-se os desfiles de modas, os concursos de beleza, os shows musicais, os congressos das mais diferentes categorias profissionais, aos almoços dos clubes de serviço, as sessões literárias.

Sem dúvidas, os clubes sociais de Fortaleza tornaram-se os cenários escolhidos pela parcela mais nobre da população para a realização dos seus eventos. Inclusive surgiu na periferia da cidade clubes que serviam para acolher a população menos abastada.

---

<sup>177</sup> CASTRO, José Liberal de. [Prefácio]. In: PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes**: modernidades e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão, 2005. p.7.

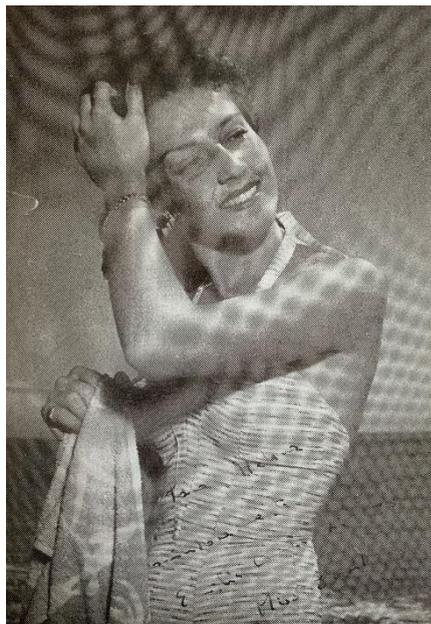


FOTOGRAFIA 25 – Cartão Postal da fachada do Nautico Atlético Cearense, ano não identificado. Reprodução: Ah Fortaleza (p.128).

Os concursos de beleza também faziam sucesso. Na cidade, os principais eram o Miss Ceará e o Glamour Girl, mas cada clube social promovia seu próprio concurso para escolher sua garota mais bonita, que representaria a agremiação no Concurso Miss Ceará e, posteriormente, para o Miss Brasil. Foi o que aconteceu com Emília Correia Lima que, escolhida como Miss Ceará e representando o clube Maguari, ganhou, em 1955, o Miss Brasil, fato que abordei na introdução. O culto ao belo é manifestação incontestável, neste período, do progresso alcançado:

No anseio de afirmação de um status de civilidade e progresso, aparecer aos olhos do país como ganhador de um certame de beleza era, sem dúvida, uma grande conquista, principalmente em se considerando o aspecto pouco atraente associado ao tipo físico cearense, normalmente de pequena estatura e ‘cabeça chata’, como se folcloriza. Se, em nível nacional, a escolha de miss Brasil já era considerado um grande acontecimento, no seio da sociedade local assumia estatuto de prioridade para os clubes, que se empenhavam e se envolviam no sentido de escolher sua representante.<sup>178</sup>

<sup>178</sup> PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes**: modernidades e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão, 2005. p. 163.



FOTOGRAFIA 26 –Emília Correia Lima, Miss Brasil 1955, eleita pelo Maguary. Fonte: Sessão das Quatro (p. 91).

Já o Glamour Girl era destinado para as debutantes. Ali os promoventes apresentavam uma lista de moças, com recém-completados 15 anos, para se eleger a mais bonita e elegante do Ceará.



FOTOGRAFIA 27 – Festa para a eleita Glamour Girl, Fernanda Parente, em 1955. Da esquerda para a direita: LB, Jacinto de Thormes, Judithy Sendy, Walbamo, Glamour Girl Fernanda Parente, Roberto de Sangerie (Geraldo Silveira), promotor do evento. Fonte: Sessão das Quatro (p. 62).

Esses concursos começaram a acontecer no país ainda nas primeiras décadas do século XX. Em 1922, Zeze Leone foi escolhida Miss. Em 1929 houve a eleição de uma Miss Brasil, tendo sido vencedora Iolanda Pereira. Aqui no Ceará, em 1930, Alba Ferreira foi eleita Miss Fortaleza e, posteriormente, aclamada Miss Ceará, ou ‘senhorita Ceará’.



FOTOGRAFIA 28 – Cartaz do primeiro concurso de Miss Ceará, em 1930. Senhorinha Magnólia Cavalcante concorre a Miss Fortaleza, enquanto a senhorinha Alba Ferreira concorre a Miss Ceará. Fonte site Fortaleza Nobre.

Além desses dois concursos, a beleza feminina era objeto de esquadramento em diversos setores da sociedade. Assim, nos deparamos com os concursos para a rainha do café, rainha dos estudantes, rainha da imprensa, mas, sem dúvida, o concurso Miss Brasil era o maior deles, tornando-se sucesso absoluto, principalmente quando começou a receber o apoio logístico, a partir de 1954, do grande grupo de comunicação Diários Associados<sup>179</sup> – comandado por Assis Chateaubriand.

No Ceará, Assis Chateaubriand também foi um homem de grande influência, mantendo durante décadas vários veículos de comunicação. Suas rádios eram as mais ouvidas, seus jornais impressos os mais lidos e com a inauguração da TV Ceará Canal 02, em 1960, ele exerceu o auge do seu poder em terras alencarinas. Em 1937 lançou o jornal impresso Correio do Ceará; em 1940 relançou o jornal Unitário, criado por João Brígido, em 1903, e que havia deixado de circular em 1918. Também manteve três estações de rádio. Em Juazeiro do Norte

<sup>179</sup> O grupo Diários Associados, fundado em 1924 pelo jornalista Assis Chateaubriand, tornou-se nos anos 50, um grande conglomerado de empresas de comunicação – na realidade era uma potência das comunicações de massa no Brasil – que começou com a publicação de O Jornal no Rio de Janeiro. Chatô, como era conhecido, tornou-se um rico empresário e com grande influência política, não só na capital federal, mas em muitos Estados da federação, pois ele foi comprando em locais diferentes, variados veículos de comunicação, como rádios, jornais impressos, revistas e televisão, a TV Tupi, foi inaugurada por ele no Brasil, em 1950.

fundou, em 1951, a Rádio Araripe. Já em Fortaleza lançou, em 1956, a rádio Verdes Mares, depois comprada pelo Sistema Verdes Mares de Comunicação. Em 1944 Chateaubriand comprou a emissora radiofônica mais antiga e de maior sucesso no Estado, a Ceará Rádio Clube, ou PRE-9, fundada em 1934 pelo libanês João Demétrio Dummar, que se popularizou e teve seu auge com os seus famosos programas de auditório.

Tratando particularmente dos jornais impressos locais, com a mudança do Império para a República, periódicos como O Cearense e Pedro II, desapareceram, dando lugar para A República, que se tornou uma publicação ligada ao governo e existiu até 1912. Para fazer oposição, surgiu o Jornal do Ceará, fundado por Valdemiro Cavalcante e, também, O Unitário, criado em 1903 por João Brígido. Só em 1915, com o surgimento do Correio do Ceará – depois adquirido pelos Diários Associados – os jornais passaram a ter um caráter noticioso e comercial. Seu fundador, Álvaro da Cunha Mendes, havia estado em São Paulo, pesquisando sobre os jornais impressos, trazendo para o Correio do Ceará muitas novidades, dando uma nova cara aos jornais impressos.

Mesmo tendo surgido para atender às demandas da Igreja Católica, o Correio do Ceará, posteriormente, firmou-se independente, deixando de ser órgão oficial da Igreja, pois essa parceria prejudicava muito a parte comercial do jornal. De certa forma, os anúncios tinham que atender aos preceitos que a Igreja determinasse. Com a separação, a Igreja criou o jornal O Nordeste, que circulou por 45 anos e possuía excelentes redatores. Dom Antônio Tabosa Braga, foi o responsável por conseguir assinaturas do jornal com as famílias católicas, da capital e do interior.

Em 1927 surge em Fortaleza a Gazeta de Notícias, fundado por Antônio Drumond. Por sua postura contra o governo local e até federal, Drummond viu seu jornal ser empastelado<sup>180</sup> diversas vezes e, em 1930, foi executado dentro da redação do jornal. O Gazeta passou a ser dirigido pelo Dr Kerginaldo Cavalcante, Theodoro Cabral e Rui Costa. Demócrito Rocha, que fundou O povo, em 1928, não teve a sua sede invadida, mas diversas vezes recebeu ameaças dos soldados por publicar conteúdos desfavoráveis ao governo Getúlio Vargas e aos governadores por aquele indicado, como Fernandes Távora (1930-1931), Carneiro de Mendonça (1931-1934).

A perseguição aos jornais e aos jornalistas era uma prática comum, em particular nos momentos políticos decisórios para o Ceará. Em 1936 foi lançado O Estado, por José Martins

---

<sup>180</sup> Teve sua sede invadida por soldados, ou pistoleiros.

Rodrigues, ligado ao partido PSD. Uma série de outros jornais surgiram e deixaram de existir, mas O Povo, Correio do Ceará, Gazeta de Notícias, O Estado, Unitário e O Nordeste, se firmaram como os principais jornais impressos da cidade, na década de 1950. Essas publicações rechearam-se de matérias e anúncios que reproduzem conteúdos, propagandas e ideias de consumo, na maioria das vezes influenciadas pelo mundo cinematográfico. Os jornais publicaram assuntos variados, como a programação das salas de cinema, matérias de interesse da população, mudanças de atitudes de gerações, e até crônicas sociais, para noticiar a vida e a movimentação da elite de Fortaleza.

A publicação O Nordeste da Igreja Católica era a que mantinha um conteúdo mais formal, em prol da defesa da “moral e dos bons costumes”, associados ao movimento intitulado TFP – Tradição Família e Propriedade. Nele eram divulgados os preceitos fundamentais da Igreja Católica, e as colunas sociais não eram ali bem-vindas. Entretanto, outros veículos de Fortaleza, a exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, se interessaram em abrir espaço para os colunistas sociais.

A crônica social local recebeu uma grande influência da crônica social americana e carioca, principalmente de Jacintho de Thormes. O jornalista Eutímio Moreira<sup>181</sup> atribui a si próprio o protagonismo do colunismo social no Ceará. Apesar dele ter estreado com a coluna Mundanismo no jornal O Povo já no ano de 1947, há controvérsias com relação a isso. Afinal, na década de 1920 a Revista Ba Ta Clan mantinha a coluna social “Trepações...”, dedicada a criticar as figuras da sociedade local, que embora disfarçados em personagens, eram facilmente identificados:

Há registros de competições em que ‘socialites’ da época corriam puxando animais amarrados à perna. Valiam patos, galinhas, perus e até...veadinhos (!). Certamente a Ba Ta Clan se referia ironicamente, aos arroz de festa de então, os mocinhos suavemente maquiados, que segundo os colunistas atuais, ‘só servem mesmo para acompanhar’.<sup>182</sup>

Eutímio pode não ter sido o primeiro, mas foi ele que constituiu o colunismo cearense aos moldes do que estava sendo produzido no sul do país, bem antes de muitos outros nomes

<sup>181</sup> LOPES, José Augusto. **Colunistas e colunáveis**: entrevistas sobre comportamento social. Fortaleza: ABC, 1997. p.31.

<sup>182</sup> Ibid., p.31.

que viriam. Sofreu perseguição quando, por exemplo, realizou o primeiro desfile de maiô em Fortaleza. Mesmo com tantas mudanças na vida social, ainda reinava uma sociedade ‘provinciana’.

Na década de 1950, outros nomes foram aparecendo aqui no Ceará, de novos colonistas sociais, fortemente influenciados por Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued. Em abril de 1955, começou a escrever em O Povo o advogado que, depois, tornou-se juiz trabalhista; tratava-se de Walter Batista Moreno ou Walbamo, que assinou a coluna Tertúlia. Também em abril de 1955, Judithy Sendy começou a escrever uma coluna social no Unitário, dos Diários Associados, sendo a primeira mulher a escrever diariamente em um jornal impresso no Ceará. Judithy era apontada como uma mulher elegante e *cult*. Mato-grossense e filha de húngaros, falava várias línguas e havia morado muitos anos na Europa e nos Estados Unidos. Promoveu em Fortaleza vários eventos exclusivamente destinados ao público feminino. Nesse período se associou a outra mulher, Geraldina Amaral. Juntas, foram responsáveis por oferecer na cidade os eventos *only for woman*. Mesmo com a existência de alguns colonistas sociais, ainda faltava nesse tipo de noticiário a descrição das festas que aconteciam nas residências e nos clubes sociais:

No noticiário faltava a descrição das grandes festas nas residências e nos clubes. Não se sabia como se portavam, o que diziam e o que pensavam aquelas pessoas que formavam esse mundo particular. Sim, porque o máximo, a que o povo tinha conhecimento desses eventos era contado pelas pessoas que formavam o ‘sereno’ das festas. O que era isso? Eram grupos de pessoas que se programavam para ir até a entrada dos clubes, e das grandes residências e assistiam à passagem das personagens que formavam aquele mundo de sonhos.<sup>183</sup>

Percebendo essa lacuna, o diretor dos Diários Associados no Ceará, Manoel Eduardo Campos, o Manoelito, considerado o “braço direito”, ou o “testa de ferro” de Assis Chateaubriand no Estado, convidou Geraldo Silveira – o mesmo Singerie, membro de tradicional família de fundadores da Loteria Estadual do Ceará para escrever uma coluna, no Correio do Ceará, que trouxesse em ricos detalhes o funcionamento dessas glamourosas festas.

---

<sup>183</sup> GIRÃO, Blanchard. **Sessão das quatro**: cenas e atores de um tempo mais feliz. Fortaleza: ABC editora, 1998. p. 79.

Ele foi o pioneiro na publicação da lista das Dez Mais, em 7 de setembro de 1955. Na realidade foi uma lista com onze mulheres, incluindo a Miss Brasil 1955, a cearense Emília Correia Lima. As demais eram: Beatriz Philomeno Gomes – também citada por Ibrahim, Lurdes Gentil, Zuíla Miranda, Sara Gentil, Hebe Costa Lima, Maristher Gentil, Albaniza Sarasate, Ilka Carneiro, Maria de Lourdes Jereissati e Celeste Porto.

Graças ao trabalho de Singerie ocorreu no Ceará o primeiro concurso de Glamour Girl, em dezembro de 1955, no centro de Massapeense. A vencedora, Fernanda Parente, recebeu a faixa do colunista Jacinto Thormes, que veio do Rio, especialmente para o evento. Para recepcionar o ilustre colunista, Geraldo Silveira organizou um coquetel na residência do casal Joaquim Altamir e Emília Oquendo, com o objetivo de apresentar a Thormes (Maneco Muller), a *high society* local.

Durante décadas, as empresas jornalísticas locais dedicaram-se a publicar textos e manifestos com teor político, a entrada das colunas sociais foi vista por muitos como futilidade, principalmente para os mais intelectuais, que achavam ser um desperdício dedicar uma parte do já pequeno jornal para esse tipo de discurso. Em 1955, por exemplo, o jornalista Arabá Matos escreveu uma crônica na Gazeta de Notícias, intitulada Robby de Lingerie, fazendo uma crítica à coluna de Geraldo Silveira, do Correio do Ceará.

Eutímio, Walbamo, Judithy Sendy, Geraldina Amaral, Geraldo Silveira (Robert Singerie), Roberto Antunes (Lord Byron) e José Calazans Pires (Bayard) foram personagens importantes da crônica social em nosso Estado. Mas um cronista em especial fez a diferença nesse meio, principalmente por sua perpetuação. Trata-se de Francisco Newton Quezado Cavalcante ou Lúcio Brasileiro, que começou a escrever, ainda com 16 anos de idade, uma coluna no Gazeta de Notícias, em dia 13 de agosto de 1955, influenciado, principalmente, pela coluna de Robert de Sangerie, do Correio do Ceará, e da coluna Jacinto de Thormes, que publicava na revista O Cruzeiro.

De 1955 até a atualidade, vários nomes assinaram colunas sociais no Ceará, dentre os quais destacamos Maura Barbosa, Marciano Lopes, Edmundo Vitoriano, José Rangel, Regina Marshall, José Augusto Lopes, Marcondes Viana, Sonia Pinheiro e Flávio Torres. O desenvolvimento da crônica social no Ceará recebeu muito estímulo, principalmente nos “anos dourados”, quando a cidade contava com vários profissionais cronistas.

A movimentação social também era registrada pelos profissionais da fotografia, um dos elementos importantíssimos para a coluna social. Afinal, a imagem imprimiu à coluna um

tom leve, diferente das colunas apenas constituídas por textos. Dentre os muitos trabalhos, o de destaque era o da Aba Film, na década de 1950, publicados em O Povo. Na “Galeria Aba Film” eram inseridos retratos de figuras da nossa sociedade, todos tirados em estúdio:

Além dos ‘retratos’ individuais, a Aba Film registrou também imagens da cidade ao longo do tempo, testemunhas do seu constante processo de transformação. No campo dos acontecimentos sociais, nenhuma outra empresa de fotografia teve um papel tão atuante. A empresa fotografava os jantares festivos, os aniversários, os bailes de debutantes, os de formatura e os de carnaval. Em geral, nos dias seguintes a esses eventos, as fotos eram expostas na vitrine da loja da rua Barão do Rio Branco para a curiosidade dos transeuntes que sempre se detinham a admirar as imagens.<sup>184</sup>

O glamour e prestígio dos colunistas sociais já não é mais o mesmo. Os valores das colunas sociais na atualidade estão ligados à capacidade desses profissionais – colunistas e jornalistas – de se tornarem excelentes, *publishers* especializados cada vez mais na parte comercial, ou seja, vendendo espaços publicitários, seja nos veículos impressos – jornais e revistas – ou nos blogs, portais ou sites da internet, ou até mesmo nas redes sociais.

---

<sup>184</sup> PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes**: modernidades e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão, 2005. P. 170.

## CAPÍTULO 5 – LÚCIO BRASILEIRO E A ELITE CEARENSE.

“Foi preciso, portanto, perseguir os rastros.”

(Suely Kofes)

### 5.1 Lúcio Brasileiro *versus* Newton Cavalcante: uma pequena biografia.

Francisco Newton Quezado Cavalcante, futuro Lúcio Brasileiro, nasceu em abril de 1939, no município cearense de Aurora<sup>185</sup>, filho de Natalício Barros Cavalcante e Nair Quezado Cavalcante. Em busca de melhores condições de vida e educação para criar os filhos, o casal, seguindo o exemplo de muitos outros, migrou para Fortaleza em dezembro de 1947. Além dos pais, vieram para Fortaleza Newton (com oito anos), seu irmão Nilson, suas três irmãs e sua tia Lucila. Mais três filhos nasceram já com o casal residindo em Fortaleza.

Ao chegarem na cidade, foram morar em uma casa na Praia de Iracema. Em 1949, a família passa a residir na Rua Antônio Augusto, e depois na Rua Gonçalves Ledo. Todas essas casas eram alugadas. Natalício então começou a construir uma casa própria na Rua Osvaldo Cruz, nas proximidades da Avenida Dom Luiz. Enquanto a residência estava sendo construída, eles passaram uma temporada em uma casa da Rua Maria Tomásia.

O pai de Newton, Natalício, comerciante e udenista (ligado ao Partido União Democrática Nacional), montou uma loja na Praça do Ferreira, o Armazém Ceará, que no princípio ia bem. Contudo, foi à bancarrota quando tentou inovar, passando a comercializar artigos de luxo. Segundo Newton, se os negócios do pai tivessem dado certo, o mundo poderia ter perdido o maior colunista de sua história. Na realidade ele reconhece na figura do pai um exemplo.

Newton, mesmo tendo o Colégio Lourenço Filho como sua primeira escola em Fortaleza – não era religioso –, recebeu depois toda a sua educação básica em colégios católicos. Ao sair do Lourenço Filho ele foi estudar no externato Coração Eucarístico (funcionou na Santos Dumont com João Cordeiro) e, posteriormente, indo para Baturité estudar no Colégio Salesiano Domingos Sávio, local em que Newton passou um ano e meio e do qual guarda excelentes memórias. Afirmava ter sido entre os filhos de Dom Bosco um excelente aluno em português e em latim. Em 1951, durante férias na capital, sua mãe observa

---

<sup>185</sup> Localizado na região do Cariri, distante da capital Fortaleza 470 km.

estar ele muito magro, impedindo-o de retornar para Baturité e matriculando-o no Colégio Marista Cearense. Foi durante a educação com os irmãos maristas que Newton passa a ter interesse pelo jornalismo.

Sendo amante de futebol, iniciou como repórter cronista esportivo, em 1951, no jornal O Povo, especificamente na sessão “Opinião do Leitor”. Era um apaixonado pela leitura dos jornais, inclusive as crônicas sociais. Tinha particular interesse pela revista O Cruzeiro, onde acompanhava Jacinto de Thormes, e os jornais locais, que já haviam aderido à onda carioca e paulista das colunas sociais, como a coluna de Sangerie –, no Correio do Ceará.

A vitória de Martha Rocha no concurso de Miss Brasil e seu segundo lugar no Miss Universo, ambos eventos em 1954, bem como a conquista de Emília Correia Lima como Miss Brasil no ano seguinte, renderam à crônica social farto material. A eleição de Emília como Miss Brasil deu uma força muito grande à ‘precariedade’ da autoestima cearense, afirma LB. Em terras cearenses, esses concursos tiveram grande repercussão e muita importância, mesmo sem a transmissão da televisão, já que por aqui a TV chegou apenas em 1960.

Em 1955 o Gazeta de Notícias, um dos muitos na cidade, era de propriedade de três empresários, Olavo Araújo, José Afonso Sancho e Antônio Brasileiro, este último o mais abastado. Newton, percebendo que O Gazeta não tinha cronista social, criou coragem e foi até a sede do jornal. Nessa ocasião foi recebido pelo funcionário chamado Dias que atuava na redação e nas oficinas<sup>186</sup>, demonstrando a ele seu interesse em escrever uma coluna social. O funcionário explicou que no momento o jornal precisava de redator, e não de colunista social.

Newton vai passar as férias de julho em Aurora, e ao retornar para Fortaleza no mês seguinte, vai novamente à sede de O Gazeta, no mesmo horário da visita anterior. Dias o recebe novamente e já conhecedor da história, o orienta a procurar o redator-chefe, Luiz Campos, pessoa mais indicada para conversar. Newton aproveita o intervalo até a chegada do redator para assistir a uma sessão no Cinema Diogo. Nesse intervalo, o funcionário Dias já havia disseminado que havia um candidato à cronista social. Vale ressaltar que o jornal em questão era veemente contra a crônica social, principalmente por sua história estar ligada a posições políticas, tendo o próprio fundador do jornal sido assassinado na redação.

Ao voltar à sede do jornal, ele consegue conversar com o redator-chefe, que de acordo com LB era “um homem de grande visão”, interessando-se pela proposta, principalmente por Newton manter fortes laços de amizade no Colégio Marista, com nomes como Roberto Maia,

---

<sup>186</sup> Áreas com as máquinas de impressão do jornal.

filho do dono do cartório Pergentino Maia, Jorge Coelho, filho do vice-presidente do Ideal, Pedro Coelho Neto, filho do fundador do Náutico e Célio Moraes, filho do famoso comerciante dono da Loja Eiffel instalada no Edifício Excelsor, na Praça do Ferreira. Assim, Newton é contratado.

Era necessário que o jovem investisse em fontes. A vida social acontecia justamente nos clubes sociais, e Newton sabia que precisava adentrar nos clubes para ter acesso às informações desse universo:

Eu tinha o atrevimento da idade, estudava no colégio Cearense, que era de elite. Lá eu conheci, alguns sócios do Ideal Clube e do Náutico. Quando eu chegava no Ideal, tinha o Roberto Fiúza Maia, que hoje é o titular do cartório do pai dele, o Pergentino Maia. Tinha o Fernando Sá, o Marcelo Duque. Isso ajudou a fazer as comunicações. Eu entrava mesmo e fim de papo, não queria saber. Nessa idade você pode um não, não pode levar quando já está sedimentado, mas quando ninguém sabe quem é você, pode levar não à vontade, ser expulso da mesa.<sup>187</sup>

Alguns amigos comentaram a respeito de uma festa de lançamento de uma orquestra feminina no Ideal Clube, dirigida pela professora de piano Carmen Carvalhedo. Newton foi então procurar o presidente do clube, o empresário Manoel Porto, pedindo para ir à referida festa. Ele conseguiu o ingresso e em sua conversa com o redator-chefe, explicou a respeito. Campos viu ali a oportunidade do jornal estreitar as relações com o Ideal Clube. O contato com seus associados, muitos deles empresários e políticos, poderia resultar em vantagens comerciais para o Gazeta de Notícias.

Desde o princípio, Luiz Campos foi simpático à ideia, mas isso precisava passar pela aprovação dos donos do jornal. A reunião em que o redator-chefe propôs a estreia da coluna social no Gazeta foi conturbada. Os três donos se opuseram, principalmente Antônio Brasileiro. Luiz, explicando todas as possibilidades do crescimento do jornal e sua aproximação com o Ideal Clube, conseguiu convencer Olavo e Sancho, fazendo com que os dois mudaram de voto. O redator saiu da reunião vitorioso, mas rouco, tamanha a sua defesa e

---

<sup>187</sup> BRASILEIRO, Lúcio. [Entrevista]. Disponível em: [www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788](http://www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788). Acesso em: 4 nov. 2021.

argumentos em prol do jornal ter uma coluna social. De certa forma, para vingar-se ou ironizar Antônio Brasileiro, que não havia concordado com ele, Luiz Campos resolveu intitular o novo cronista com o pseudônimo de Brasileiro.

Ao contar a história para o publicitário Heitor Costa Lima, primeiro a ter uma agência de publicidade aqui no Ceará, ele disse aleatoriamente: “bota Lúcio”. Não consegui descobrir o porquê do Lúcio, nem o próprio Newton (Lúcio) sabe, mas Luiz Campos adotou a ideia. Tudo ficou acertado e Newton entregou suas notas para a nova coluna escrita à mão – depois datilografada pela notória jornalista cearense Adísia Sá – na quinta feira, dia 11 de agosto de 1955.



FOTOGRAFIA 29 – Primeira coluna de Lúcio Brasileiro, no Jornal Gazeta de Notícias,  
13 de agosto de 1955.

A primeira coluna circulou no sábado, 13 de agosto de 1955, na página 02 do Gazeta de Notícias, intitulada Pela Sociedade e assinada por Lúcio Brasileiro. Esse nome foi surpresa, até para o próprio Newton, pois Luiz Campos alcunhou e registrou o nome na calada da noite. O próprio Newton acreditava que a coluna circularia com o título de Newton Cavalcante. Nasceu assim Lúcio Brasileiro, colunista social do Gazeta de Notícias. A seguir a reprodução das notas da primeira coluna de Lúcio:

Lança o GAZETA DE NOTÍCIAS sua coluna social, destinada a divulgar os acontecimentos relacionados com o “grande mundo” fortalezense. Eu, como responsável por essa coluna farei o possível para agradar os leitores. Procurarei mostrar ao público, que a alta sociedade fortalezense é composta de famílias dignas, que não vivem apenas, como muita gente pensa, de devaneios ou reuniões sem finalidade, mas que muito serve à coletividade. Por terem um alto espírito de filantropia e compreensão. Para o bom êxito desta seção, eu espero contar com a colaboração de todos.

O centro Massapeense levou a efeito o anunciado chá em homenagem a Srta. Emília Correia Lima. Emília esteve acompanhada de seus pais, Sr. e Sra. Hider Correia Lima. Durante a reunião, discursou o comendador Osmundo Pontes, que enalteceu os méritos da candidatura do Brasil ao título do Miss Universo. Entre as várias pessoas presentes, conseguimos anotar: Sr. José Martins Timbó, prefeito, Sr. e Sra. Francisco de Melo Arruda, Sr. e Sra. José Parente, Sr. e Sra. Deusimar Lins Cavalcante, Sr. e Sra. Irajá Vasconcelos, Sr. e Sra. Décio Teles Cartaxo, Sr. e Sra. O Dr. Elielder Studart, Foi uma reunião elegante, prestigiada pela alta sociedade.

Dentro de alguns dias funcionará a BOIAITE LIDO, situada na Praia de Iracema, de propriedade do Sr. Charles Dell’Eve. Um ambiente simpático que certamente, tornar-se-á muito frequentado pelo nosso mundo social. Das garotas da nossa sociedade, que estudam no Sul, apenas a Srta. Maria Cláudia passou as férias entre a gente. Frequentou nossas reuniões sociais, mostrando que brilhará na sua vida social. As Srtas. Carolina Carneiro e Eliane Gentil não estiveram entre nós, suas ausências foram sentidas.

Mesmo sendo sua primeira coluna publicada, Newton, ou agora Lúcio Brasileiro, revelou conhecimento e proximidade com os temas da sociedade. Já se valia de termos como ‘grande mundo’, ‘alta sociedade fortalezense’, divulgara evento que aconteceu em homenagem à Emília Correia Lima, que estava em ‘alta’ e noticiara a abertura da Boate Lido, que se tornaria o *point* nos anos seguintes, frequentada pelo *high society*. Foi na Gazeta que Lúcio se sedimentou e inseriu-se no mundo da alta sociedade local. Ainda em 1955 ele já participava dos grandes eventos da cidade, como a eleição da primeira Glamour Girl, Fernanda Parente.

Ao iniciar sua trajetória como cronista, LB fala que muitos foram os que o ajudaram de várias formas a adentrar nos clubes sociais e na sociedade. Adísia Sá, que havia datilografado a sua primeira coluna, também escrevia uma pequena seção intitulada Gazeta Social, assinada por ela como Moema, onde eram publicadas notas soltas, a qual foi encerrada

para dar espaço ao novo colunista. A primeira festa frequentada por ele no Náutico, aconteceu no mesmo sábado da sua estreia como colunista, também intermediada por Adísia, que conseguiu o convite para Lúcio, com uma das organizadoras do evento, Heloisa Ferreira Juaçaba.<sup>188</sup> Tratava-se de um desfile beneficente da Paramount Tecidos, em prol do Instituto do Câncer do Ceará.

O período de Lúcio no Gazeta de Notícias foi entre 1955 e 1975, tendo algumas vezes saído para ir escrever em outro lugar, como em 1958, quando, convidado por Bonaparte Maia, criador de O Jornal, “maior aventura da imprensa cearense”, foi assinar a coluna social. Vale ressaltar que O Jornal, veículo inovador, recebeu muitos investimentos de seu fundador, sendo construído um prédio próprio para abrigar um jornal. No design e no conteúdo O Jornal foi inovador, reproduzindo a coluna do famoso colunista norte-americano Walter Winchel. Lúcio recebia para ali atuar a soma de cinco mil cruzeiros mensais, mesmo valor pago pela reprodução da coluna de Winchell. O Jornal durou apenas nove meses, de julho de 1958 até abril de 1959. Ao ir para O Jornal, Lúcio conseguiu deixar seu irmão Nilson escrevendo na Gazeta no seu lugar, o que facilitou seu retorno ao seu primeiro jornal, agora pertencente ao empresário e deputado federal José Macedo, do grupo J. Macedo.

O diretor nessa época era o Dorian Sampaio. Já Wagner Studart Montenegro representava os interesses do grupo no jornal. Foi a este último que Lúcio foi conversar, após seu retorno à Gazeta, com o objetivo de melhorar o seu salário. Contudo, Wagner não atendeu a seu pleito salarial, mas lhe concedeu um novo emprego, agora como assistente do Dr. Américo Barreira, relações-públicas do grupo.

Em 1961, mesmo trabalhando no Gazeta e no grupo J Macedo, LB resolveu ir para o O Povo, que já era o maior jornal do Ceará. O Correio do Ceará chamava muita atenção, mas O Povo era verdadeiramente o de maior circulação, comandado na época por Albaniza e Paulo Sarasate, que moravam no Rio, já que ele era senador, e mesmo com Brasília em funcionamento, nunca montou casa lá, pois ela odiava Brasília.

Aspirando para trabalhar para O Povo, Lúcio se dirige ao Rio de Janeiro em agosto de 1961 na tentativa de conversar com Albaniza e Sarasate, os donos do jornal. O casal morava em um apartamento alugado, no alto do Hotel Regina, no bairro do Flamengo. Já no Rio, LB

---

<sup>188</sup> Heloisa era das tradicionais famílias Holanda Ferreira de Guaramiranga, casou-se com médico Haroldo Juaçaba, um dos fundadores do ICC, e comandava várias campanhas para arrecadar fundos para o Instituto, além de ser artista plástica.

consegue conversar com Dona Albaniza, que o recebeu, em 24 de agosto de 1961. Ela era filha de Demócrito Rocha, fundador de O Povo. Na conversa, Lúcio explicou que já estava escrevendo há seis anos como colunista no Gazeta, que era um jornal pequeno e ele tinha como objetivo ir para um jornal maior. Alegou que não tinha intenção de tomar o lugar de ninguém <sup>189</sup> Albaniza deixou a entender que Eutímio não estava com esse prestígio todo. Inclusive nessa ocasião, ela agradeceu a Lúcio por ele ter a colocado na sua lista das Dez Mais, tendo sido inserida neste rol como primeira-dama do Estado, quando Paulo Sarasate, governou o Ceará de 1955 a 1958.

Albaniza marcou um novo encontro com Lúcio no final do mesmo dia, desta vez com a participação do ex-governador e senador Paulo Sarasate. Ele sabia que esse tipo de decisão dependia de Albaniza, mas respeitou sua postura em envolver o marido nas negociações. Lúcio conseguiu firmar acordo com Sarasate, mas propõe não deixar a Gazeta, o que de imediato não foi aceito, pois em um período recente O Povo acabara de perder o jornalista Tarcísio Holanda, que também queria atuar na Gazeta.

Mas ao explicar que seu nome não era Lúcio, e sim Francisco Newton Quezado, e que ele iria em O Povo assinar coluna de variedades e não social com o nome de Newton, Sarasate concordou. Na oportunidade, em 3 de setembro de 1961, Sarasate acertou todos os detalhes da ida de Lúcio ou Newton para O Povo. No dia seguinte estava no jornal em conversa com o diretor Costa – financeiro, e Araripe – assuntos redacionais. Em setembro de 1961, Newton Cavalcante passa a assinar a coluna Destaques no jornal O Povo, continuando a escrever na Gazeta, assinando como Lúcio Brasileiro.

Também em 1961, Newton foi aprovado para o vestibular de Direito da UFC, ficando entre os dez primeiros classificados numa relação de 140 aprovados. Desde o final do seu ginásial, em 1956, no Marista Cearense, ele não mais estudava. Contudo, o amor pelo jornalismo foi maior, e ele não se enveredou na seara jurídica.

Sua coluna no jornal O Povo, nessa fase, somente durou até 1963, quando Lúcio foi demitido do jornal, por ter dado nota sobre um jovem rico, que havia se casado com uma moça de classe média. Essa ‘classe média’ na nota soou para a família do rapaz como ofensa, e o poderoso empresário Sérgio Philomeno Gomes<sup>190</sup>, irmão do noivo, exigiu a suspensão de

---

<sup>189</sup> Eutímio Moreira era o colunista social de O Povo à época.

<sup>190</sup> Sérgio Philomeno Gomes foi um rico empresário local, que tinha negócios diversificados, sendo inclusive o dono da fábrica da Coca Cola no Ceará.

Newton, que não acatou e desligou-se de O Povo, indo para o Correio do Ceará, atendendo convite de Manoel Eduardo Campos, onde também assinou como Newton Cavalcante.

Lúcio permaneceu no Correio até 1973, quando teve um desentendimento com Manoel Eduardo, após conversa com Demócrito Dummar, presidente de O Povo. Assim, ele volta para o O Povo, escrevendo até hoje sua coluna diariamente. Um ano antes, em 1972, a Gazeta de Notícias foi extinta e Lúcio estava apenas no Correio do Ceará. O colunista também havia passado um curto período de tempo em O Estado, quando o jornal era de Parsifal Barroso, governador do Ceará de 1958 até 1963. No final da década de 60 ele também assinou uma coluna universitária no Unitário, com o nome de Esporte é Vida.

Em 1957 LB teve sua primeira experiência como locutor, na rádio Dragão do Mar. Era um programa diário de muito sucesso, transmitido na hora do almoço. Ele também passou pela Rádio Verdes Mares. Desde então Lúcio nunca se afastou das emissoras de rádio, sempre tendo programas nas mais variadas estações, dos mais diversos formatos. Atualmente ele mantém um programa diário, na rádio O Povo / CBN.



FOTOGRAFIA 30 – Anúncio estreia do programa Lúcio Brasileiro no jornal Gazeta de Notícias.

1 de abril de 1962.

Na televisão, Lúcio Brasileiro teve sua primeira aparição, na TV Ceará, até então única emissora em nosso Estado, no comercial do Supermercado Aldeota. Em 1963 recebeu o convite dos publicitários Airton Rocha e Tarcísio Tavares, que coordenavam no Ceará o escritório da agência de publicidade McCann Erickson, instalada para atender a conta do grupo J. Macedo. Criaram o programa Eles fazem a Cidade, que tinha como apresentadores, Lúcio, Lustosa da Costa e Giacomo Mastroianni. A televisão é outro veículo que o

profissional mantém ativo até hoje, participando toda quinta-feira de um quadro no Programa Gente Na TV, da TV Jangadeiro.

Embora Francisco Newton Quezado Cavalcante ou Lúcio Brasileiro tenha construído uma sólida carreira jornalística, atuando em jornais impressos, emissoras de rádio e televisão, atuou além das fronteiras do jornalismo para complementar sua renda. Trabalhou como funcionário do governo do Estado, atuando em diferentes órgãos, como a comissão dinamizadora do porto do Mucuripe no governo Parsifal Barroso:

Não existe felicidade maior que fazer aquilo que você gosta e te faz feliz. Eu não seria nenhuma outra coisa que não fosse jornalista. A única mágoa que eu tenho é não ser possível viver da profissão. Durante muito tempo, eu tive uma empresa de cerimonial, organizando festas. Ao invés de estar na sala de visitas como colunista, tinha de ficar na cozinha orientando o serviço. E você nunca pode achar que estão pagando o máximo. Estão pagando o que podem pagar. Não se pode pedir aumento porque não seria justo nem decente.<sup>191</sup>

LB tinha, de fato, larga experiência na organização de eventos, inclusive em festas que aconteciam em sua famosa cobertura do Hotel Iracema Plaza, no Edifício São Pedro<sup>192</sup>, na Praia de Iracema, onde Lúcio residiu por 26 anos. Foram muitos eventos organizados e anfitrioados por ele, tendo a cobertura do Lúcio recebido muitas personalidades, autoridades, artistas e nomes da sociedade cearenses e brasileiras. Eram coquetéis, almoços e jantares que aconteceram no edifício que viveu tempos áureos. Em 1978 Lúcio resolve ir morar na Praia do Cumbuco:<sup>193</sup>

Uma vez, eu pedi uma conversa com o doutor Haroldo Juaçaba. Eu fui ao consultório e ele me convidou para ir jantar na sua casa, que era perto de lá. Jantamos, conversamos, tomamos café e fui deixá-lo no Hospital São Raimundo, às seis e meia. Ele me disse: ‘Lúcio, eu não sou psiquiatra, entendo alguma coisa porque médico tem que saber um pouco de tudo, mas você é intolerável. Você tem de morar numa fazenda porque ninguém o tolera. Você quer mandar nos pratos dos

---

<sup>191</sup> BRASILEIRO, Lúcio. [Entrevista]. Disponível em: [www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788](http://www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788). Acesso em: 4 nov. 2021.

<sup>192</sup> Hoje o edifício São Pedro está abandonado pelos donos, a família Philomeno Gomes, e pelo poder público. De certa forma, respeito ao patrimônio histórico é uma das virtudes que a elite fortalezense parece não ter.

<sup>193</sup> Distrito da cidade de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, a Praia do Cumbuco é atualmente bastante conhecida pelos praticantes de esportes como *Kite surf* e *Wind surf*.

amigos e quer que a sua opinião sobre futebol prevaleça'. Eu voltei para casa pensando nisso. Então como eu não gosto de fazenda, resolvi ir morar no Cumbuco. Eu gosto muito de conversar comigo mesmo. Como eu gosto de ganhar todas as paradas, se discuto comigo eu sempre ganho.<sup>194</sup>

Já morando no Cumbuco o colunista aproveitou sua expertise acumulada acumulou ao longo dos anos, e montou um restaurante, O Ugarte<sup>195</sup> que não está mais em funcionamento, só abrindo quando o colunista realiza algum evento.

## 5.2 Lúcio Brasileiro e a elite cearense.

As crônicas sociais, desde sua gênese, são dedicadas a narrar os passos das elites, sejam as de Nova Iorque ou de Fortaleza, incluindo as assinadas por Lúcio Brasileiro. Com isso, as colunas sociais são excelentes fontes para o estudo das elites locais, como tão bem trata Girão:<sup>196</sup>

O colunismo é como um instrumento histórico, capaz de projetar dados e elementos coexistentes no agrupamento social, indispensáveis ao conhecimento da pesquisa sociológica voltada para o conhecimento do estilo de vida de um determinado estamento social em certa fase, envolvendo usos, costumes, moda, divertimento, música, nível econômico, artístico e cultural.

Além do papel de descrever o cotidiano da elite, a coluna social, pela relevância que conseguiu, principalmente quando os jornais impressos estavam em seu momento de glória, passou a atribuir status aos que nelas apareciam, os colunáveis. Elas começaram a permear o imaginário popular, sempre sobre estilo de vida, representações de papéis sociais e as atribuições de status. O que era publicado nesses espaços tornava-se verdade. A elite ali se via, era o lado dos leitores que tornavam-se objetos da notícia, mas repito, havia o lado dos leitores que encontravam-se fora daquele mundo de glamour, do *grand monde*. Para estes a coluna social exerce um papel de sedução e fascínio, um espaço de “magia”.

<sup>194</sup> BRASILEIRO, Lúcio. [Entrevista]. Disponível em: [www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788](http://www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788). Acesso em: 4 nov. 2021.

<sup>195</sup> O filme Casablanca é uma película norte-americana de 1942, dirigida por Michel Curtiz, que se passa na cidade marroquina de Casablanca, estrelado por Humphrey Bogart e Ingrid Bergman. O nome Ugarte é de um personagem do filme, que Lúcio colocou no seu restaurante, onde ele afirma ter se revelado um excelente administrador.

<sup>196</sup> GIRÃO, Blanchard. *Sessão das quatro*: cenas e atores de um tempo mais feliz. Fortaleza: ABC, 1998. p. 70.

De fato, os leitores que não são objetos das colunas acabavam por admirar demais, sentiam-se participando daquela vida de glamour, marcada por festas com champanhe, melhores whiskys, jóias, vestidos de grife, carros, mansões, empregados, viagens, enfim, um aparato de coisas, na maioria das vezes bens materiais que sinalizavam que a pessoa detentora desses bens poderia participar daquele seleto grupo social.

Quero apresentar que quando falamos em elites, lembramos os membros que estão no comando dos setores políticos, econômicos e culturais do nosso Estado. Em todos eles LB tinha livre acesso e circulação a várias informações que se tornaram *furos* de reportagem. Iniciando pela política, LB presenciou e noticiou o mundo político em sua coluna. Duas legendas que surgiram após o final do Estado Novo<sup>197</sup> trocavam de poder aqui no Ceará, eram a UDN – União Democrática Nacional e o PSD – Partido Social Democrático. Em 1947 Faustino Albuquerque foi eleito governador pela UDN, em 1950, Raul Barbosa é eleito pelo PSD, em 1954, a UDN ganha com Paulo Sarasate, e em 1958, o PSD vence com Parsifal Barroso. Na coluna a seguir LB informa que o governador Parsifal Barroso recebeu no Palácio da Luz o presidente JK:

Analisando-se o processo político cearense desse período percebe-se claramente a já tantas vezes mencionada fragilidade das elites locais. Região periférica do Brasil e de economia pouco dinâmica (ainda baseada no comércio e agropecuária até os anos 60), o Ceará apresentava classes dominantes desestruturadas e fragmentadas, o que impedia uma facção oligárquica de deter a hegemonia da política local e do Estado. Em decorrência, havia uma alternância dos grupos oligárquicos no governo ou a formação de grandes coligações, nem sempre fáceis de serem feitas e de duração, em não poucas oportunidades, curta.<sup>198</sup>

---

<sup>197</sup> A Terceira República ou o Estado Novo foi o regime político ditatorial brasileiro, instaurado por Getúlio Vargas em 1937, e que vigorou até 1946.

<sup>198</sup> FARIAS. Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Armazém da cultura, 2018. p. 451.



FOTOGRAFIA 31 – Coluna Lúcio Brasileiro informa, jornal Gazeta de Notícias. 2 out. 1959.

Essas duas legendas, para vencer as eleições, precisavam de apoio de partidos menores, que lhe dariam a força necessária. Assim, contavam com o apoio de partidos como o PSP – Partido Social Progressista comandado por Olavo Oliveira, ou o PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, que Carlos Jereissati tinha sob sua direção e que se tornou o “fiel da balança” da política cearense a partir de 1954.

Em 1947 o PSP estava associado à UDN e elegeu Faustino de Albuquerque. Em 1950 se coligou com o PSD e fizeram vitorioso Raul Barbosa. No ano de 1954, o PTB ganha força e se coliga à UDN, que torna eleito o governador Paulo Sarasate. Na eleição de 1958, Parsifal Barroso venceu, tendo se candidatado pelo próprio PTB, coligado ao PSD. Toda essa narrativa, sobre a história política do Ceará, nesse período, encontramos nas análises do colonista LB. Mesmo ele tendo começado a escrever em 1955, essa alternância de poder entre esses partidos sempre é comentada por ele, em suas colunas, livros e portal [luciobrasileiro.com.br](http://luciobrasileiro.com.br)

Os quatro partidos acima citados eram comandados por profissionais liberais, comerciantes, coronéis, todos representantes da elite cearense. O PSD tinha como líderes maiores Menezes Pimentel (ex-governador exonerado por Getúlio Vargas), José Martins Rodrigues (político e fundador do Jornal O Estado) e Antônio da Frota Gentil (empresário e banqueiro). Já a UDN tinha a liderança da família Fernandes Távora (tradição política do sul cearense), do juiz José Saboia de Albuquerque de Sobral, e de Paulo Sarasate em Fortaleza. Um fato importante e marcante da historiografia política cearense ocorreu em 1962, com o

pacto político “União Pelo Ceará”, que elegeu Virgílio Távora governador pela primeira vez, ou para o “primeiro veterado”. A coluna abaixo apresenta uma foto do colunista com a primeira-dama do Estado, Luiza Távora, esposa do então Cel. Virgílio Távora. A legenda informa que a primeira-dama está queimada do sol da Praia do Futuro.



FOTOGRAFIA 32 – Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias. 2 ago. 1972.

LB deixa bem claro que foi uma união muito importante, pois VT<sup>199</sup> protagonizou um processo de transformação econômica jamais visto no Estado. O que aconteceu foi que, em 1962, quando Parsifal Barroso ainda era governador, existia a indefinição de um nome para sua substituição; ele havia rompido com Carlos Jereissati, inclusive não se candidatou a nenhum cargo, ficando no governo até o final para garantir que seu opositor não ganhasse. Assim acaba sem nenhuma função política em 1962. De acordo com Lúcio, Parsifal ficou sem nada porque já não tinha mais a orientação política do seu sogro Chico Monte, pai de sua esposa Olga – liderança política de Sobral, que fazia oposição ao juiz José Saboia de Albuquerque. Parsifal foi muito assediado pelos dois partidos, PSD e UDN, depois de muita conversa e acertos políticos, resolvendo se unir em torno do nome de Virgílio de Moraes Fernandes Távora, elegendo-o governador.

Mas a “União Pelo Ceará” não recebeu o apoio de todos. Alguns políticos saíram da UDN por não concordarem com essa união, e lançaram o nome de Adahil Barreto para candidato, pelo então PDC – partido democrático cristão. Receberam apoio de outros partidos como o PTB de Carlos Jereissati, o PR dos Moreira da Rocha e o PSP dos olavistas – Olavo

<sup>199</sup> Abreviatura para Virgílio Távora.

Oliveira. Adahil Barreto era acusado pela candidatura da “União Pelo Ceará”, como um “vermelho comunista”.

Em 1964, com a instauração da ditadura militar, toda a formatação da escolha dos governadores e prefeitos foi redefinida. Para o cronista LB, não houve ditadura no Brasil; o que aconteceu foi uma revolução, “brasileiros fardados” assumiram o poder para evitar que o Brasil se transformasse num país comunista. Lúcio, inclusive, fala que João Goulart caiu – caiu não, foi derrubado, ou golpeado – pois cometeu o erro de apoiar a “rebelião” marinheiros.

Estudar as colunas de Lúcio para se entender a elite local é desenvolver uma pesquisa pensando nas intersecções da política, da economia, da cultura, da intelectualidade e da arte. Na economia, os destaques de Lúcio estão para nomes que fazem parte do comércio<sup>200</sup>, da indústria.<sup>201</sup> Inclusive Lúcio foi homenageado pelas duas instituições que representam o comércio e a indústria.

Também estão presentes em suas colunas pessoas dos setores de serviços, de áreas diversas da cultura, arte e intelectualidade. LB fala muito de amigos seus – intelectuais – que assumiram cargos em governos, ou entidades públicas, como é o caso de Otacílio Colares e Nertan Macedo. Como já mencionado, Lúcio também atuou em vários cargos do setor público. Vale a citação de Miceli:<sup>202</sup>

O desenvolvimento das instituições culturais, das organizações políticas e da máquina burocrática traduz, em ampla medida, as transformações por que passavam então as relações entre os diversos grupos dirigentes e, de outro lado, reflete as demandas dos produtores e consumidores de bens culturais (...). Assim, se é verdade que as principais frações da classe dirigente (a elite burocrática, o pessoal político associado à frações economicamente dominantes, a cúpula eclesiástica, etc) se empenharam em preservar e ampliar sua presença tanto no campo da instituições políticas como no campo da produção cultural, não resta dúvida de que as transformações ocorridas no mercado de bens culturais são indissociáveis da

<sup>200</sup> Lúcio em suas colunas sempre dedicou espaço para os ricos comerciantes locais, como o empresário Clóvis Rolim – Casa Pio e C. Rolim, Inácio Parente- Casa Parente, dentre outros, inclusive LB trabalhou na campanha do último empresário citado, quando este pleiteava o cargo de presidente da CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas.

<sup>201</sup> Outro setor que se desenvolveu bastante no Ceará foi o setor industrial, tendo criado em 1950 a FIEC – Federação das Indústrias do Estado do Ceará que LB sempre deu destaque, trabalhando inclusive na campanha do industrial José Flávio Costa Lima para a presidência do órgão na década de 70. O setor industrial sempre esteve em suas crônicas, vários eram seus amigos e até “patrões” industriais, como é o caso do empresário José Macedo, dono do Moinho J Macedo, produtor da farinha dona Benta.

<sup>202</sup> MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL, 1979. p. 16.

situação material e social das famílias da classe dirigente onde eram recrutadas as diversas categorias intelectuais.

Pierre Bourdieu<sup>203</sup> apresenta vários conceitos que propiciam pensar a elite fortalezense. Através do seu gosto ela se diferencia. O gosto, tão abordado por Bourdieu, é formado por suas preferências relacionadas às práticas sociais e culturais que determinam e influenciam na formação do capital cultural de cada indivíduo, categorizando-o socialmente:

[...] o gosto é o operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas; ele faz com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes. Transforma práticas objetivamente classificadas em que uma condição significa-se a si mesma – por seu intermédio - em práticas classificadoras, ou seja, em expressão simbólica da posição de classe, pelo fato de percebê-las em suas relações mútuas e em função de esquemas sociais de classificação. Ela encontra-se, assim, na origem do sistema dos traços distintivos que é levado a ser percebido como uma expressão sistemática de uma classe particular de condições de existência, ou seja, como um estilo distintivo de vida, por quem possua o conhecimento prático das relações entre os sinais distintivos e as posições nas distribuições, entre o espaço das propriedades objetivas, revelado pela construção científica, e o espaço não menos objetivo dos estilos de vida que existe como tal para a – e pela experiência comum.<sup>204</sup>

De acordo com Bourdieu,<sup>205</sup> o capital escolar e a origem social de determinado indivíduo explicam suas práticas culturais, suas preferências, o gosto pelas artes, música, alimentação, decoração, esportes, políticas e vestuário.

A elite fortalezense, grupo privilegiado dentro desta sociedade, desenvolve práticas peculiares – como frequentar clubes sociais – e pode ser pensada como um grupo ou segmento que se diferencia dos outros por causa do seu gosto, assimilando-o como legítimo e dominante, fazendo com que todos que estão fora desse determinado campo social

---

<sup>203</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

<sup>204</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008. p. 166.

<sup>205</sup> Ibid.

propaguem diferenças inevitáveis. O gosto é a repulsa, aversão ou intolerância às escolhas do outro.

O *habitus* entende as diferenças de condição de acordo com concepções nele criadas e, por essa razão, entendido como natural. Além do seu refinado, legítimo e dominante gosto, a elite local também acredita ser possuidor de algo que vem de berço, concebido naturalmente, concedido por Deus. A ilusão é tão forte que, mesmo que todas essas práticas e gostos tenham sido adquiridas culturalmente, elas são dádivas divinas. É interessante salientar que dentro da crônica social, surgiu a expressão “emergente”, um novo-rico, que adentra esse círculo fechado através do acúmulo de capital, mas desprovido de berço.

Essa reflexão nos remeteu ao trabalho *O Cortesão*<sup>206</sup>, de Baldassare Castiglione, publicado originalmente em 1528. Para o autor, a sprezzatura, que seria a facilidade natural de fazer as coisas, realizar ações, não tem ligação com o nascimento, tem que se adquirir. Por isso a importância de publicações como a dele, que objetivava “treinar” as pessoas. Afinal, um nobre poderia cometer uma série gafe, como um plebeu se comportar de forma adequada.

No início, portanto, o cortesão deve procurar causar boa impressão e considerar coisa danosa e mortal fazer o contrário; [...] Às vezes, pensando ser argutos e engraçados, na presença de damas honradas e não raro a elas próprias, começam a dizer sujíssimas e desonestas palavras; e quanto mais as vêem enrubescer, mais se consideram bons cortesãos e continuam a rir, e deleitam-se entre si com as belas virtudes que imaginam possuir. [...] À mesa, sopas, molhos, gelatinas, tudo jogam uns no rosto dos outros, e depois riem; e quem mais sabe fazer esse tipo de coisas considera-se o melhor e mais alegre cortesão [...] se convidam um gentil homem [...] ele não quer aderir a tais gracejos selvagens.<sup>207</sup>

Chartier,<sup>208</sup> que em vários trabalhos analisa historicamente as representações sociais, observa que elas não são apenas imagens de uma realidade, mas possuem uma vida própria, levando a crer que o mundo ou passado é verdadeiramente o que afirmam ser. Essas representações determinam-se através do interesse daqueles que as constroem e as

<sup>206</sup> CASTIGLIONE, Baldassare. **O cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>207</sup> CASTIGLIONE, Baldassare. **O cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.125.

<sup>208</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

divulgam – podem ser individuais ou coletivas, concretas ou abstratas –, e que têm como único objetivo sua perpetuação e manutenção:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os outros indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio.<sup>209</sup>

Os discursos e as práticas sociais diferenciadas tem como matriz as representações, que objetivam construir o mundo social e a definição das identidades, tanto a própria como a dos outros. Os discursos, as práticas, a visão do mundo e de si fazem nascer a sensação de pertencimento a um específico grupo ou lugar e ter características definidas por ele, criando uma identidade.

Todas essas teorias servem para definir a elite local fortalezense. É necessário entender essa parcela da sociedade, suas características e analisá-las, buscar suas representações e sua autoimagem – muito importante entender como eles se viam –, suas relações forjadas na normatividade e na escolha de quem participa ou não deste segmento.

Desde a publicação de sua primeira coluna, todos os personagens que Lúcio Brasileiro focou eram ou faziam parte da elite da cidade, isso em 1955, quando Fortaleza despontava para o desenvolvimento. Lúcio manifesta claro interesse pelo *café society*, onde se situam as pessoas que geram notícias, e o *society* formado pelas fechadas e mais tradicionais famílias.

Diferente de José Mauro Gonçalves, que classificou a sociedade carioca nos núcleos (Hors-Ligne, Café-Society, Salon Societé, Big-Shots e Interlopes), o colunista cearense dividiu a sociedade fortalezense em dois grupos – Society e Café Society. Mesmo

---

<sup>209</sup> Ibid., p. 17.

acreditando que o Café Society gerasse mais repercussão para sua coluna, nesta primeira década de trabalho, LB sempre deu espaço em suas publicações para notícias que envolviam as mais tradicionais famílias cearenses. Lúcio, em nota publicada, na edição de O Jornal, em 1958, deixa claro o que para ele era a alta sociedade ou o que poderia definir como elite, vejamos:

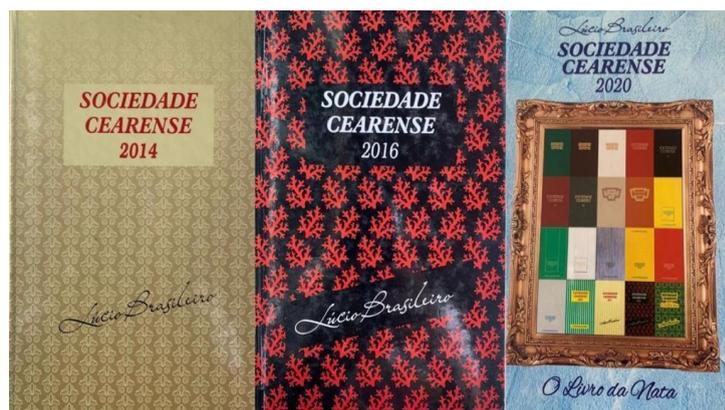
Não é tão simples, como talvez possa parecer, o mecanismo de uma sociedade. Quando eu falo em sociedade, quero me referir às reuniões particulares e não a vida nos clubes. Não é fácil qualquer pessoa frequentar a sociedade. O mais que o forasteiro pode conseguir é comprar ação de dois ou três clubes de categoria. Mas para que ele consiga ser convidado é necessário muito tempo e uma série de outros fatores.<sup>210</sup>

Na nota anterior, o colunista esclarece como o mundo das altas rodas ou da alta sociedade funciona. Quem não tem berço, ou seja, quem não nasceu em uma família tradicional podia entrar nesse mundo fechado, mas, antes de tudo, deveria passar por uma série de análises, para assim, saber se poderia ser aceito. Nota-se que comprar ações de clubes sociais era uma das coisas a serem feitas para quem desejava, se aproximar do *grand monde*, e ter a honra e o privilégio de participar do renomado grupo social.

Lúcio sempre manteve a preocupação de registrar em sua coluna nomes e lugares que simbolizavam prestígio e status. Mesmo não sendo alvo desse estudo, não posso deixar de tratar do catálogo social Sociedade Cearense, publicado pela primeira vez em 1972, e circulando de dois em dois anos. Editado por Lúcio Brasileiro, a lista conta com mil verbetes – casais ou não – onde constam nomes, endereços, telefones e e-mail, além das datas de nascimento, definindo quem é realmente importante na sociedade local dentro da ótica do colunista. Assim se porta LB, como guia da elite local, sempre atualizado, com alguns nomes entrando e outros saindo. Para Lúcio, o livro compreende o mundo oficial, as autoridades, as proeminências do empresariado e a nata da vida social e liberal. Observemos dois verbetes – citados no Sociedade Cearense, 2020 – o livro da nata, uma espécie de "Who 's who", quem é quem na sociedade local.

---

<sup>210</sup> BRASILEIRO, Lúcio. [Coluna]. **O Jornal**, Fortaleza, 15 ago. 1958.



FOTOGRAFIA 33 – Livros Sociedade cearense que consegui reunir, são exemplares dos anos de 2014, 2016 e 2020.

No início do livro são apresentados os contatos de 31 autoridades do Estado do Ceará, começando pelo governador – foto a seguir – e terminando com o contato do presidente do sistema FECOMÉRCIO.



FOTOGRAFIA 34 – Verbete governador Camilo Santana. Livro Sociedade Cearense.

Lúcio Brasileiro. p. 3

O autor apresenta os verbetes em ordem alfabética dos sobrenomes, sendo que o primeiro sobrenome que consta no Guia de 2020 é Accioly e o último é Zugaib – origem árabe. Veja o verbete da considerada “grande dama” da sociedade cearense, Beatriz Rosita Gentil – falecida recentemente.

**PHILOMENO**, BEATRIZ GENTIL 30/10  
 Carlos Vasconcelos, 510 – apto 300  
 60115-170  
 tel. 3248-4125  
 beatriz@philomenogomes.com.br

FOTOGRAFIA 35 – Reprodução do verbete de Beatriz Gentil Philomeno Gomes, falecida recentemente.

Livro Sociedade Cearense, edição de 2020, p.163.

Quando o autor apresenta os verbetes de casais, o sobrenome que aparece em destaque é do homem. Por exemplo, no verbete da foto abaixo, Jorge PARENTE, que casou com a Nadia nascida Bezerra. É flagrante a marca de conservadorismo, uma evidente manifestação do patriarcado, o masculino estabelecendo a identidade da elite cearense, enfatizando, ainda, que as mulheres constroem socialmente, no momento em que se casam, passando a tomar de empréstimo o sobrenome do marido.

**PARENTE**, JORGE 25/5  
 NADJA nasc BEZERRA 10/10  
 Beira Mar, 801 – 5º andar  
 60165-120  
 tel. 3219-0900  
 esc. 3261-1120  
 jparente.frota@hotmail.com.br

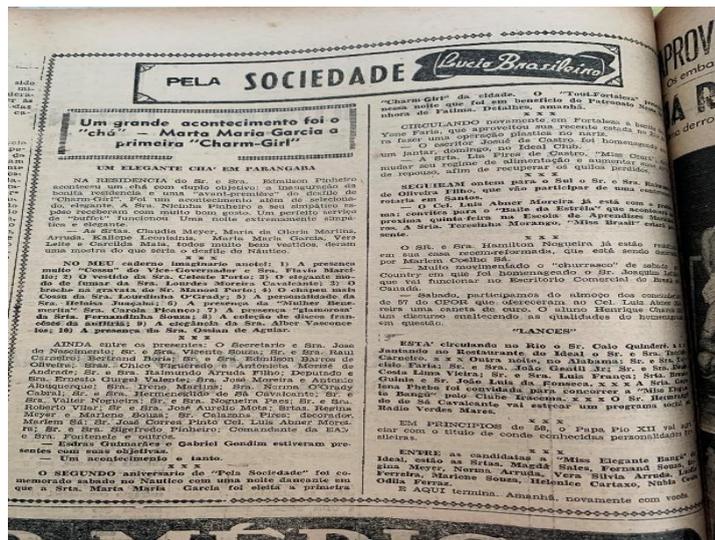
FOTOGRAFIA 36 – Reprodução do verbete do casal Jorge Parente e Nadja Bezerra. Livro Sociedade Cearense, edição de 2020, p.159.

De 1955 para 2021, Lúcio tem sido um fiel narrador da elite fortalezense. Por meio de suas descrições sobre a alta sociedade local, podemos contar boa parte da história do Ceará, pelo menos em seus últimos 66 anos.

Lúcio sempre se preocupou, e muito, com as regras de convívio social, ou a etiqueta social.<sup>211</sup> Era necessário que as pessoas se comportassem de acordo com as regras, demonstrando domínio sobre as mesmas, ação que identificava quem era ou não educado o

<sup>211</sup> As regras de etiqueta, vem desde a era dos faraós egípcios, passando pelo império romano, mas só ganhou força na corte francesa de Luiz XIV, o termo teria aparecido para ‘etiquetar’ ou identificar, separando os nobres dos recém enriquecidos burgueses.

suficiente para merecer estar naquele local. Normalizando o acesso aos clubes normalizado, controla-se as sociabilidades. A coluna a seguir, Lúcio depois de ter ido para uma festa na casa de Edmilson e Nicinha Pinheiro, famosos anfitriões dos anos dourados, diz que “anotou em seu caderno imaginário”, dentre outras coisas, “o modo elegante de fumar da Sra Lourdes Moreira”, quando o hábito de fumar imprimia a elegância e glamour.



FOTOGRAFIA 37 – Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, jornal Gazeta de Notícias, 01 de agosto de 1957.

No período compreendido como os “anos dourados” de Fortaleza, a elite local circulava entre Jacarecanga, Benfica, Joaquim Távora, Aldeota, Meireles, Praia de Iracema e Centro, que ainda mantinha alguns clãs e concentrava o comércio da cidade e escolas tradicionais. Os clubes sociais, considerados mais elegantes, também estavam localizados nessa região da cidade. Era nesses locais que aconteciam as principais festas de Fortaleza, se redutos das elites. Na época, os clubes considerados mais elegantes da cidade eram: Ideal Clube, Náutico Atlético Cearense, Clube Iracema, Maguari Esporte Clube, Clube Líbano Brasileiro, Clube dos Diários, Country Club e Círculo Militar.

Na coluna abaixo, mesmo LB afirmando estar sem assunto, trata da eleição para a nova presidência do Ideal Clube. Apenas com dois anos de atuação como colunista, ele já começa a dar sua opinião. “Logo mais, os associados do Ideal Clube estarão elegendando o novo presidente do clube. A opinião desta coluna é pela vitória do Sr. José Hugo Bastos, devido naturalmente às desistências dos srs Walder Sá e Carloto Pergentino Maia”.



FOTOGRAFIA 38 – Coluna Pela Sociedade Lúcio Brasileiro, jornal Gazeta de Notícias. Data: 30 de março de 1957.

Analisando as colunas de LB no período em que o presente estudo investigou, os clubes sociais mais citados por ele foram o Ideal Clube, Náutico e Maguari Esporte Club, bem como o Clube Líbano. Formavam, assim, os mais elegantes. Essa classificação de ‘elegante’, que os próprios clubes se impunham, era reforçada pela repercussão na imprensa a respeito de todos os eventos que aconteciam nesses locais, inclusive na coluna de LB, que sempre exaltava os clubes, suas festas e estruturas.

De acordo com o colunista, o Ideal Clube é o local da “melhor sociedade”. Foi por meio dele que o menino Newton adentrou no mundo do *high society*. No Ideal encontravam-se representantes dos setores mais tradicionais da sociedade. O cronista se inseriu nesse universo com certa familiaridade, colocando-se em pé de igualdade aos habituais frequentadores:

Como vive o clube mais fechado da cidade? Inicialmente eu devo falar que o Ideal é um clube diferente. É a continuação do lar de quinhentas famílias; Poucas festas (três por ano no máximo), mas uma vida diária [...]. Uma vez disseram que o Ideal era o jardim da residência deste colunista. Concordo, mas não só da nossa, como de muita gente também.<sup>212</sup>

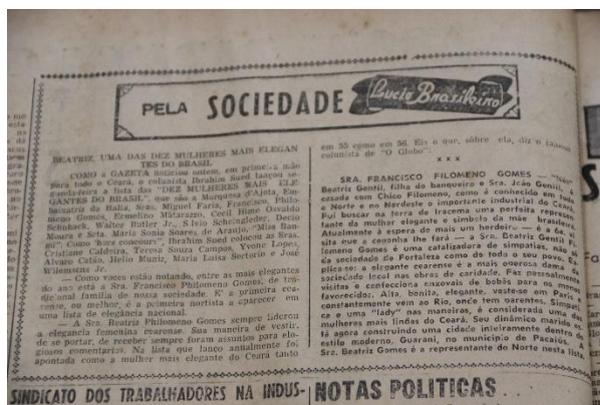
<sup>212</sup> BRASILEIRO, Lúcio. [Coluna]. **O Jornal**, Fortaleza, 15 ago. 1958.

Foi realmente um período de muito prestígio para os clubes sociais, bastante diferente da atualidade, quando é notável a falência dos mesmos. O Náutico é um dos exemplos. Mesmo tendo seu prédio tombado, é notória a deterioração da sede do clube. Percebe-se uma diferença gritante de 1955 para 2019 em termos da elegância e força, das festas e dos clubes sociais que eram ambientes totalmente fechados, quando só entravam os sócios.



FOTOGRAFIA 39 – No Miss Elegante Bangu, que aconteceu nos anos dourados (1958) no Ideal Clube, Esther de Castro, Fernanda Parente, Lucile Nóbrega e Benvinda Saboya. Acervo Lucile Nóbrega.

Lúcio, além de elaborar localmente a lista das 10 Mais, ficou muito feliz ao ver o nome da cearense Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes, entre as 10 mais do colunista Ibrahim Sued. Era o Nordeste ganhando protagonismo:



FOTOGRAFIA 40 – Coluna Pela Sociedade Lúcio Brasileiro, Gazeta de Notícias (5 jan. 1957).

Além dos clubes sociais, algumas residências tornaram-se *points* da alta sociedade local. Eram casais que adoram receber os amigos para confraternizar e brindar a vida. Nomes como Lourdes e Luís Gentil – com a boate Castelo de Bolso, Sulamita e Valdo Cabral, Deusimar Lins Cavalcante e Leônia, Ana Luiza e Eno Porto, Lucile e Cândido Nóbrega, que muito recebiam os amigos em sua boate, apelidada de Cesto, por Lúcio Brasileiro<sup>213</sup>.

Algumas residências também aconteciam muitos eventos ligados à arte como saraus. Chiquita Gurgel – já citada – era figura conhecida da década de 1950, em Fortaleza. Outra personagem de grande colaboração para o desenvolvimento da cultura em Fortaleza foi Nadir Papi Sabóia, que reunia e congregava muitos jovens da cidade em torno do teatro, LB a apelidou de rainha do palco.



FOTOGRAFIA 41 – Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, jornal Gazeta de Notícias. Foto da grande anfitriã Chiquita Gurgel, Samia Pinheiro e da primeira dama do Estado Marieta Cals. 29 set. 1971.

Listo a seguir os sobrenomes mais citados nas colunas de LB; eles estão em ordem alfabética: Accioly, Albano, Albuquerque, Alencar Araripe, Ary, Arruda, Asfor, Barreira, Baima, Boris, Borges, Cabral, Campos, Caracas, Castelo Branco, Cals, Câmara, Câmpello, Capelo, Carneiro, Castro, Conrado Cabral, Costa Lima, Cysne, Cavalcante, De Francesco, Diogo, Dummar, Esteves, Facó, Ferreira, Fernandes Távora, Fiuza, Frota, Frota Gentil, Gaspar de Oliveira, Gentil Porto, Gomes de Matos, Guimarães, Gradvol, Holanda,

<sup>213</sup> Na época, era comum algumas residências de Fortaleza terem suas próprias boates.

Jereissati, Juaçaba, Jucá, Justa (da), Leite Barbosa, Linhares, Machado, Martin, Markan, Meneleu, Meyer, Montenegro, Morais Correia, Moreira da Rocha, O’Grady, Otoch, Parente, Paula Pessoa, Pinheiro, Philomeno Gomes, Picanço, Pompeu de Souza Brasil, Ponte, Pontes, Porto, Proença, Queiroz, Quinderé, Salgado, Sanford, Saraiva Leão, Silveira, Studart, Távora, Telles, Theophyllo, Vasconcelos, Ventura, Vidal, Villar e Weyne. São famílias, que nos anos dourados, eram as mais importantes da capital cearense e que, de alguma forma, representavam a elite de Fortaleza.

Por liderarem a política, o comércio, a indústria, as letras, também elaborei uma lista dos casais mais citados nesse período nas colunas de LB, nos diversos jornais, pelos quais ele passou nesse período. São eles: João e Sara Gentil, Raul e Ilka Carneiro, Manoel e Celeste Porto, Luis e Lurdes Gentil, Silvio e Edite Leal, Lêda e Antonio José Gentil, Deusimar e Leônia Lins Cavalcante, Fausto e Lucy Cabral, Elias e Anita Bachá, Paulo e Albanisa Sarasate, Virgílio e Luiza Távora, Parsifal e Olga Barroso, Helena e Francisco Jereissati, Aduino e Lígia Bezerra, Carlos e Maria de Lourdes Jereissati, Galba e Lenira Borges, Elísio e Samia Pinheiro, Paulo e Maruzia Carvalho, Tarcísio e Marcília Tavares, Yolanda e Edson Queiroz, Edmilson e Nicinha Pinheiro, Branca e Josué de Castro, Lea e Pedro Boutgnole, José Flávio e Hebe Costa Lima, Xafy e Lourdes Ary, Humberto e Norma Bezerra, Waldo e Sulamita Cabral, Marcelo e Irismar Linhares, Jorio e Tereza da Escóssia, Cândido e Lucile Nóbrega, Milton e Maggy Moraes Correia, Paulo e Lourdinha O’Grady, Manoel Eduardo e Heldine Campos, Hilário e Silva Macedo, Cesar e Ignez Fiuza, Luis e Lorena Frota, Paulo Luciano e Maristher Gentil.

Ao longo do presente trabalho, teci uma análise sobre as crônicas sociais escritas pelo colunista social Lúcio Brasileiro no período de 1955 a 1965 em Fortaleza para entender por quem e como era formada a elite local, naquela época, conhecida como os “anos dourados”.

Outro detalhe interessante é a forma como LB escreve, evita sempre o “que”, “a”, “lhe” e “se”, pois acredita que os artigos, pronomes e preposições “mancham os textos”. O cronista também evita palavras terminadas em “ão”, que segundo o mesmo, fazem “rima pobre”, assim, ele usa “recomenda”, em vez de “recomendação”. LB transforma os advérbios que implicam em “mente” em adjetivos, portanto, em vez de usar “vindo especialmente de Brasília”, ele usa “vindo especial de Brasília”.

Pode parecer óbvio, mas a partir dessas análises, fui observando durante todo o processo de investigação que a elite local era composta por uma restrita parcela da sociedade que preenchia certos requisitos, tinha uma boa formação educacional e cultural, se portavam adequadamente, frequentavam os lugares certos, possuíam uma situação financeira abonada, formando assim a mais fina e elegante sociedade fortalezense.

Em suas crônicas Lúcio Brasileiro sempre trata personagens e locais como “elegantes”, “gente de bem”, ou “destacada figura da nossa sociedade” fazendo assim uma diferenciação de quem merece ou não estar no *grand monde* de Fortaleza, servindo de amostra e de como era importante a diferenciação social, todos sempre recebendo ou cercados de elogios por parte do cronista, gerando assim diferenciação de outros grupos.

Nesse trilhar o cronista Lúcio Brasileiro tem registrado o vai e vem da elite fortalezense de forma *sui generis*. Não tenho nenhuma dúvida que o material produzido por ele, registrando o vai e vem da elite, apresenta aos pesquisadores das Ciências Sociais um universo de possibilidades de temáticas de estudos que podem envolver representação social, poder local, questão de gênero, raça, sexualidade, patrimônio público, dinâmica da política estadual, etiqueta social e por aí vai. Ao encerrar este trabalho quero reafirmar que não se encerram as inúmeras possibilidades para o futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os homens podem formular seu conhecimento de acordo com o que percebem como seus interesses imediatos, mas também podem formular o que percebem como seus interesses imediatos de acordo com o seu conhecimento.

(Norbert Elias)

Ao longo do presente trabalho, teci uma análise sobre as crônicas sociais escritas pelo colunista social Lúcio Brasileiro no período de 1955 a 1965 em Fortaleza para entender por quem e como se formava a elite local nos conhecidos “anos dourados”.

Sem querer que pareça ser uma visão estática da composição da elite cearense, as elites, estão presentes em todos os diversos setores da sociedade, como na política, economia, judiciário e cultura. São as pessoas que “tem em mãos”, o poder de decisão no Estado do Ceará.

Na política, a elite é composta pelos membros do poder executivo, governador, prefeito da capital e de alguns municípios mais importantes, secretários do Estado e do município. Do legislativo temos os senadores, deputados federais, deputados estaduais e vereadores de Fortaleza. Insiro aqui também os integrantes do Tribunal de Contas da União e Tribunal de Contas do Estado, que são órgãos consultivos do legislativo federal e estadual, respectivamente. Podemos encaixar na “seara” da política, pelo menos nesse período de análise, os militares.

Na economia pensamos em todos os nomes do empresariado local, industriais, ligados à Federação das Indústrias do Estado do Ceará – FIEC, comerciantes que são ligados institucionalmente à Câmara de Dirigentes Lojistas - CDL, Sistema da Federação do Comércio e a ACC – Associação Comercial do Ceará, nesse grupo podemos incluir todos os empresários do setor de serviços, como exemplo, donos de hotéis, ou setor financeiro como banqueiros e investidores.

Podemos também considerar os integrantes do judiciário local como integrantes da elite local. São desembargadores e juizes do Tribunal de Justiça do Ceará, do Tribunal

Regional do Trabalho da 7ª Região e também os integrantes do Tribunal Regional Eleitoral. Os promotores e procuradores do Ministério Público, estadual e federal, e da Defensoria Pública, estadual e municipal.

Lembro também que alguns cearenses ocupam cargos no Supremo Tribunal Federal, Superior Tribunal de Justiça, Tribunal Superior do Trabalho, Tribunal Superior Eleitoral Superior Tribunal Militar, todos sediados em Brasília.

A *seara* cultural apresenta escritores, atores, artistas plásticos, músicos, acadêmicos como os imortais da Academia Cearense de Letras, do Instituto histórico e geográfico, além dos intelectuais e professores e reitores das universidades.

Em suas crônicas Lúcio Brasileiro sempre trata personagens e locais como “elegantes”, “gente de bem”, “destacada figura da nossa sociedade” fazendo assim uma diferenciação de quem merece ou não estar no *grand monde* de Fortaleza, servindo de amostra e de como era importante a diferenciação social, todos sempre recebendo ou cercados de elogios por parte do cronista gerando assim diferenciação de outros grupos.

As colunas sociais de LB no período analisado são fontes capazes de investigar as elites do Ceará, mesmo com pouca idade e pouca experiência ele, como cronista, foi capaz de seleção do *creme de la creme* de Fortaleza.s.

A frequência aos clubes sociais e aos eventos mais glamorosos, nomes e tradições familiares, educação e cultura, costumes e moral, visualidade que exibem, rede de amizades e a forma como são retratados, são elementos que constroem a imagem da elite que se vê diferente dos outros.

A elite fortalezense, no período analisado, teve sua representação construída com base em elogios, definindo-se sempre “melhor”, para assim diferenciar-se dos outros grupos. Esses elogios servem para mostrar que as elites são possuidoras do “gosto legítimo”. As crônicas sociais, de uma forma geral, mostram o que se quer mostrar, o que se quer ser e não necessariamente o que se é.

Concluo, afirmando mais uma vez, que as colunas sociais são excelentes fontes para se entender as elites locais e regionais. A elite só é elite se existir quem não seja como ela, por isso é sempre importante que a crônica social, ao retratar as elites, exponha seus “gostos”, seu *habitus* e até suas aversões. A produção do cronista está associada ou em função da manutenção dos interesses da elite. Toda narrativa produzida, vai ao espectro da elite que está no poder, e obviamente merece portanto ser objetos de suas crônicas.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 121.

BARBOSA, Lourdinha Leite Barbosa. *Barão de Camocim: uma história real tecida com os fios da imaginação*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2016.

BARROSO, Gustavo. *Mississipi*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BOTTOMORE, Thomas Burton. *As elites e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASILEIRO, Lúcio. [Coluna]. *O Jornal*, Fortaleza, 15 ago. 1958.

BRASILEIRO, Lúcio. [Entrevista]. Disponível em: [www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788](http://www.revistafale.com.br/blog/fale/?p=2788)). Acesso em: 4 nov. 2021.

BRASILEIRO, Lúcio. *500 contos de reis*. Jubileu de Esmeraldas. Fortaleza, Gráfica LCR, 2011.

BRASILEIRO, Lúcio. *Assim falava Paco*. Fortaleza: LCR, 2007.

BRASILEIRO, Lúcio. *Até Agora*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

BRASILEIRO, Lúcio. *Blog de Lúcio Brasileiro na quinta avenida*. Disponível em: <http://luciobrasileiro.com.br/2022/01/19/ilustradas-773/>. Acesso em: 4 set. 2022.

BRASILEIRO, Lúcio. *Longe de Dizer Adeus*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2009.

BRASILEIRO, Lúcio. *Pela Sociedade*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

BRASILEIRO, Lúcio. *Sociedade Cearense 2020*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2020.

BRASILEIRO, Lúcio. *Sociedade Cearense, 2014*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2014.

BRASILEIRO, Lúcio. *Sociedade Cearense, 2016*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2016.

BRASILEIRO, Lúcio. Talvez implantação... *O Povo*, Fortaleza, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/colunas/luciobrasileiro/2018/12/tendo-de-permanecer.html>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BUSINO, Giovanni. *Élites e élitisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

CARVALHO, Jader de. *Aldeota*. São Paulo: Exposição do Livro, 1963.

CASTIGLIONE, Baldassare. *O cortêsão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CASTRO, José Liberal de. [Prefácio]. In: PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidades e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão, 2005. p. 5-9.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVII*. São Paulo, Editora UNESP, 2007.

CHAVES, Gilmar; VELOSO, Patrícia; CAPELO, Peregrina. (org.). *Ah, Fortaleza!: 1880-1950*. Fortaleza: Terra da Luz, 2006.

COENEN-HUTHER, Jacques. *Sociologia das elites*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2004.

COSTA, Angela Marques; SCHWARTZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Lustosa da. *Um brasileiro muito especial*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revista ilustradas Fon-Fon! e Careta! (1908-1921)*. 2008. 2 v. 509 p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CUNHA, Rui Vieira da. *O parlamento e a nobreza brasileira*. Brasília: Senado Federal, 1979.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: EDIPRO, 2012.

ELITE. *In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 730.

ÉLITE. *In: LE ROBERT: dico em ligne*. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/elite>. Acesso em: 8 dez. 2021.

ERBOLATO, Mário. *Jornalismo especializado*. São Paulo: Atlas, 1983.

FARIAS, Airton de. *História do Ceará*. Fortaleza, Armazém da Cultura, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREYRE, Gilberto. A crônica social. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 set. 1978.

GIRÃO, Blanchard. *Sessão das quatro: cenas e atores de um tempo mais feliz*. Fortaleza: ABC editora, 1998.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC/Instituto Myra Eliane, 2019.

GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. A reportagem como experiência etnográfica. *Anuário de Jornalismo*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2000, p. 198-213.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo das elites locais. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 35-59, 23 set. 2007.

GONÇALVES, José Mauro. *“Café-Society”*: *confidencial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Uma dama da belle époque de Fortaleza: Maria de Lourdes H. Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1989.

HOLANDA, Firmino. *Orson Welles no Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

KOVÁCS, Anamaria. Coluna social: linguagem e montagem. *Revista Comum*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 37-90, jan./mar. 1979.

LEÃO, Danuza. Ser especial. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 nov. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/80046-ser-especial.shtml>. Acesso em: 8 nov. 2021.

LOPES, José Augusto. *Colunistas e colunáveis: entrevistas sobre comportamento social*. Fortaleza: ABC, 1997.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. X-X.

MARTINS, Felipe Mattei; VITORINO, Artur José Renda Vitorino. *Mudança estrutural da esfera pública*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2019.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (Org.). *Figueiredo Pimentel, um polígrafo na belle époque*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2019.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.

MILLS, Charles Wright. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MIRANDA, José Tavares de. *Boas maneiras e outras maneiras*. São Paulo: Bestseller, 1965.

MOREIRA, Cássio. O Golpe de 1964 foi contra o Trabalhismo. *Correio do Povo*, Fortaleza, 24 abr. 2013. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/o-golpe-de-1964-foi-contra-o-trabalhismo-1.297937>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MULHER de Renato Aragão se desculpa após comparar aeroporto com rodoviária. *Isto É*, São Paulo, 27 maio 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/mulher-de-renato-aragao-se-desculpa-apos-comparar-aeroporto-com-rodoviaria/>. Acesso em: 6 nov. 2021.

MULLER, Maneco. *O dia em que o criador do moderno colunismo social enganou a rainha da Inglaterra no Maracanã!*: [entrevista para Geneton Moraes]. 20 mar. 2004. Disponível em: <http://www.geneton.com.br/archives/000030.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Catarina Simões. [Prefácio]. In: CARVALHO, Jader de. *Aldeota*. São Paulo: Exposição do livro, 1963. p. 9-11.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. *O universo do luxo*. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2019.

PARETO, Vilfredo. *Compendio di sociologia generale*. Firenze: G. Barbera, 1920.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Dominique. *La violence des riches: chronique d'une immense casse sociale*. Paris: La Découvert, 2013.

POLÍGRAFO. In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1517.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2014.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidades e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Notas sobre o conceito de marginalidade social. In: PEREIRA, Luiz (Org.). *Populações “marginais”*. São Paulo: Duas Cidades, 1978. p. X-X.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

RICUPERO, Rodrigo. *A formação da elite colonial no Brasil (de 1530 a 1630)*. Rio de Janeiro: Alameda, 2009.

RIEDEL, Beatriz Helena Nogueira Diógenes. *Aldeota, um bairro em mutação*. 1984. 2 v. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura e Instrumentação Crítica) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1984.

RIO Magazine, Rio de Janeiro, ago. 1949, p.26-31.

ROUZIC, Louis. *L'élite: son rôle et sa formation*. Paris: P. Lethiaelleux, 1928.

SALES, Antônio. *Retratos e lembranças*. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva, 1938.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Enquanto houver champagne, há esperança: uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

SCOTT, John. Les élites dans la sociologie anglo-saxonne. In: SULEIMAN, Ezra; MENDRAS, Henri. *Le recrutement des élites en Europe*. Paris: Editions La Découverte, 1995. p. X-X.

SILVA, Carlos Alberto. *A crônica social esquecida: a trajetória do jornalista José Tavares de Miranda*. [S.l.: s.n., 18--?].

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro, Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Rogério Martins. *Colunismo e redemocratização: das colunas sociais às notas informativas e políticas. 1º Colóquio em comunicação e sociabilidade*. UFMG, 2008. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA\\_rogerio .pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA_rogerio.pdf). Acessado em 16/02/2017.p.71.

SUED, Ibrahim. *20 anos de caviar*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1973.

SUED, Ibrahim. *Vida, sexo, etiqueta e culinária (do rico e do pobre)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SUED, Isabel. *Ibrahim Sued: em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará: a queda da oligarquia Accioly*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. p. 123.

THOMPSON, John Brookshire. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIANA, Karoline. Lúcio Brasileiro, 50 anos de jornalismo. *Portal Imprensa*, 30 maio 2005.

Disponível em:

[https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/4129/lucio+brasileiro+50+anos+de+jornalismo](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/4129/lucio+brasileiro+50+anos+de+jornalismo). Acesso em: 8 nov. 2021.

WEBER, Max. *Economy and society*. Berkeley: University of California Press, 1978.

Coluna Lúcio Brasileiro, jornal **O Povo**, p.20. Data: 25 de abril de 2019.

Coluna Lúcio Brasileiro, jornal **O Povo**, p.14. Data: 11 de abril de 2019.

Coluna Lúcio Brasileiro, jornal **O Povo**, p.16. Data: 13 de setembro de 2018.

Coluna Lúcio Brasileiro, jornal **O Povo**, p.16. Data: 05 de outubro de 2018.

Coluna Binóculo de Figueiredo Pimentel no jornal **Gazeta de Notícias**, p.4. Data: 14 de julho de 1909.

Coluna Binóculo de Figueiredo Pimentel, no jornal **Gazeta de Notícias**, p.3. Data: 20 de agosto de 1909.

Coluna Binóculo de Figueiredo Pimentel, jornal **Gazeta de Notícias**. Data: 28/10/1909.

*Crítica literária ao livro café-society de José Mauro Gonçalves*. Data: 02 de dezembro de 1956. p. 9.

Coluna De Jacintho de Thormes, jornal **Diário Carioca**, p.6. Data: 21 de julho de 1945.

Coluna de Jacintho de Thormes, Jornal **Diário Carioca**, p.6. Data: 15 de maio de 1945.

Coluna Reportagem Social de Ibrahim Sued, jornal **O Globo**. Data: 20 de janeiro de 1955.

Coluna de Zózimo Barrozo do Amaral no **JB**, p3. Data: 05 de fevereiro de 1969.

Coluna de Zózimo Barrozo do Amaral no **JB**, p.3. Data: 02 de janeiro de 1980.

Coluna de Zózimo Barrozo do Amaral, jornal **O Globo**, 1999.

Cartaz do primeiro concurso de Miss Ceará, em 1930. *Senhorina Magnólia Cavalcante, concorre a Miss Fortaleza, enquanto a senhorina Alba Ferreira, concorre a Miss Ceará*.  
Fonte site Fortaleza Nobre.

Primeira coluna de Lúcio Brasileiro, no Jornal **Gazeta de Notícias** de 13 de agosto de 1955.

Anúncio estreia do programa Lúcio Brasileiro no jornal **Gazeta de Notícias**. Data: 01 de abril de 1962.

Coluna Lúcio Brasileiro informa, jornal **Gazeta de Notícias**. Data: 02 de outubro de 1959.

Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, jornal **Gazeta de Notícias**. Data: 02 de agosto de 1972.

Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, jornal **Gazeta de Notícias**, 01 de agosto de 1957.

Coluna Pela Sociedade Lucio Brasileiro, jornal **Gazeta de Notícias**. Data: 30 de março de 1957.

No *Miss elegante Bangu*, que aconteceu nos anos dourados (1958) no Ideal Clube, Esther de Castro, Fernanda Parente, Lucile Nóbrega e Benvinda Saboya. Acervo Lucile Nóbrega.

Coluna Pela Sociedade Lúcio Brasileiro, jornal **Gazeta de Notícias**. Data 05 de janeiro

Coluna Pela Sociedade de Lúcio Brasileiro, jornal **Gazeta de Notícias**. Foto da grande anfitriã Chiquita Gurgel, Samia Pinheiro e da primeira dama do Estado Marieta Cals. Data: 29 de setembro de 1971.